

MACAU

IV Série - Nº 5

Dezembro, 2006 Trimestral

- AS PREVISÕES PARA 2007
- PERFIL DE SANTANA CARLOS
- COMO APRENDER CHINÊS

Gilberto Gil em entrevista

“O mundo da língua portuguesa não é totalmente tomado pela racionalidade.”

Director

Victor Chan Chi Ping

Director Executivo

Louie Wong Lok I

Editor Executivo

Fernando Sales Lopes

Propriedade

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

Endereço

Avenida da Praia Grande, n.º. 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

Produção, Gestão e Distribuição

Delta Edições, Lda.
Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601
e-mail: info@deltapublishing.com.mo

Editor

Luís Ortet

Direção Gráfica

José Manuel Cardoso
Graffiti - Arte & Comunicação

Colaboradores Permanentes

Ina Chiu, Luis Pereira e Patrícia Lemos

Colaboraram nesta edição

Augusto Vilela, Carmo Correia (fotografia),
Fernando Madeira (fotografia), Gilberto Lopes,
Luís Andrade de Sá, Marco Antinossi, Marta Melo,
Omar Camilo (fotografia), Ricardo Bordalo e
Rómulo Fritscher (fotografia)

Administração, Redação e Publicidade

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E
Edif. Centro Comercial "First International"
14.º andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

Impressão

Tipografia Welfare, Macau

Tiragem

3 500 exemplares
ISSN: 0871-004X

Uma nova face de Gilberto Gil, ícone da música e da cultura brasileiras, é dada a conhecer na conversa que com ele tivemos na sua residência do Rio de Janeiro e que reproduzimos na nossa secção "Entrevista", a abrir esta edição da **MACAU**. Muito além da imagem estereotipada que muitos ainda conservam do criador de "Aquele abraço", o também ministro da Cultura transporta-nos ao seu mundo de reflexões, cobrindo facetas tão diversas como a sua visão da China no contexto mundial, o papel de Macau como portal de acesso e a identidade do Brasil e do mundo de língua portuguesa em geral, sem esquecer aquilo a que chama a costela "taoista" da cultura brasileira.

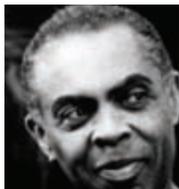
Outra face do Brasil surge nas nossas páginas: a da actriz Lucélia Santos, que visitou Macau no contexto da realização do Fórum para a Cooperação entre a China e os Países de Língua Portuguesa e da Feira Internacional de Macau (MIF), no passado mês de Setembro. Lucélia Santos, que foi um fenómeno de popularidade, não só no Brasil mas também na própria China, ao protagonizar, nos anos 70, a telenovela "Escrava Isaura", fala do trabalho que tem desenvolvido na promoção do intercâmbio cultural entre os dois países.

António Santana Carlos, que até recentemente foi o embaixador de Portugal na República Popular da China, acaba de fechar o ciclo da sua ligação ao Oriente. Uma relação que começou quando, em 1996, foi nomeado para chefiar a representação portuguesa no Grupo de Ligação Conjunto Luso-Chinês sobre a Questão de Macau, cargo que desempenhou até Dezembro de 1999, na data do retorno do território à China. A sua vida e a sua obra são passadas em revista na nossa secção "Perfil".

Finalmente, a importância crescente que a língua chinesa tem vindo a ganhar no mundo é também abordada nesta edição. A recente criação do Instituto Confúcio, para promover a língua e a cultura chinesas além-fronteiras, tem desempenhado um papel de catalisador neste processo. Mas não só. Como o leitor poderá ler, são várias as alternativas ao dispor dos interessados na aprendizagem da língua, quer no próprio país em que viva, quer na China, incluindo Macau, quer ainda no ciberespaço. ■

Luís Ortet

CAPA



Muito antes de ser ministro da Cultura do Brasil ele já era famoso, já era

Gilberto Gil. Filho de um médico e de uma professora primária, Gilberto Passos Gil Monteiro nasceu em Salvador da Baía em 1942, formou a sua imagem de músico e de estrela ao longo das décadas de 60 e 70 e nunca mais parou. Negando o pessimismo, não acha “que tenhamos definitivamente decepcionado como sociedade humana”, tendo em conta que “o erro é um atributo natural” e que “a imperfeição é a medida do homem” .

SANTANA CARLOS



O ex-embaixador de Portugal na China e antigo chefe da delegação

portuguesa ao Grupo de Ligação Conjunto (órgão de consulta sino-português), António Santana Carlos, despediu-se do Oriente (e de Macau). Um momento de balanço do que foi o período de transição do território, das relações entre Portugal e a China e também de apreciação do papel que este último país está a ter no mundo: “A China vai continuar a funcionar com estabilidade, o que é bom para o mundo”.

CLUB LUSITANO



O Club Lusitano de Hong Kong foi fundado há quase 140 anos e viveu momentos

de esplendor, que reflectiam a pujança da presença portuguesa e macaense na então colónia britânica. No presente, o moderno “Club Lusitano Building”, no coração da cidade, é como que um monumento a esse passado. Com a progressiva rarefacção da comunidade de portugueses e luso-descendentes, o Club prepara-se agora para abrir as suas portas a outras comunidades, como único caminho para a sobrevivência.

■ Entrevista

Gilberto Gil:

Duas vezes luminoso, 4

Augusto Vilela e Rómulo Fritscher

■ Brasil-China

Imprensa quer saber mais sobre a China, 20

Marco Antinossi

■ Brasil-China

A “garota China”, 26

Marta Melo

■ Cabo-Verde

Cooperação que vem de longe, 30

Ricardo Bordalo e Omar Camilo

■ Comunidades

Lusitano abre as suas portas, 34

Luis Pereira

Um clube único no mundo, 42

Luís Andrade de Sá

■ Perfil

O negociador, 58

Gilberto Lopes e Fernando Madeira

■ Turismo

Da Ásia... e para a Ásia, 68

Luis Pereira

■ Turismo

Turismo quer-se integrado, 76

Luis Pereira

■ Língua

“Ni hao!”, 84

Luis Pereira

■ Almanaque

Ano do Porco, 98

Luís Ortet e Ina Chiu

SECCÕES

■ CASAS DE MACAU, Pag. 44

■ NOTICIÁRIO, Pags. 56 e 96

■ NOTICIÁRIO ESPECIAL, Pags. 46, 54 e 112

■ CARTAZ, Pag. 114

■ RETRATO, Pag. 124

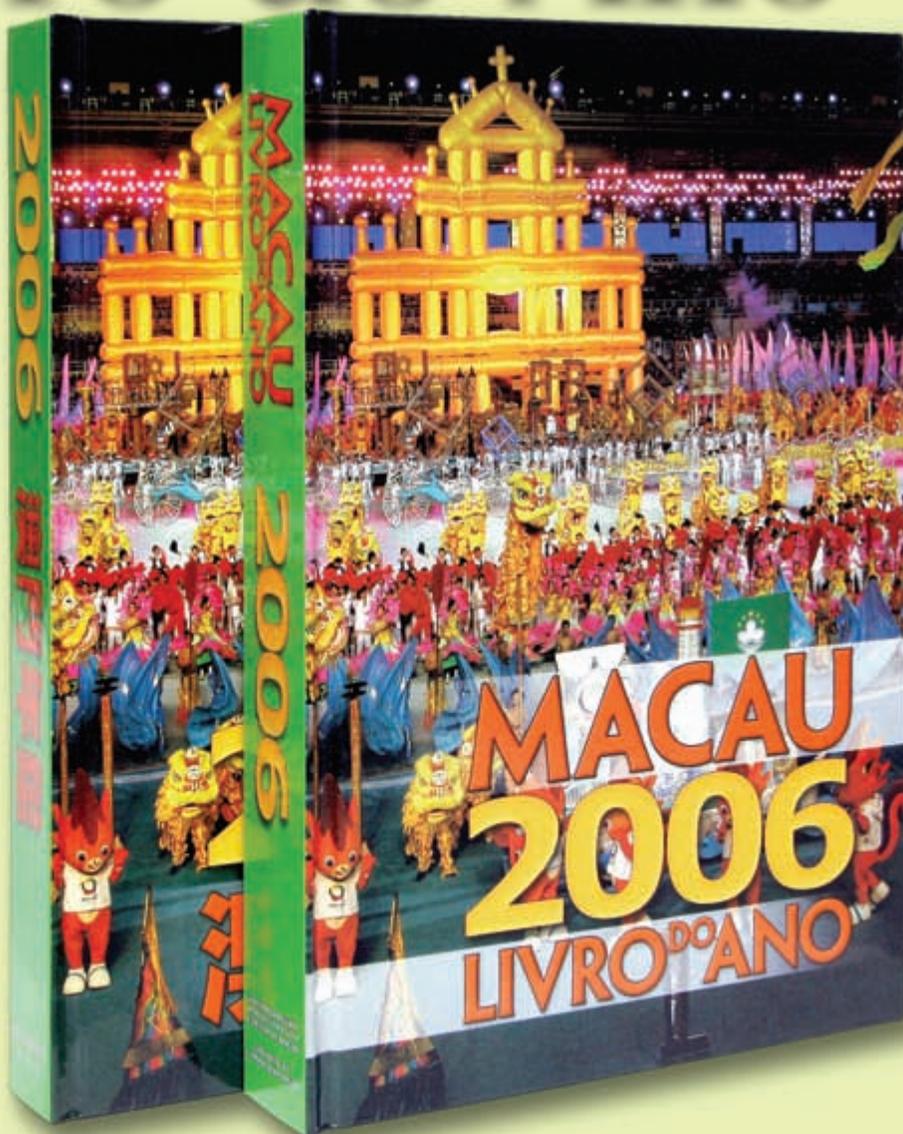
Macau 2006 Livro do Ano

MACAU 2006

Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial.

MACAU 2006

Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas.



As edições chinesa e portuguesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e, ainda, na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos serviços de correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa, na Imprensa Oficial (Sede) e Loja da Imprensa Oficial sita na Rua do Campo Edifício Administração Pública; e em Hong Kong na Commercial Press (HK) LTD e Cosmos Books LTD.

Duas vezes luminoso

O facto de Gilberto Gil ter sido chamado para o cargo de ministro da Cultura não representou uma interrupção na sua carreira de eterno criador e símbolo da música popular brasileira. Ainda realiza *tournées* e acaba de relançar o seu último sucesso, “Gil Luminoso”



Quando o Presidente Lula da Silva, após a sua histórica chegada ao poder convidou Gilberto Gil para ocupar o cargo de ministro da Cultura, a escolha terá surpreendido, mas era inquestionável. O prestígio do escolhido como músico, cantor, artista, intelectual, e principalmente o seu perfil como figura universal no mundo da cultura, não deixavam grande margem de controvérsia mesmo para os mais fundamentalistas opositores do Presidente.

Alguns pensaram, no entanto, que o novo ministro seria essencialmente uma figura tutelar, mais centrada num papel de influência nas políticas do que propriamente na acção, conhecida que é a falta de vocação que artistas e intelectuais geralmente demonstram para o desempenho de cargos políticos ou de gestão.

Surpresa para uns, menos surpresa para aqueles que melhor o conheciam, em poucos meses, Gilberto Gil, mudou radicalmente o paradigma da política cultural brasileira. Tomou posse em

Janeiro de 2003 e logo deu início a uma reforma estrutural do Ministério da Cultura. Agilizou estruturas, descentralizou, alterou os critérios de incentivos. Tudo com o objectivo de levar a todo o país, desde o litoral desenvolvido do eixo São Paulo-Rio de Janeiro às pequenas comunidades do vasto interior brasileiro, um projecto cultural novo, capaz de transformar os cidadãos e a sociedade.

Um dos seus grandes instrumentos foi a criação dos chamados Pontos de Cultura, nem sempre bem aceites pelos privilegiados do sistema anterior, mas que foi a fórmula encontrada para “atender áreas periféricas que nunca foram atendidas”. Isto valeu-lhe críticas de figuras importantes da cultura brasileira, mesmo de alguns amigos, mas a polémica parece estar agora ultrapassada pela realidade que é o êxito desta iniciativa.

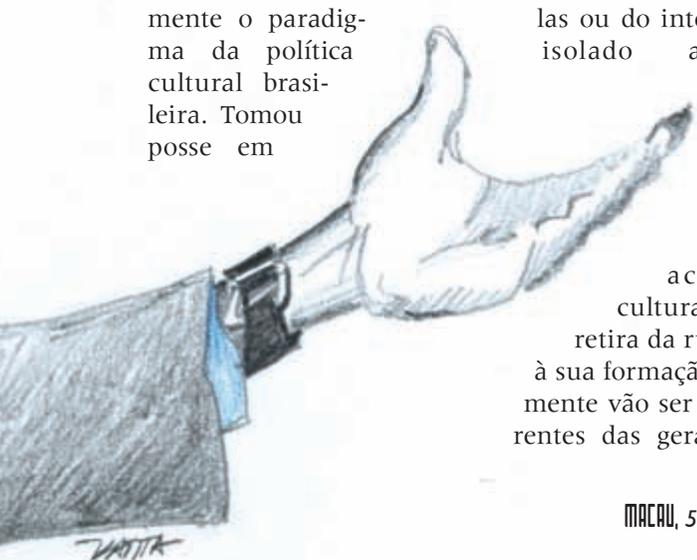
Com esses Pontos de Cultura que Gilberto Gil está a espalhar por todo o país, os meninos das favelas ou do interior mais isolado aos quais foi proposta a pequena actividade cultural que os retira da rua e ajuda à sua formação, seguramente vão ser bem diferentes das gerações que

os antecederam. Serão um novo rosto do Brasil a despontar.

Embora Gilberto Gil, nos anos 80, tivesse já feito uma incursão na política como vereador do ambiente da Prefeitura da Baía, onde deixou um conjunto de iniciativas inovadoras, talvez nunca tenha passado pelo seu espírito a ideia de alguma dia vir a ser ministro, mas este casamento entre cultura, arte e política, revelou-se uma união de sucesso. Saber como encarou o artista esta nova situação era uma pergunta que se impunha, mas que ele também deve ter feito a si próprio algumas vezes. Não admira que a resposta seja pragmática embora não desprovida de alguma ironia.

“Vejo isto com as mesmas reservas clássicas que Platão já tinha, mas também com muita generosidade, com muita capacidade generosa de compreender a possibilidade de uma nova relação entre o poeta e a República. Foi por isso que aceitei. É um desafio”.

Facto talvez raro, a política não anulou o artista, o poeta, o músico, o filósofo e o humanista. A arte também não anulou o político. Revelou, sim, um novo perfil de político que ninguém estava habituado a ver. Os dois mundos coexistem nele para bem de ambos. E em Julho do mesmo ano em que tomou posse, Gil tirou mesmo um mês de licença no seu



ministério para fazer uma tournée pela Europa com um *show* dividido com Maria Bethânia.

A sua actividade como artista nunca foi interrompida. Além dos muitos espectáculos em que tem participado, ainda arranjou tempo para outras actividades como a presença em 2005 num baile de beneficência no Mónaco organizado pela princesa Carolina ou compor, em francês, o hino para o festival de Dakar "*La Renaissance Africaine*".

A África e as suas culturas nativas é uma presença constante no pensamento deste baiano que as exalta, as sintetiza e lhes dá expressão na sua vastíssima e variada obra.

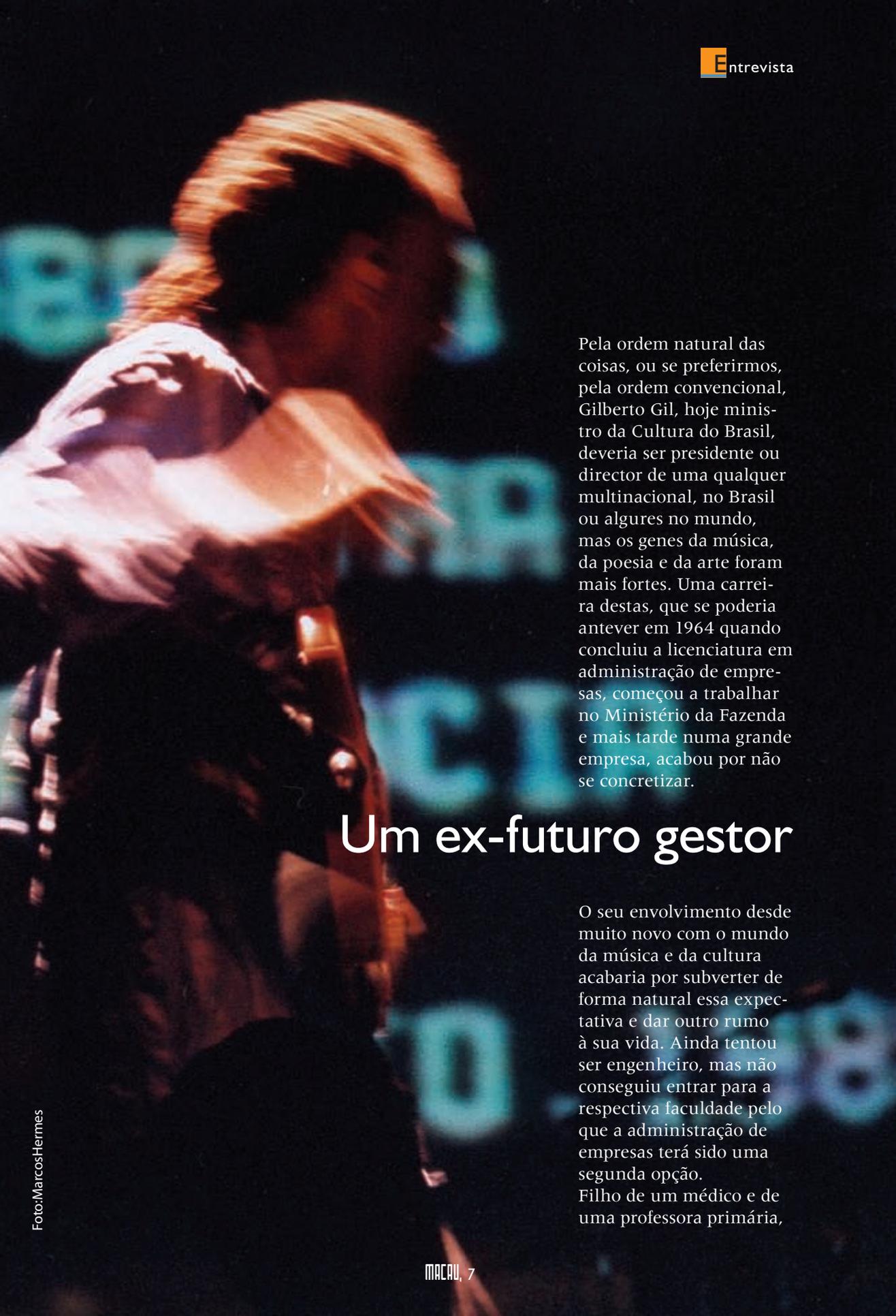
Reconhece, no entanto, que a visão do mundo dito civilizado, do mundo desenvolvido em relação à África ainda é "neocolonialista" e apenas para expansão de mercados, obtenção de mão-de-obra e matérias-primas baratas e criação de mercados de excedentes.

"Enquanto a situação permanecer assim – reconhece – não teremos realmente desenvolvimento global justo, harmonioso e digno, propriamente, das palavras avanço e civilização".

Para alterar este quadro, Gilberto Gil lembra a necessidade de criar espaço para que a África seja considerada com a sua contribuição, com as heranças que vêm do passado.

"É preciso que o mundo dito civilizado e desenvolvido considere a África como um dos factores dessa própria civilização que foi obtida por elas". E cita Caetano Veloso, quando este afirma que "a África civilizou o Brasil" acrescentando que se a África não tivesse vindo para o Brasil este não teria o processo civilizacional que tem hoje.

"É fundamental que o mundo desenvolvido considere isso e abra efectivamente o espaço para essa diversidade de modos de ser, de modos de conceber a vida, de conceber a ciência e o progresso". ■



Pela ordem natural das coisas, ou se preferirmos, pela ordem convencional, Gilberto Gil, hoje ministro da Cultura do Brasil, deveria ser presidente ou director de uma qualquer multinacional, no Brasil ou algures no mundo, mas os genes da música, da poesia e da arte foram mais fortes. Uma carreira destas, que se poderia antever em 1964 quando concluiu a licenciatura em administração de empresas, começou a trabalhar no Ministério da Fazenda e mais tarde numa grande empresa, acabou por não se concretizar.

Um ex-futuro gestor

O seu envolvimento desde muito novo com o mundo da música e da cultura acabaria por subverter de forma natural essa expectativa e dar outro rumo à sua vida. Ainda tentou ser engenheiro, mas não conseguiu entrar para a respectiva faculdade pelo que a administração de empresas terá sido uma segunda opção. Filho de um médico e de uma professora primária,

Gilberto Passos Gil Monteiro – Gilberto Gil – nasceu a 26 de Julho de 1942 em Salvador da Baía, mas vinte dias depois foi viver para Ituaçu, no interior do Estado. Só regressou à cidade natal para fazer o curso ginásial.

Sob a influência de Luiz Gonzaga, em 1952, começou a aprender acordeão, a princípio com aulas particulares e mais tarde numa Academia que frequentou até 1956.

Escreveu os seus primeiros poemas em 1959. “Triste serenata”, um deles, seria mais tarde musicado. Foi acordeonista no conjunto “Os Desafinados” tocou até 1961 em festas de aniversários, escolas e clubes de Salvador, ao mesmo tempo que começa a aprender violão, influenciado por João Gilberto e pela bossa nova. “Gilberto Gil – sua música, sua interpretação” foi o seu primeiro disco, gravado em 1963, ano em que, no decorrer de uma viagem a São Paulo para fazer um teste na empresa Gessy Lever, conhece Caetano Veloso e pouco depois Maria Bethânia e Gal Costa. Nessa época Gilberto Gil estava em formação para director da empresa, mas à noite tocava e cantava em bares. Estabelece parcerias com outros artistas, a música toma conta da sua vida e cada vez são mais os espectáculos em que participa.

Sob a direcção de Caetano

Veloso apresenta em Março de 1965 o seu primeiro *show* individual, no Teatro Vila Velha.

O ano de 1966 marca decisivamente a sua carreira. Destaca-se na televisão, no programa “O Fino da Bossa” apresentado por Elis Regina na TV Record e é contratado pela Philips para fazer o seu primeiro

pela ditadura para retirar a liberdade aos artistas e aos cidadãos. Os dois foram levados para um quartel do exército no Rio de Janeiro. Em Julho, após um *show* de despedida no Teatro Castro Alves, os dois partem com as respectivas mulheres para o exílio em Londres, onde vão morar no bairro de Chelsea.



The Royal Swedish Academy of Music atribuiu o Prémio Polar de Música de 2005 a Gilberto Gil

LP. Abandona o emprego, muda-se com a mulher e a filha para o Rio onde no final do ano estreia com Maria Bethânia e Vinicius de Moraes o *show* “Pois é”. O Brasil vivia nessa altura sob a ditadura militar. No dia 27 de Dezembro, Gilberto Gil e Caetano Veloso são presos em São Paulo, ao abrigo do chamado Acto Institucional nº 5, instrumento usado

Juntamente com Caetano Veloso e outros músicos, desenvolve uma intensa actividade criativa. A partir de Londres, a sua carreira inicia uma curva ascendente que o levaria ao mais alto reconhecimento internacional. Os grandes palcos do mundo abrem-se à sua música. Ao longo destas décadas, centenas de espectáculos e tournées por todos os

continentes fazem-lhe um curriculum impossível de enumerar pela sua extensão.

Ainda em Londres, participa num *Jam Session*, no *Club Revolution*, com músicos como David Seymour, dos *Pink Floyd* e Jim Capaldi, do grupo *Traffic*. Regressado do exílio em 1972, retoma a carreira no Brasil, mas os problemas com as autoridades não tinham terminado. Em Maio de 1973, durante a apresentação do *Phono 73* da Philips, em São Paulo, juntamente com Chico Buarque, foram impedidos pela censura de cantar “Cálice”, canção que os dois haviam feito para este evento e que ficou proibida enquanto durou a ditadura.

Em paralelo com a música, a vida de Gilberto Gil é também profundamente marcada pela intervenção cívica.

Foi presidente da Fundação Gregório de Matos, uma espécie de secretaria municipal de cultura de Salvador, através da qual desenvolveu e intensificou as relações culturais com África. Abriu a Casa da Baía no Benin e a Casa do Benin na Baía, ao mesmo tempo que impulsionou o projecto de recuperação do Centro Histórico.

Em 1989 foi eleito para a prefeitura de Salvador onde presidiu à comissão do ambiente e criou o Movimento Onda Azul, um projecto ambientalista para defender as águas

dos mares e dos rios brasileiros.

Mais tarde filiou-se no Partido Verde, de cuja Comissão Executiva Nacional foi membro e a convite do *Woodrow Wilson Centre*, participou em Washington nos debates para elaboração de novas políticas ambientalistas para a América Latina.

Com Tom Jobim, Caetano Veloso, Sting e Elton John, participou, em 1991, no Carnegie Hall, em Nova Iorque, num *show* para angariação de fundos para a Fundação Mata Verde.

Mas nem a política nem as suas actividades de natureza cívica interferiram com o artista e o criador. Em 1999 lançou o livro *Gil Luminoso*, acompanhado de um CD expressamente gravado para este projecto e que foi considerado por muitos como uma das suas melhores produções. E no ano passado, em Julho, reuniu mais de 100.000 pessoas na Praça da Bastilha, em Paris, para assistir ao *show* *Viva Brasil*.

Jack Lang, ministro da cultura francês, atribuiu-lhe o título de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras, a Real Academia Sueca de Música deu-lhe o Prémio Polar de Música e o governo francês nomeou-o Grande Oficial da Legião de Honra. Agora, com 64 anos, Gilberto Gil continua no auge, um símbolo do Brasil e um artista do mundo. ■



Foto: RSAM



Foto: Marcos Hermes



“Gosto desta presença da língua portuguesa no mundo”

Nesta entrevista concedida à revista **MACAU**, Gilberto Gil realça as potencialidades do universo de língua portuguesa, em que o Brasil se manifesta pela sua presença expressiva, com 180 dos 200 milhões de falantes da língua, e Macau surge como um “portal” no contexto da China



Gilberto Gil recebe-nos para esta entrevista na sua residência particular, num dos modernos edifícios de São Conrado, requintada zona do Rio de Janeiro. É um apartamento com uma longa varanda sobre o mar que lhe proporciona uma deslumbrante panorâmica. Bom gosto, simplicidade da decoração, muitos livros, muitos discos, muitas fotografias, peças de artesanato e algumas flores, criam uma ambiência que sugere mais o refúgio do artista e criador e menos do político. E a confirmá-lo, uma conversa de cerca de duas horas revelou essencialmente ser o artista, o poeta e principalmente o ser humano que acredita na possibilidade de um mundo melhor, que o Brasil será a grande potência humanista do terceiro milénio, mas não quer nem deseja ser uma potência hegemónica. Manifesta a sua agradável surpresa por existir em Macau, na China, uma revista em língua portuguesa, fala do colonialismo com uma visão histórica e sociológica alargada, dos seus males e dos seus contributos, da importância da língua portuguesa e considera os portugueses como “invasores menos invasivos” porque levaram a alma ibérica aos povos que submeteram mas tiveram sempre uma capacidade de diálogo cordial mínimo com eles.

Dos mais de 200 milhões de falantes de português o Brasil tem 180 milhões

– Como caracteriza a política de cooperação do Brasil com a China e restantes países de língua portuguesa?

– Há cada vez mais no Brasil a consciência de que nós somos formados por partes importantes da África e da Ásia e que temos com essa nossa formação obrigações de consideração. E a política diplomática brasileira já desde há alguns anos vem tentando dar conta disso. Cada vez mais cresce a consciência do país em relação à sua formação e às suas respostas à sua pró-

pria história.

Os países de língua portuguesa, tanto na Ásia como no continente africano, ou nos pequenos núcleos asiáticos, são os que mais de imediato despertam interesse por causa da fala comum, da língua comum. A língua é o primeiro elemento da alma de um povo, especialmente nessas formações nacionais que se deram pelo colonialismo, pela colonização europeia, grupos de francófalantes, grupos de colonização inglesa, espanho-

la, grupos de colonização portuguesa.

Isso é um elemento de aproximação imediato entre os países de língua portuguesa. E o Brasil tem dentro desse conjunto uma grande importância porque é o país com maior número de falantes. Dos mais de 200 milhões de falantes o Brasil tem 180 milhões. É uma coisa importante.

– Pensa que essa política atingiu os níveis desejados e está a fazer o seu percurso ao ritmo pretendido?

– O Governo do Presidente



Lula marca um momento de intensificação dessa preocupação. Temos considerado de formas variadas os países de língua portuguesa. Temos considerado, tanto no Ministério da Cultura como em outros ministérios, uma política de aproximação com o cérebro da comunidade de língua portuguesa. Digo o cérebro no sentido da área pensante, da área formuladora, do conjunto da conceituação e dos núcleos de pensamento sobre isso. No Ministério da Cultura,

sob a nossa direcção, ultimamente é uma das áreas em que se tem vindo a trabalhar: as diversas lusofonias da África e da Ásia, aproximando-nos com Goa, com Macau, com Timor e com os países de língua portuguesa em África.

– A presença da língua portuguesa em Macau é um factor que ajuda a desenvolver as relações com a China?

– Por tudo o que conheço da maneira como a China trata Macau, tenho a impressão que ela o considera

um portal importante para a sua abertura ao mundo da língua portuguesa. E também que o facto do Brasil, com a dimensão que tem, com a posição estratégica que tem hoje no mundo, sendo um país de língua portuguesa, para além de Portugal, para além dos países africanos que também são importantes para a China – veja-se o trabalho que está fazendo em Moçambique, em Angola e em todos os lugares – pela base de fornecimento de materiais, pela importân-

cia económica, inclusive, tornou-se numa área importante de focalização por parte da China.

Nesse sentido, a existência deste território de língua portuguesa, tornou-se estratégico para ela. Tanto que, nos últimos anos, com a abertura da China ao mundo, uma China globalizada, uma China do mundo contemporâneo, Macau passou a ter um tratamento por parte da China como não tinha havido até então. Houve uma incorporação. De um mero enclave na China,

que a dimensão cultural, a dimensão da informação, do património imaterial, a dimensão intangível da vida humana, todas essas coisas vão ganhar uma importância muito grande, acima da importância que até hoje teve a vida imaterial no sentido clássico, das disputas, das conquistas de território, do expansionismo fundado numa dimensão materialista da vida, tal como se deu até agora. A base de formação das grandes potências mundiais foi sempre a capacidade de conquista e a

nal que não logrou muitos êxitos no desenvolvimento de uma potencialidade militar bélica, ou mesmo económica, na economia da primeira e segunda fase da economia agrícola clássica, da economia industrial clássica. É um país que está pronto agora para oferecer capacidade e potencialidade numa nova configuração da vida económica mundial. A mesma coisa se pode dizer em relação à questão militar. É um país que viveu sempre pacificamente, não investiu no expansionismo mesmo territorial, não in-



como era tratado até então, virou uma das possibilidades da própria realidade chinesa de hoje.

– Nas suas intervenções públicas, e na arquitectura da actual política cultural brasileira, parece desenhar-se a ideia de fazer do Brasil uma grande potência de novo tipo, tendo como armas a cultura, a educação, o pacifismo e o desenvolvimento. É correcta esta interpretação?

É correcto para os que compartilham essa visão. Primeiro, porque o século XXI e os tempos que virão pela frente, são tempos em

garantia dessa possibilidade de conquista com os aparatos militares. Penso que a própria configuração do processo civilizacional moderno nos leva a indicar que o mundo e que a civilização precisam de outro parâmetro, de outro paradigma para a continuidade do processo civilizacional.

– Que papel atribui ao Brasil nesse processo?

É preciso identificar as nações, os conjuntos humanos, seja de países e nações, mais vocacionados para isso. Vejo o Brasil como o país com essa vocação porque é um conjunto nacio-

vadiu, não tem inimigos na América do Sul, nunca fez guerras de conquista. A vir a ser uma potência, sê-lo-á pelo lado do diálogo, pelo lado da expansão dos seus dotes culturais, através da sua diversidade cultural, da sua vocação para a paz, para o entendimento. Nesse sentido é uma potência do terceiro milénio.

– Talvez a potência que neste momento faz falta ao mundo?

– Quem compartilha desta visão do mundo e aqueles que podem contribuir para ela, acham que é correcto colocar o Brasil nesta perspectiva.

– Há quem seja céptico em relação ao futuro. José Sara-mago, talvez desencantado com o que vê pelo mundo, afirmou recentemente que a raça humana tinha falhado. Partilha dessa perspectiva?

– Com essa máxima, dita de tal forma, com desencanto total com a raça humana, é preciso saber em que tipo de encantamento anterior as esperanças estavam fundadas. No encantamento em que essa ideia de progresso era a ideia vinda da herança grega, da racionalidade filosófica, da busca da verdade, da busca das

ela continua aí em todo o conjunto existente, nessa trajectória de aperfeiçoamento possível, mas sempre com uma distância da perfeição. A perfeição nunca é atingida.

– Poderemos considerar a África como um potencial à espera de se exprimir e contribuir para um mundo melhor?

– De uma certa forma tenho a impressão de que já se exprime e vem-se exprimindo. O que não foi possível, até agora, foi dar lugar a essa forma de expressão no processo da civilização

No momento em que o processo da cultura global, da cultura universal, faça de novo considerações justas ao significado dessas velhas culturas, dessa cultura pré-revolução industrial, pré-capitalismo, pré-monocultura ocidental que se impôs através de vários instrumentos que foram usados inclusive a religião cristã, o monoteísmo cristão; no momento em que haja compreensão para que seja possível caberem dentro desse processo civilizacional os outros



essências, da busca de um progresso, de uma vocação da humanidade para uma acumulação sempre maior, sempre maior, rumo a um praxis grandioso? Em relação a esse propósito talvez a humanidade tenha decepcionado.

Em relação a uma outra visão de que o erro é um atributo natural, de que a “incompletude”, a imperfeição, é a medida do homem, se formos por essa outra máxima, não acho que tenhamos definitivamente decepcionado como sociedade humana, como seres humanos, porque

contemporânea que abandonou todas as culturas tradicionais fundadas na sabedoria, substituindo-as todas por esse projecto fáustico, ocidental, dentro do qual estariam obrigadas a se enquadrar.

– Existiam na África pré-colonial estruturas sociais avançadas para a época, baseadas na sabedoria, mas não sobreviveram...

– O colonialismo impôs o modelo da sua própria agenda, da sua própria vontade e excluiu todo esse outro campo na África, na Ásia, na própria América do Sul.

olhares, as outras formas, as outras leituras que outras civilizações fizeram da importância do ser humano, inclusivamente a questão da ciência, da filosofia; na medida em que houver lugar para outras ciências, outras filosofias, outras maneiras de compreender que já foram grandiosas em outras civilizações tiverem de novo possibilidade de reequilibrar o jogo e o conjunto da maneira de caminhar da sociedade humana, de toda ela, então acho que a África, a Ásia, a América terão a sua vez de novo.

Mas enquanto houver essa hegemonia do eurocentrismo, que tem nos americanos do Norte a sua expressão mais pura, enquanto houver essa hegemonia e enquanto formos meros subsidiários dessa visão hegemónica, fica difícil a florescência da África e da Ásia.

– O escritor moçambicano Mia Couto, num artigo escrito recentemente, criticou aqueles que nos querem convencer de que “para sermos modernos temos de ser americanos”. Como se combate essa visão?

– Só quando tivermos plena consciência de que não devemos, não precisamos de ser americanos. Não temos nada contra eles. Nada mesmo, mas nós somos outros.

– Em 2004 visitou a Universidade de Macau. Ficou de algum modo surpreendido com o que encontrou?

– De certa forma sim. Encontrei ainda uma dimensão, um mundo de língua portuguesa intacto na sua forma mais fossilizada, digo fossilizada no sentido do que ainda está escrito, no que é registo histórico, nos nomes das ruas, nos nomes dos negócios, da estrutura os negócios. Mas não na fala. A língua portuguesa já é pouco falada. Este talvez seja o momento primordial para uma revitalização completa do significado de Macau na China e do que é de novo a língua voltar a ser falada. Quando estive na Universidade de Macau, encon-

trei-me com representantes do Instituto Português do Oriente e há hoje uma compreensão muito grande da necessidade de restaurar a fala portuguesa em Macau.

– Não estará isso a verificar-se já com o acréscimo de interesse em Macau pela aprendizagem da língua portuguesa?

– Voltamos àquela questão já colocada no início, que é a importância que tem hoje o território de língua portuguesa para a própria China mundializada e para as relações da comunidade internacional com a China, sendo que, dentro dessa pluralidade, o mundo de língua portuguesa é uma dessas fracções importantes.

A China atribui hoje uma grande importância ao mundo de língua portuguesa por causa de tudo o que já dissemos: do Brasil, da África, de Portugal. Portanto, tendo ali já um portal, é importante este ser um interface historicamente estabelecido ali. É importante mantê-lo, aprimorá-lo, desenvolvê-lo. E isso, sem dúvida alguma, passa pelo retomar da fala portuguesa, da língua portuguesa falada em Macau e até por outras pessoas dentro do continente chinês.

– O que são verdadeiramente os Pontos de Cultura, que introduziu no seu programa de governo e foram considerados por alguns estudiosos, como algo de inovador em políticas culturais?

– É uma actividade comunitária que associa a cultura à educação, responsabilidade ambiental, responsabilidade social. Uma série de coisas, como sejam, focos de actividade humana onde o conjunto dos interesses humanos esteja presente. E isso é cultura. E é mais do que cultura. É ecologia, é economia, é fortalecimento comunitário, desenvolvimento social, etc. Desenvolvimento, no sentido mais amplo.

Essas são as premissas para um sentido de desenvolvimento na sua forma mais ampla. E essa é a diferença. Em vez de uma casa de cultura ou de um centro cultural, onde você tem uma certa visão do que seja o fazer, o elaborar cultural e o gerir e tenta impor isso a uma determinada comunidade, deixa a comunidade fazer, exprimir-se, mostrar os seus grandes equívocos ou os seus grandes acertos e apoia esse processo dialéctico de construção.

Os Pontos de Cultura têm essa função de identificar acções e processos culturais que estejam em andamento a partir da própria vida cultural da sociedade e apoiá-los, nas universidades, nas favelas, nas tribos indígenas, nas periferias das grandes cidades, nas prefeituras municipais, no associativismo, seja ele sindicalista ou de qualquer outra espécie.

Ver que modos de associação existem na sociedade e como apoiá-los, porque todos eles têm uma dimensão



“Quando estive na Universidade de Macau, encontrei-me com representantes do Instituto Português do Oriente e há hoje uma compreensão muito grande da necessidade de restaurar a fala portuguesa em Macau”

cultural ou têm um propósito cultural. Não há propostas na sociedade humana que não sejam culturais. Toda a produção material da sociedade é para o enriquecimento do convívio. Portanto é cultural.

Nesse sentido, quando apoiamos uma comunidade de reciclagem de lixo, estabelecemos um Ponto de Cultura. Eles estão ali buscando a sustentação da sua vida económica, da sua vida afectiva, da sua vida educacional, da sua vida enquanto saúde, da sua vida enquanto responsabilidade social ou ambiental. Por isso são Pontos de Cultura importantes. Cultura como dimensão sociológica, ecológica, antropológica, como elemento integral, como integralidade da vida humana.

– Este projecto encontrou resposta por parte dos seus destinatários?

– Tem tido uma bela resposta no país. Há uma compreensão quase que imediata. Parece uma mágica, mas é uma coisa bem simples. Parece a invenção da roda, mas não é.

Hoje estamos com cerca de 500 Pontos de Cultura e devemos chegar ao fim do ano com 600. A nossa avaliação é de que temos no país umas 200 mil manifestações deste tipo [de acções susceptíveis de se integrarem na actividade dos Pontos de Cultura], pelo menos visíveis e significativas. Precisamos de chegar aos cinco ou dez mil Pontos de Cultura no Brasil. Esta se-

ria a escala recomendada que daria vazão real à dimensão do atendimento. Aí, essa dimensão da vida brasileira estaria atendida. Se pudermos estabelecer nos próximos dez anos uns cinco ou dez mil Pontos de Cultura deste tipo, teremos feito uma revolução.

– O somatório de tudo isso disso faria do Brasil um enorme Ponto de Cultura à escala mundial?

– Seria o Brasil nos trilhos da sua vocação de se tornar uma potência cultural. Potência cultural no sentido da diversidade, não na monocultura do cinema americano, da literatura europeia ou das artes plásticas eurocêntricas, mas cultura como natividade.

– A crescente colonização cultural, através dos múltiplos instrumentos de poder de que dispõe, representa hoje um perigo real para a afirmação das diversas culturas dos países menos desenvolvidos?

– Esse é um dos perigos. Que nos submetamos a essa colonização que agora tem recursos extraordinários com a cultura digital, com a informática, com a cibernética, com as nano tecnologias, a biotecnologia, etc. É preciso que toda essa riqueza seja distribuída.

– Embora para que uma nova cultura permaneça não deve ser impositiva aos que a recebem?

– Essa foi uma das grandes contribuições da alma portuguesa ao mundo.

Ainda que colonizadores, ainda que invasores, foram-no num certo sentido, mas foram invasores menos invasivos.

– Talvez porque os povos em si nunca são invasores e a dimensão do país era pequena?

– Falo do Estado, que trouxe toda a cultura portuguesa. Foram os representantes da Coroa que trouxeram o processo civilizatório. Mas esse processo vinha prenhe. Veio cheio de todas as outras coisas. Veio com a alma do povo, com a criatividade.

– Como vê a actual situação da língua portuguesa no mundo?

– Gosto desta presença da língua portuguesa no mundo. É um dos acervos mais importantes da colonização. É um acervo que traz essa alma ibérica, essa capacidade de aventura que levou os portugueses e os povos ibéricos aos mares do mundo.

Tudo isso e uma certa capacidade que tiveram de, apesar de exploradores, manterem níveis importantes de diálogo com as terras descobertas, com os povos submetidos. A língua portuguesa manteve nas relações que impôs ao mundo aonde foi, uma dimensão cordial mínima. É uma das características. A cordialidade, o coração. O mundo da língua portuguesa não é um mundo totalmente tomado pela racionalidade. É um mundo que se manteve sentimental, intumesciente, poético, em certa medida.

E isso interessa-me muito. Interessa muito ao mundo. Quando digo que o Brasil tem essa vocação para uma presença de feição nova, simbólica, pacifista e cultural, muito desse potencial, muito desse instrumental que o Brasil tem, é dado pela língua, pelo facto de ser a língua portuguesa.

do às sociedades modernas e que países como o Brasil e a China poderão protagonizar?

– Há um amigo nosso, um criador brasileiro, um intelectual e artista da minha geração chamado Jorge Mautner, que assimila o tempo vivido pela Baía, pelas culturas em torno do

ao fazer, ao produzir, mas sem descurar, sem deixar de atender a essa dimensão contemplativa profunda, a essa dimensão do convívio harmonioso com as evidências da vida. E que se preocupa também com a decifração do enigma da vida através da técnica, do progresso,



“Não há propostas na sociedade humana que não sejam culturais”

– Numa sua intervenção, em 2004, na Universidade de Pequim, falou da necessidade de se encontrar “um terceiro tempo” psicológico, sociológico, antropológico, que caracterizou como o equilíbrio entre a necessidade de acelerar e ao mesmo tempo a necessidade de uma velocidade reduzida que nos permita “viver, contemplar e celebrar”. É isso que terá falta-

lúdico de quase todo o litoral brasileiro, do Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Luis do Maranhão a Belém do Pará.

Atribui-lhes um tempo taoista e diz que o Brasil se espelha nessa grande natureza que tem aqui, que o Brasil tem cultivado ao longo de todo esse tempo, um tempo taoista, um tempo que simultaneamente pode ser dedicado

mas que se comporta com o fundo, o património existencial, o património de imanência já existente em tudo pelo simples facto das coisas serem, das coisas existirem e nós, seres humanos, sermos parte da existência dessas coisas.

Isto caracterizaria um tempo taoista, um tempo pré-socrático, pré-filosófico, pré-ocidental. ■

Imprensa quer saber mais sobre a China

Apesar da importância crescente da China, quer na cena mundial quer nas relações bilaterais, a informação sobre o país asiático no Brasil é ainda comparativamente escassa. Diversos jornalistas expressam o seu desejo de um maior acesso à realidade chinesa



“A China é o assunto jornalístico do momento” diz a jornalista da TV Globo Sônia Bridi

Jornalistas, autoridades e empresários são unânimes em afirmar que é necessário um volume maior de informação na comunicação social brasileira sobre a China, país que se tornou recentemente o segundo maior exportador para o Brasil, atrás apenas dos Estados Unidos. Apesar do grande incremento das relações comerciais, o “gigante asiático” tem ocupado comparativamente pouco espaço nos *media* brasileiros, que buscam agora novas fontes de informação, para além das divulgadas pelas agências internacionais de notícias. Entre os grandes grupos de comunicação brasileiros, apenas as Organizações Globo, controladora da maior rede de televisão privada (*TV Globo*) e do segundo maior jornal em circulação (*O Globo*), mantêm actualmente correspondentes próprios na China. A “*Folha de São Paulo*”, o maior jornal brasileiro, mantinha até recentemente um correspondente em Pequim, mas que regressou ao Brasil, num plano de

redução de custos levado por diante pelo diário.

A jornalista Sônia Bridi, da *TV Globo*, chegou a Pequim em Janeiro de 2005, acompanhada do marido, o repórter cinematográfico Paulo Zero, e do filho de três anos. “A China é o assunto jornalístico do momento. Se você quer entender a economia mundial, tem que estar aqui. Quando um país está em foco, tudo transforma-se em notícia, como o desenvolvimento, desporto, e até os desastres naturais, como terremotos e enchentes”, salienta.

Recentemente, a equipa de correspondentes da *TV Globo* em Pequim produziu uma edição inteira do “*Globo Repórter*”, o principal programa jornalístico da rede televisiva e uns dos maiores em audiência no Brasil, exclusivamente sobre a China. Sônia Bridi, que já foi correspondente em Londres e Nova Iorque, acredita que o idioma é a sua principal dificuldade. “É frustrante não ser entendida pelas pessoas

nas ruas. Recorro ao tradutor quase todo o tempo”, afirma.

A jornalista considera seu maior desafio mostrar o “incrível” trabalho de inclusão social que a China está a fazer. “O planejamento e a capacidade de pensar no bem colectivo são fundamentais para o desenvolvimento da China. Os chineses fazem uma coisa que considero muito positiva: antes de implementar uma política, eles primeiro investigam o que os outros países fizeram, e só depois decidem como vão fazer. No Brasil temos a tendência a querer inventar a roda, sem aprender com os outros, ou então a copiar modelos inteiros. A China tem muito a ensinar ao Brasil”, avalia.

O jornalista Jaime Spitzcovsky, ex-correspondente da *Folha de São Paulo* na China entre 1994 e 1997, salienta a importância de os *media* brasileiros terem acesso a outras fontes de informações sobre a China, se possível já com notícias em português do Brasil, para facilitar o trabalho de difusão. Assim seria reduzida a dependência das agências internacionais, “grandes corporações de países desenvolvidos, que enxergam a China de uma maneira diferente daquela de um brasileiro, uma vez que o Brasil é um país em desenvolvimento”.

Jaime Spitzcovsky realça igualmente o facto de as agências praticamente não se preocuparem com os laços bilaterais entre Brasil e China. “Apenas jornalistas brasileiros ou de língua portuguesa é que tem sensibilidade e interesse em cobrir o avanço do relacionamento entre Brasil e China nos campos comercial, político e cultural”, explica. Na opinião do ex-correspondente, quem lê jornais brasileiros não tem a sensação de que a China é actualmente o segundo maior parceiro comercial do Brasil.

“Os empresários e formadores de opinião brasileiros precisam conhecer mais a realidade chinesa e para isso os *media* são fundamentais. Infelizmente, os *media* brasileiros não estão a cumprir adequadamente o seu papel”, afirma, ao lamentar a “tímida” presença chinesa na imprensa



Jaime Spitzcovsky, ex-correspondente da Folha de São Paulo na China

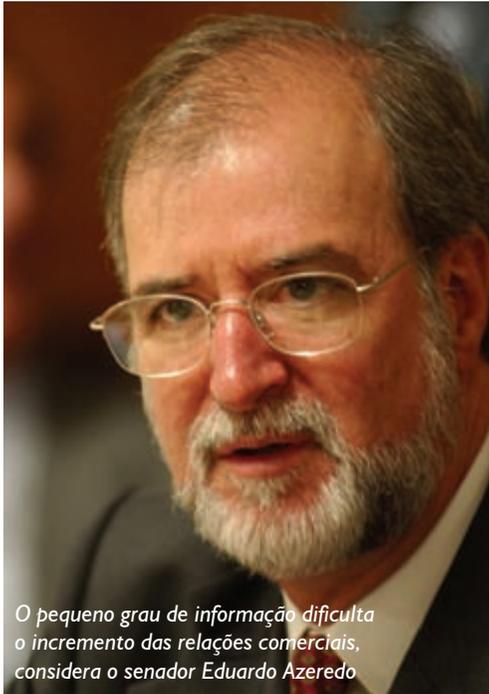
Fotodearquivo

brasileira. O antigo correspondente acha que a Internet precisa ser mais explorada no Brasil, como forma de alargar a difusão de notícias sobre a China.

Idioma dificulta trabalho

Eduardo Salgado, editor de Política Internacional do “*Estado de São Paulo*”, terceiro maior jornal brasileiro, também defende a importância de oferecer ao público brasileiro um volume maior, mais variado e novas fontes de informações sobre a China. “A cobertura actualmente está muito centralizada na economia. Há poucas informações sobre outras questões. Também seria interessante saber um pouco mais sobre o estilo de vida dos chineses”, salienta.

As notícias divulgadas sobre a China em o “*Estado de São Paulo*” são produzidas por agências noticiosas chinesas, europeias e americanas. O jornal procura publicar opiniões de especialistas para enriquecer a cobertura. O editor realça ainda que o custo em manter um correspondente e as diferenças culturais, nomeadamente o idioma, dificultam muito a permanência de jornalistas brasileiros na China. “Até



O pequeno grau de informação dificulta o incremento das relações comerciais, considera o senador Eduardo Azeredo

agora avaliamos que não vale a pena termos um correspondente na China”, afirma Salgado.

O jornalista brasileiro Jayme Martins deixou o Brasil em 1962, onde era chefe de reportagem do jornal “Última Hora”, um dos principais diários da região Sul do Brasil, para ser professor de português na China e responsável pelo programa em português da rádio de Pequim, transmitido para o Brasil e Portugal.

Entre 1972 a 1976, trabalhou como correspondente de diversas empresas jornalísticas brasileiras, como “O Globo”, *Agência Estado*, “Jornal da Tarde” e *Rádio Eldorado*. Em 1979, com a abertura política brasileira, regressou ao Brasil. “Cada vez é mais importante saber o que se passa na China. No Brasil estamos mal informados. Quem vai imaginar no Brasil que Xangai e Pequim são duas das cidades mais modernas do mundo?”, questiona.

O responsável pela agência de notícias chinesa *Xinhua* em Brasília, Yang Limin, acredita também que os maiores jornais do Brasil, que pretendem dar uma visão mais ampla sobre o mundo, deveriam ter acesso a outras fontes de informação sobre a China, para além das actuais agên-

cias internacionais. Da mesma forma, ele acredita que é importante a difusão de notícias sobre o Brasil na China.

“Ainda é muito pequeno o conhecimento entre os dois países. Por tradição ou preconceito, a imprensa brasileira sempre olha para os Estados Unidos, Europa e Médio Oriente, e dão pouca atenção a países de outros continentes”, afirma, por outro lado. E acredita que com o aumento das relações comerciais e a aproximação política entre os dois países, a procura por informações aumentará muito no futuro. Actualmente, a *Agência Xinhua* mantém um escritório em Brasília e outro no Rio de Janeiro, com três correspondentes e um fotógrafo.

“Nova era” no relacionamento

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil, Luiz Fernando Furlan, um dos principais defensores da aproximação brasileira com a China, acredita que a demanda por informações aumentará muito, num curto espaço de tempo, a exemplo das relações comerciais e económicas entre os dois países. Segundo ele, apesar de Brasil e China terem reiniciado as relações diplomáticas há 30 anos, foi a partir de 2003 que começou uma “nova era” no relacionamento entre os dois países.

“Nossos objectivos sociais pressionam o crescimento económico e a inserção competitiva no mercado externo. Enfrentamos, no comércio mundial, barreiras e subsídios que afectam as empresas e os trabalhadores no Brasil e na China. A superação mais rápida dessas dificuldades se dará por meio da parceria entre os dois países”, afirma o ministro, para quem há grande complementaridade entre os dois países.

O vice-presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado brasileiro e membro da Frente Parlamentar Brasil-China, senador Eduardo Azeredo, diz que o pequeno grau de informação dificulta o incremento das relações comerciais entre o Brasil e a China. “Na medida em que há

mais informação sobre um país, há também maior interesse”, diz o senador.

A Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Económico (CBCDE) criou um prémio de jornalismo em Maio de 2004 para estimular os *media* brasileiros a publicar reportagens sobre a China. O prémio para os escolhidos nas categorias televisão, rádio, jornal impresso, revista e fotografia foi uma viagem à China, em Agosto de 2005, que inclui visitas aos principais órgãos de imprensa chineses.

A primeira edição do prémio “Um Olhar brasileiro sobre a China” teve a participação de 147 trabalhos jornalísticos, o que superou as projecções da organização. “Ficamos felizes com o sucesso. Sabemos que o intercâmbio económico entre os dois países só aumentará depois que China e Brasil se conhecerem melhor”, disse o presidente da CBCDE, Paul Liu.

A próxima edição do prémio de jornalismo decorrerá em 2007, com a viagem dos autores das melhores reportagens à China por ocasião dos Jogos Olímpicos de Pequim. Paralelamente ao prémio de jornalismo, a CBCDE tem promovido também cursos sobre a China direccionados exclusivamente para jornalistas, em parceria com o sindicato da classe em São Paulo.

“Conhecer um ao outro faz parte da integração. E nisso os *media* são fun-

Paul Liu diz estar satisfeito com a receptividade ao prémio jornalismo criado pela Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Económico para estimular os media brasileiros a publicar reportagens sobre a China



Foto: CBCDE

damentais e a busca por informações no Brasil sobre a China vai aumentar muito no futuro”, afirma o jornalista Daniel Castro, autor do livro “Brasil-China – Uma grande parceria, sim!”, recentemente lançado em São Paulo.

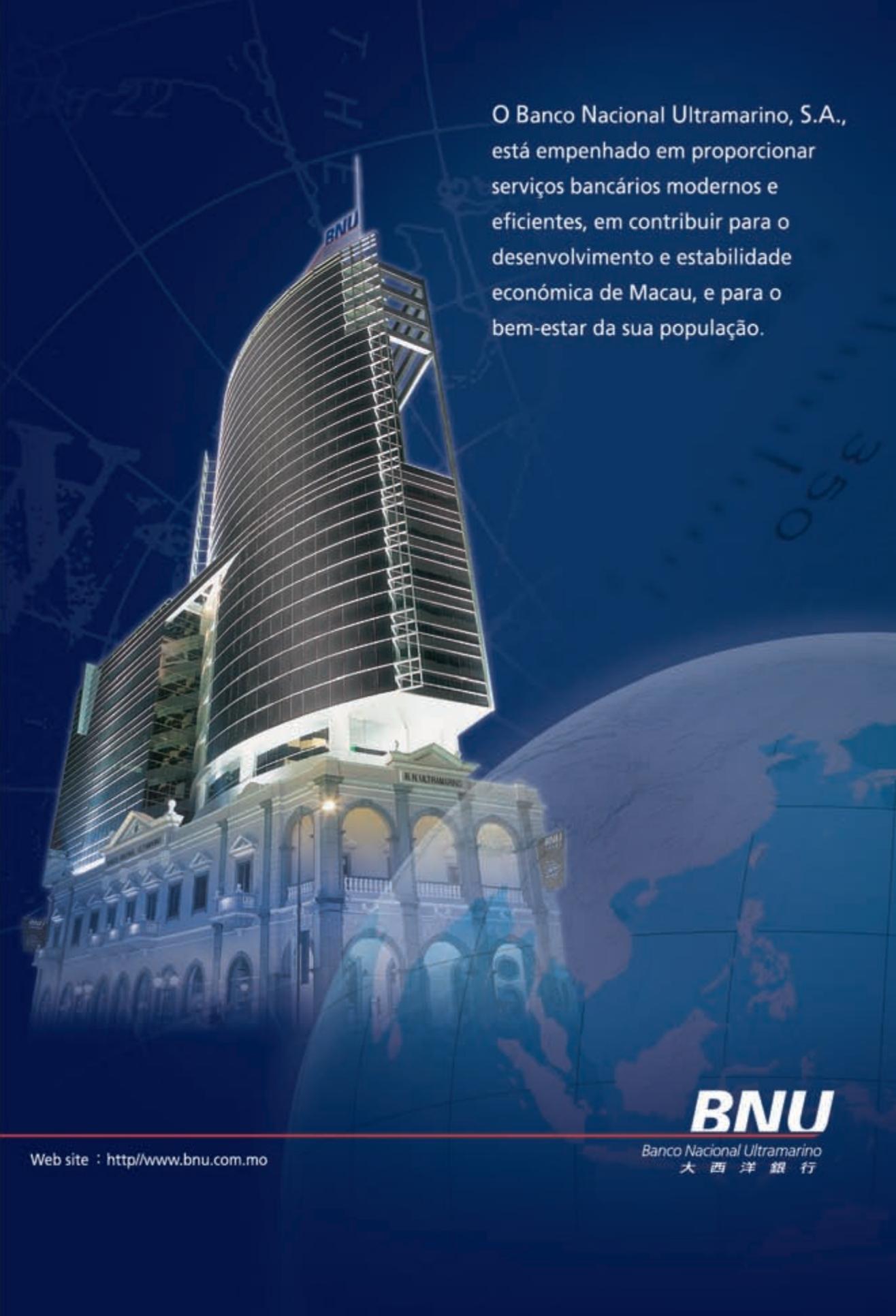
No ano passado, o total do comércio entre Brasil e China aumentou 33 por cento para 12,18 mil milhões de dólares norte-americanos, face a 2004, sendo favorável ao Brasil em 1,48 mil milhões de dólares norte-americanos. Em Maio deste ano, entretanto, a China reverteu essa tendência e passou a ter um saldo positivo no comércio com o Brasil.

Todas as grandes empresas brasileiras estão a actuar na China por meio de *joint ventures* com empresários locais, com destaque para

a *Embraer*, quarta maior produtora mundial de aeronaves, a *Companhia Vale do Rio Doce*, a maior exportadora mundial de minério de ferro, a *WEG*, um dos maiores fabricantes mundiais de motores eléctricos, e a *Embraco*, fabricante de compressores.

As principais empresas chinesas com investimentos no Brasil são a *Lenovo*, terceira maior fabricante de computadores, a *AOC*, subsidiária do grupo *TPV*, a *Gree*, fabricante de ar condicionado, a *ZTE*, fabricante de telemóveis e a *Huawei*, fornecedora de componentes electrónicos. A chinesa *CNOOC* e a brasileira *Petrobras* tornaram-se recentemente parceiras na exploração de petróleo na Nigéria. ■

* *Jornalista da Lusa, no Brasil*



O Banco Nacional Ultramarino, S.A.,
está empenhado em proporcionar
serviços bancários modernos e
eficientes, em contribuir para o
desenvolvimento e estabilidade
económica de Macau, e para o
bem-estar da sua população.

Web site : <http://www.bnu.com.mo>

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行

A “garota China”



Há duas décadas que Lucélia Santos mantém uma forte ligação à China, país que assistiu à novela “Escrava Isaura” e a distinguiu com o prémio Águia de Ouro, o primeiro e único entregue a uma estrangeira. Para já, um novo projecto traz Lucélia à China, onde dois filmes vão ser parcialmente filmados



A relação de Lucélia Santos com a China começou nos anos 80, altura em que ao “Império do Meio” chegava a “sua” Isaura, uma escrava vítima da paixão cega do seu senhor. Este foi o primeiro papel de Lucélia Santos na televisão, tinha na altura 18 anos. A “Escrava Isaura”, uma adaptação do romance de Bernardo Guimarães, chegou à China com o nome de “Nunu Yizuola” e o sucesso foi tão grande que Lucélia Santos foi galardeada com o prémio Águia de Ouro, distinção de melhor actriz. “Ganhei o prémio atribuído pelos chineses que elegeram o artista do ano através de uma revista. Eu tive 300 milhões de votos.” Esta foi a primeira e única vez que o Águia de Ouro foi entregue a uma estrangeira, o que pode justificar o episódio que Lucélia Santos viveu na Muralha da China: “eu estava com membros da Embaixada e não tinha segurança. De repente a Muralha entupiu e eu fiquei a acenar lá em cima.” Assim se enraizava uma relação que dura há mais de duas décadas, e que teve o primeiro impulso na segunda visita da

actriz: “Em 1992, apercebi-me que a China estava num processo cultural muito interessante e iniciei um projecto de cooperação que baptizei Projecto Brasil-China.” Seguiu-se o documentário “China Hoje - O Ponto de Mutação”, uma série de cinco episódios filmados no interior da China, nomeadamente no Tibete, em Hong Kong e Macau, e que retrata as primeiras mutações económicas e culturais do país. Mudanças que a própria Lucélia Santos testemunhou: “Em 1985 era quase um planeta à parte. Sete anos depois as mulheres já tinham cabelo curto, usavam roupa de couro, tinham telemóvel e carros importados. A China que vi pela primeira vez tinha apenas bicicletas e um único hotel americano em Pequim.” A este projecto seguiram-se outras iniciativas de cariz cultural e de promoção, não só na China como no Brasil: “convidei várias televisões chinesas a irem ao Brasil onde lhes dei apoio local para fazerem filmes sobre o meu país” e por ocasião deste intercâmbio a SichuanTV gravou o filme “The Beautiful Brasil”.

Um amor do outro lado do mundo

O mais recente projecto de Lucélia Santos chama-se “Um amor do outro lado do mundo”. Trabalho que desde a fase de planeamento até à concretização conheceu vários avanços e recuos e que a actriz tentou resolver com algumas entidades. Inicialmente estava prevista que a história fosse do autor chinês Zhou Zen Tien. Agora tem guião brasileiro. Antes contava a saga romântica de uma brasileira e de um chinês entre a década de 30 e os Jogos Olímpicos de Pequim de 2008; agora é uma história de chineses que imigram para São Paulo, no Brasil. Uma história diz Lucélia “de realismo, mistério e que tem um fantasma. A velha chinesa é uma bruxinha”. Com todas estas mudanças o Brasil será o principal palco da história. No entanto, Lucélia Santos tem já previsto dez dias de filmagens na China, entre Maio e Junho, e já escolheu os cenários para o seu trabalho: “Xangai, Pequim e o interior da China, num circo decadente já que o protagonis-

ta é um malabarista. Este é um local que encontrei há seis anos mas não sei se ainda existe". Para o segundo episódio Lucélia Santos tem em mente um mosteiro em Sichuan.

Cultura nos debates políticos

Lucélia Santos esteve em Macau a acompanhar a delegação brasileira presente no Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Uma missão que não é nova para a actriz brasileira que diz ser, de modo informal, "uma embaixadora do Brasil na China".

No seu currículo constam já duas visitas oficiais à China a acompanhar presidentes da República Brasileira: "há cerca de dez anos com Fernando Henrique Cardoso e com Lula da Silva há dois anos". Na primeira visita chegou mesmo a ser recebida por Deng Xiaoping. Desta vez, e para vir à RAEM, o convite partiu do ministro brasileiro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Luiz Fernando Furlan. Um convite que Lucélia Santos explica com o facto de ser "conhecida na China" mas também pelos projectos que tem vindo a desenvolver do outro lado do mundo, o que aconteceu ainda antes do que chama o "boom mediático" da China. Por



isso mesmo Lucélia Santos já se considera “a ‘garota China’ no Brasil”.

Lucélia Santos defende o papel da China na relação com os países de língua oficial portuguesa, até porque a “China é o presente” e apresenta-se como uma grande potência neste momento. Facto que leva a actriz a defender este tipo de encontros.

Porém considera que o tema cultura deve também ser abordado. A actriz reitera que “a cultura tem de ser incorporada no calendário e no vocabulário dos debates” porque, considera que “quando se fala de indústria, comércio, equilíbrio social, a cultura está subjacente”. Além disso defende que o tema cultura não pode ser abordado

“como se fosse uma cereja no bolo, que se pode retirar porque não é essencial à construção”. Para a actriz “a cultura além de fazer “parte da cadeia produtiva dos países” é “um elemento de comunicação entre os povos”, motivo pelo qual deve ser alvo da atenção dos políticos. Para Lucélia Santos a cultura é uma causa que quer continuar a abraçar “porque na cultura não há data para deixar o cargo”. ■

Lucélia Santos considera-se, informalmente, “uma embaixadora do Brasil na China”

Cooperação que vem de longe



Basta um pequeno passeio pela cidade da Praia, capital de Cabo Verde, para perceber que as relações de cooperação entre o arquipélago e a República Popular da China são antigas, volumosas e estratégicas. Uma barragem acabada de construir torna mais imponente esta realidade

Na Achada de Santo António, um dos bairros nobres da Praia, área onde se situam algumas das principais embaixadas no país, incluindo a da China, está o edifício da Assembleia Nacional, um dos mais majestosos do arquipélago, construído pela cooperação chinesa no início da década de 1980.

Não muito longe, a menos de um quilómetro, na Av. Cidade de Lisboa, a principal artéria da capital cabo-verdiana, o Palácio do Governo, edifício que concentra vários ministérios do Executivo do arquipélago, ostenta uma arquitectura que não deixa dúvidas de se estar perante mais um projecto chinês, financiado e construído na íntegra por Pequim, estava a década de 1990 no início.

Mas a República Popular da China deu recentemente outro passo que evidencia a atenção particular que tem para com Cabo Verde, ao financiar e construir a primeira e única barragem em todas as nove ilhas habitadas do país, um projecto que deverá alterar radicalmente a agricultura na ilha de Santiago, a mais populosa do país e onde se situa a capital.

A barragem do Poilão (na foto), no concelho de Santa Cruz, foi construída em 18 meses, tem 26 metros de altura e 153 de comprimento, proporcionando uma albufeira com capacidade para armazenar 1,2 milhões de metros cúbicos de água e foi executada pela empresa Recursos e Energia Hidráulica de Guangdong, do grupo chinês *Yuan Da*.



A República Popular da China construiu e ofereceu a Cabo Verde várias infra-estruturas públicas incluindo a Assembleia Nacional e o Palácio do Governo



A China é ainda responsável por uma parte significativa dos investimentos na principal unidade de saúde do arquipélago, o Hospital Agostinho Neto, na Praia. Para o médio prazo, a China prepara-se, como ficou firmado aquando da visita do ministro dos Negócios Estrangeiros, Li Zhaoxing, em Janeiro último, para avançar com novos projectos de envergadura, nomeadamente o Estádio Nacional, uma segunda barragem em Cabo Verde, uma unidade de cerâmica na ilha da Boavista e uma unidade de pesca industrial em S. Miguel, no interior de Santiago.

Para além dos investimentos físicos em Cabo Verde, a China mantém, praticamente desde a independência do país, a 5 de Julho de 1975, uma cooperação estreita na saúde, na agricultura e na educação, formando nas suas universidades centenas de quadros e fazendo deslocar para o país africano técnicos para trabalhar nestas áreas.

Investimentos de Macau

Mas não é só no âmbito da cooperação institucional que as atenções chinesas se detêm em Cabo Verde. O empresário de Macau David Chow, ligado ao negócio da hotelaria e casinos, prepara-se para colocar a China como um dos países com maiores investimentos privados em Cabo Verde.

Em causa estão mais de 100 milhões de dólares norte-americanos que o empresário se prepara para investir num complexo que inclui hotéis, restaurantes e, entre outras valências, um casino, no ilhéu de Santa Maria, cujos oito hectares estão situados a escassos 200 metros da baía da Gamboa, que liga a capital cabo-verdiana ao mar.

Apesar de os detalhes para que o investimento arranque ainda no decorrer de 2006 estarem a ser ultimados, o Governo já deu uma indicação clara de que este

pode ser uma realidade, ao aprovar recentemente, em Conselho de Ministros, uma resolução que desafecta o ilhéu do mapa das áreas protegidas no arquipélago, com indicações que permitem a edificação do espaço.

Isto aconteceu pouco depois de David Chow ter feito uma visita de trabalho a Cabo Verde no âmbito das tramitações preparatórias para o investimento.

Finalmente, uma das mais-valias que Cabo Verde tem para atrair as atenções de Pequim é a sua localização estratégica. Situado a escassos 500 quilómetros da costa ocidental de África, Cabo Verde está a meio caminho marítimo entre a Europa, as Américas e África, tendo o Governo já tornado público, como prioridade, conseguir que a China olhe para o arquipélago como uma plataforma preferencial de entrada no mercado estratégico africano. ■

**Jornalista da Lusa, em Cabo Verde*

Uma relação estratégica

A “promoção” de Cabo Verde ao estatuto de “País de Desenvolvimento Médio” vai implicar a perda de privilégios. Responsáveis do Ministério dos Negócios Estrangeiros vêem na China “um dos parceiros privilegiados” com que o país conta para enfrentar os novos desafios. Desenha-se uma relação estratégica com benefícios para ambas as partes. Em Janeiro de 2008 Cabo Verde completa a transição de País Menos Avançado (PMA) para País de Desenvolvimento Médio (PDM) do Conselho Económico e Social (ECOSOC) da ONU. Um processo que significa que o arquipélago conseguiu um



Pedro Alves Lopes

patamar de desenvolvimento significativo, como o atesta o facto de estar no topo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-África) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Mas, ao mesmo tempo, é, com a transição, colocado perante a nova e difícil realidade de ter que caminhar cada vez mais pelo seu próprio pé, com uma substancial diminuição das ajudas que a comunidade internacional dedica às nações que integram os PMA.

Este é o grande desafio da política externa cabo-verdiana no médio prazo, cujo objectivo é “ancorar” o seu desenvolvimento em países e organizações de países economicamente sólidos e estáveis através de uma intensa cooperação, como é o caso da União Europeia, os Estados Unidos, o Brasil e, entre outros, a República Popular da China.

E a China, em particular, vem assumindo, há mais de 30 anos, um papel preponderante no desenvolvimento do arquipélago, com uma cooperação, no entender do director-geral da Cooperação do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Cabo Verde, Pedro Alves Lopes, “equilibrada, estável e tranquila” embora não seja “a uma grande escala”. Este dirigente sublinha este aspecto como importante no desígnio cabo-verdiano de fazer uma tran-

sição de País Menos Avançado para País de Desenvolvimento Médio “sem sobressaltos”, tendo em conta que são “inúmeras as vantagens” que o país perde com a saída do grupo dos PMA, como, por exemplo, os empréstimos de longo prazo a baixas taxas de juro e com largos períodos ausentes de obrigações quanto ao pagamento: “Precisamos ter do nosso lado os nossos parceiros para que este período decorra sem sobressaltos de maior para a nossa vulnerável economia.”

No mesmo alinhamento, o director-geral de Política Externa do Ministério dos Negócios Estrangeiros cabo-verdiano, Severino Almeida, coloca a China em destaque no “xadrez actual” da diploma-



Severino Almeida

cia de Cabo Verde, apontando Pequim como “um dos parceiros privilegiados” com que o país “conta para levar avante o seu desenvolvimento”.

Por outro lado, reitera que, de facto, uma das opções do actual Governo para o desenvolvimento nacional consiste no aproveitamento da sua localização estratégica, “procurando ainda capitalizar eventuais vantagens de pertencer à Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO)”.

Segundo o mesmo responsável, cabe a Cabo Verde criar as condições para servir de “gateway” para África, pois são os interessados que têm que decidir e fazer opções. “Cabo Verde teria muito a ganhar se a China e as empresas chinesas utilizassem estas ilhas como plataforma para o continente africano”, defende, adiantando, todavia, que isso não depende apenas da vontade de Cabo Verde, porque “é aos potenciais clientes que, numa lógica de mercado, cabe a opção ou decisão última de utilizar ou não Cabo Verde neste sentido”.

Severino Almeida conclui consolidando a ideia de que as relações entre Pequim e a cidade da Praia são “sólidas e pragmáticas” com “um grande futuro pela frente” e em “benefício dos dois países”. ■

R. B.



Lusitano abre as suas portas

Longe do apogeu e influência de tempos idos, o Club Lusitano de Hong Kong prepara-se para quebrar uma das suas regras de ouro e abrir as suas portas a outras comunidades, para além da lusa. De pouco serve a robustez financeira de que o centenário clube goza se não tiver membros para acolher



O edifício do Club Lusitano de Hong Kong, localizado no coração da cidade, em Central

“16 Ice House Street, Central, Club Lusitano Building, please.”

Em Hong Kong, não são muitos os motoristas de táxi que dominam a língua inglesa. Normalmente pedem várias referências para confirmar o destino mas, neste caso, o endereço não deixa dúvidas: é para *Central* que tem de se dirigir, para o coração da cidade. Mesmo no centro da costa norte da ilha de Hong Kong, Central é, por excelência, o “distrito” dos negócios que eleva Hong Kong a uma das mais fortes praças financeiras do mundo.

A paisagem que se vislumbra da janela do táxi, uma moderna e arrojada arquitectura que forma uma inconfundível imagem de marca da cidade, atesta bem os volumes astronómicos de capitais que movimentou, e continua a movimentar. Hong Kong afirmou-se desde sempre como um importante entreposto comercial dada a sua localização estratégica, na margem Este do Delta do Rio das Pérolas, a 70 quilómetros de Macau que fica do outro lado do rio. Essa mesma mais valia foi reconhecida pelos ingleses que, depois do fim da Primeira Guerra do Ópio em 1841, aí fundaram uma colónia. Em 1997, cerca de dois anos antes do mesmo se dar com Macau, Hong Kong reverteu para a China, com o estatuto de re-

gião administrativa especial.

Hong Kong conquistou um lugar entre as grandes praças financeiras nas últimas décadas do século passado ao funcionar como mediador entre o mundo e a China, que iniciava os primeiros passos do seu processo de abertura económica. E ainda que tenha perdido algum do estatuto que granjeava entre outras praças financeiras, com a deslocalização de grandes multinacionais para o interior da China ou outros pontos da Ásia, e o primeiro lugar como principal porto de distribuição do mundo, Hong Kong retém toda a sua pujança, vendo a sua economia reconhecida internacionalmente como uma das mais livres e competitivas. Sete milhões de habitantes em cerca de mil quilómetros quadrados fazem de Hong Kong uma das cidades mais densamente povoadas do planeta mas também um dos maiores PIB *per capita* do mundo – 37.400 dólares norte-americanos – e o maior da Ásia.

No coração da cidade

O táxi pára mesmo em frente ao célebre edifício do *Hong Kong and Shanghai Banking Corporation* (HSBC), a escassos metros do destino. Vale a pena mencionar o edifício não só porque foi imortalizado nas telas do grande ecrã em variadíssimas películas de Hollywood, devido à vanguarda arquitectónica que representa mas, mais particularmente, pelo significado da instituição que abriga. Assumindo-se como um dos maiores bancos da cidade e um símbolo da pujança económica da antiga colónia britânica, o HSBC deve muito do seu sucesso, e provavelmente a sua sobrevivência, aos inúmeros membros da comunidade de portugueses do Oriente que preencheram os seus quadros desde a sua fundação. “*The boys from Macau*”, como Hong Kong carinhosamente os apelidou, formaram um forte contingente junto da sociedade local, especialmente após a Segunda Grande Guerra. Macaenses por condição, estes filhos da miscigenação realçaram sempre as suas origens portuguesas e a sua portugalidade cultural.

Antes mesmo de se atravessar a *Ice House Street*, onde a alta sociedade de Hong Kong se passeia à velocidade contagiante dos negócios por entre as mais diversas lojas de grandes marcas internacionais e as luxuosas *suites* de escritórios, avista-se a Cruz de Cristo que identifica o mais recente edifício do *Club Lusitano* de Hong Kong. Trata-se do terceiro imóvel ocupado pela instituição naquele mesmo terreno desde 1920, data em que abandonou as instalações de *Shelley Street* para se estabelecer em *Central*. A 17 de Dezembro de 1965, por ocasião do centenário da fundação do clube e com o apoio financeiro da dependência do Banco Nacional Ultramarino em Macau, seria lançada a primeira pedra de um novo edifício que foi ponto de encontro da comunidade num dos seus períodos áureos. E, volvidos 35 anos, no mesmo dia e mês do ano 2000, iniciaram-se os trabalhos de construção das actuais soberbas instalações.

Uma tradição enraizada

Hong Kong herdou toda uma cultura clubista britânica, hoje parte integrante da sociedade. As opções clubísticas são inúmeras, com espaços para todos os gostos e a promoção ou defesa de todas as causas, desde a preservação do golfinho cego cor-de-rosa, que tem como *habitat* natural o estuário do Rio das Pérolas, aos pólos culturais, económicos e políticos. Pertencer a determinado clube é, para todos os efeitos, um símbolo de prestígio que atesta o estatuto social. Em Hong Kong, onde o negócio é rei, a *membership* é muito mais do que isso. É uma porta que abre novas oportunidades, novos conhecimentos, novas relações. No passado este tipo de instituições funcionou como ponto de acolhimento da comunidade expatriada de negociantes e funcionários da administração colonial. Elitistas na sua política de associados, rapidamente evoluíram para se assumirem como verdadeiros núcleos de poder em defesa de interesses comuns.

No caso do *Club Lusitano* os seus membros

A vista central do clube dá para a mansão dos antigos governadores de Hong Kong e do actual Chefe do Executivo



À esquerda do clube perfilam-se os edifícios sede do Standard Chartered Bank e Hong Kong and Shanghai Banking Corporation

exerceram uma notável influência sobre os destinos de Hong Kong desde os tempos da fundação da cidade, em 1841. Porventura os marcos mais significativos e de maior reconhecimento junto da população local terão sido o voluntariado da comunidade lusodescendente nas forças armadas que defenderam Hong Kong da ocupação japonesa durante a Segunda Guerra Mundial e a dinamização da península de *Kowloon*, do outro lado do porto de Hong Kong.

Até certo ponto, essa influência continua a ser visível nos altos cargos ocupados por alguns dos membros, como juizes do Tribunal de Última Instância, advogados e empresários de reconhecido sucesso, estrelas da sociedade local e até cavaleiros da Coroa britânica, como *Sir Roger Lobo*, reconhecido pelo seu desempenho nos trabalhos que levaram ao retorno da soberania de Hong Kong para a China.

Porém, os números da comunidade de matriz portuguesa são cada vez mais reduzidos e a sua exposição menor. De acordo com as estimativas do *Club*, serão cerca de um milhar os portugueses (na sua esmagadora maioria macaenses) actualmente a residir em Hong Kong. Os sócios contam-se em largas centenas mas a maioria são “membros ausentes”, indivíduos que fazem do território o seu segundo ou terceiro lar. Os que realmente par-

ticipam activamente na vida do clube são luso-descendentes, já nascidos em Hong Kong, alguns sem qualquer ligação à língua portuguesa. O núcleo duro, constituído pelo que resta de toda uma geração de macaenses que imigrou para Hong Kong depois da Guerra do Pacífico, esse sim, fala o português, ainda que com um ligeiro sotaque *british*.

“Hoje os tempos são outros”, afirma num inglês perfeitamente britânico Henrique Souza, secretário-geral do Lusitano, encarregue da gestão corrente da instituição. Filho de terceira geração de macaenses, Henrique Souza personifica o elemento típico da comunidade luso-descendente de Hong Kong dos dias de hoje. Curiosamente, ou não, foi convidado para o cargo aquando da sua aposentação como quadro sénior do *Hong Kong and Shanghai Banking Corporation*.

Visita guiada

Qual “mestre de cerimónias”, o nosso anfitrião presta-se a mostrar as espaçosas instalações do clube que ocupam os três últimos pisos do edifício de 28 andares. Salão de baile, restaurante, bar, salas de bilhar, de jogos e de convívio, tudo revestido pelo luxo e o acolhedor requinte da madeira. Os restantes pisos do edifício abrigam escritórios de empresas *offshore*, gestão de investimentos, advogados, médicos ou terapeutas e, inclusivamente, a representação de uma companhia aérea, a *South African Airways*. Por estar localizada na zona nobre da cidade, esta jóia do imobiliário de Hong Kong está avaliada em cerca de 600 milhões de dólares de Hong Kong (aproximadamente 75 milhões de dólares norte-americanos). É certo que o clube contraiu empréstimos significativos para viabilizar a sua construção, mas o edifício garante à instituição a sua robustez financeira.

É no último andar, onde está localizado o Salão Nobre de Luís de Camões, que o edifício toma todo o partido da sua localização revelando, através das paredes envidraçadas, uma magnífica vista típica

dos postais ilustrados de Hong Kong, tendo como pano de fundo um emaranhado de arranha-céus. De um lado perfilam-se os edifícios do *Standard Chartered Bank*, do *Hong Kong and Shanghai Banking Corporation* e a torre do *Banco da China*, outro exemplo do arrojo arquitectónico da cidade, assinado por Ieoh Ming Pei, também responsável pela pirâmide de vidro do Museu do Louvre em Paris, e a quem foi encomendado o projecto de concepção do futuro Centro de Ciência de Macau. À frente, avista-se um vasto patamar de vegetação polvilhada por edifícios baixos, desde o Tribunal de Última Instância à Catedral de *St. John*, colégios e parques. Lá mais ao fundo ergue-se

uma torre negra, propriedade de Li Ka Shing, o empresário mais rico de Hong Kong. E, pela direita, ladeada pela vegetação dos jardins Botânico e Zoológico de Hong Kong, surge uma peculiar construção de dois andares - a mansão dos antigos governadores de Hong Kong, onde aliás vários membros do Lusitano foram homenageados. No apo-

geu do século XIX os bailes do *Club* eram um acontecimento social que ninguém queria perder, e o mesmo se poderia dizer dos convívios promovidos entre as décadas de 60 e 80 do século passado, quando a influência do Lusitano se repercutia na própria administração da então colónia. Hoje, as instalações do clube continuam a ser cobiçadas mas por motivos mais pragmáticos. O Salão Nobre de Luís de Camões é especialmente do agrado de instituições comerciais para a realização das suas promoções e encontros. O *American Chamber of Commerce*, por exemplo, é uma presença



Henrique Souza



Localizada a Este do Delta do Rio das Pérolas, a 70 quilómetros de Macau que fica do outro lado do rio, Hong Kong é considerada uma das mais pujantes praças financeiras do mundo



Recomendação do chefe: salmão à moda do Minho...

assídua no edifício, tirando partido da sua localização, das infra-estruturas de apoio e, muito possivelmente, da paisagem para impressionar os seus convidados. “Claro que terá sempre de haver uma qualquer ligação a um sócio do clube, que requisita e se responsabiliza pelas acções dos seus convidados”, aclara Henrique Souza.

Contudo “o espaço está claramente subutilizado”, afirma o gestor. Fora eventos pontuais são meia dúzia os sócios que ali param num dia de semana. A mais recente excepção foi durante a realização do Campeonato do Mundo de Futebol, seguida muito atentamente pelos sócios até altas horas de madrugada (os jogos começaram entre as 21h00 e as 03h00, hora de Hong Kong). Retirando as inúmeras recepções aos chefes de Estado e governantes portugueses que visitaram a China nos últimos anos, o último grande evento promovido que encheu literalmente o clube foi uma recepção oferecida aos delegados ao Encontro das Comunidades Macaenses, em Novembro de 2004. O restaurante, que se pauta pela gastronomia portuguesa, ainda vai registando algum movimento durante os almoços, fruto da localização junto aos escritórios de vários membros. Mas tanto o bar como a sala de convívio não encontram par nos encontros de fim



As instalações pautam-se pelo requinte

de tarde do passado, quando os sócios se reuniam ali para tomar o seu *drink* antes dos seus compromissos nocturnos.

As memórias e o futuro

Esses encontros são das recordações que mais emoção provocam a Arnaldo de Oliveira Sales, presidente do *Club Lusitano* desde 1967. O Grã-Cruz, Grande Oficial e Comendador da Ordem do Infante Dom Henrique (sendo a mais alta condecoração do Estado Português) recorda-se bem dos tempos em que era também presidente do Urban Council (administração municipal) de Hong Kong. “Encontrava-me aqui todos os dias com todos os meus amigos para tomar o nosso whisky e falarmos um pouco de tudo, desde política até aos casos mais necessitados da comunidade. O clube ajudou muita gente...”, recorda aquele que foi o grande dinamizador do Lusitano nas últimas quatro décadas.

Oliveira Sales, cuja carreira pode ser descrita como uma sucessão de galardões e reconhecimentos públicos das instituições a que esteve ligado (destacam-se o *Junior Chamber International* de Hong Kong e *Hong Kong Olympic Committee*) recusou ser nomeado cavaleiro britânico pois isso obrigá-lo-ia a abdicar da sua



nacionalidade portuguesa. O também detentor da mais alta distinção do Executivo de Hong Kong, a *Grand Bauhinia Medal*, atribuída em 1998 pela sua dedicação em prol do desporto amador e do movimento Olímpico, não esquece as glórias passadas do clube mas também não tem ilusões quanto ao futuro. Perspicaz investidor, resgatou o clube da quase bancarrota em que se encontrava quando assumiu a presidência para a actual situação financeira, afirma peremptoriamente que “assim não temos futuro, o clube está a desaparecer”. O envelhecimento da comunidade, o êxodo para outras paragens e o desinteresse das novas gerações, tudo são argumentos para uma tomada de posição drástica da direcção do Lusitano: “temos de abrir as portas a membros de fora da comunidade”.

“Claro que não será admitido qualquer um. Terá de ser uma pessoa idónea, de reconhecido mérito junto da comunidade e da confiança dos associados”, salvasguarda o comendador do Brasil, Espanha, Itália, Japão e Reino Unido, entre outros. Não sendo uma decisão unânime junto dos associados a proposta de abertura da *membership* recolhe o acordo da maioria.

Já no final do ano passado foi convocada uma assembleia-geral extraordinária para deliberar sobre a matéria. Contudo, não se reuniu o necessário quórum que permitisse alterar os estatutos do clube, que o classifica como uma instituição étnica. A alteração “é uma questão simples que pretendemos ver resolvida na Assembleia-Geral deste ano”, afirma Oliveira Sales, confiante na dinamização de mais um capítulo da história do clube. A materializar-se, a entrada de novos membros no



Oliveira Sales, presidente do Lusitano

Club Lusitano pode vir a revitalizar uma das mais idóneas instituições de matriz portuguesa do Oriente que, embora goze de uma considerável solidez financeira, carece de membros que a dinamizem.

Uma das apostas mais pragmáticas no futuro da comunidade passa pela criação de uma associação de empresários macaenses de Hong Kong que, paralelamente ao clube, apoie a aproximação económica da China aos mercados estrangeiros, mais especificamente com os países de língua portuguesa, fazendo vingar a sua densa e importante rede de contactos comerciais. A iniciativa tem a sua génese no seio das Casas de Macau espalhadas pelo mundo - o *Club Lusitano* é uma de 12 - e fará sentido também em Hong Kong, que tem vindo a registar um crescente volume de comércio bilateral como um dos maiores parceiros comerciais da China, por sinal falante de língua portuguesa, o Brasil. ■

Um clube único no mundo

Prestes a completar 140 anos, o *Club Lusitano de Hong Kong* é uma das mais pujantes associações de portugueses em todo o Mundo e a sua rica história confunde-se com a de uma cidade em cuja fundação intervieram decisivamente Macau e a sua população

Não é muito fácil imaginar hoje a “zona portuguesa” de Hong Kong quando a então colónia britânica tinha pouco mais de duas décadas de existência e as comunidades ocidentais ocupavam no litoral da ilha de Victoria uma estreita faixa conhecida como *Praya*, numa óbvia réplica da Praia Grande, a elegante marginal de Macau na outra margem do estuário.

Há portugueses de Macau presentes no momento da fundação de Hong Kong, em 1841, alguns ocupam até cargos administrativos de relevo, mas o grande êxodo para a nova colónia sucede em 1849, após o assassinato do governador Ferreira do Amaral, e os que chegam à nova cidade albergam-se à sombra da Igreja da Nossa Senhora da Imaculada Conceição, erigida em 1842 em *Wellington Street*. É esse, na actual zona de *Central*, o espaço inicial da presença portuguesa em Hong Kong, que ocupa ruas e locais que farão parte da história de uma comunidade, nomeadamente: *Elgin*, *Upper Mosque Terrace*, *Al-*

buthout, *Wyndham*, *Connaught*, *Caine*, *Robinson*.

O consulado português funcionava em *Wyndham Street*, assim como a maioria das companhias comerciais portuguesas que adoptaram igualmente a mesma zona para se fixarem. É desse núcleo constituído por comerciantes e funcionários da administração colonial britânica que surge, em 1866, a iniciativa de se criar uma associação da comunidade

portuguesa, numa altura em que expatriados de outras nacionalidades, como os alemães e o seu *Germania Club*, já dispunham de espaços próprios de convívio. A ideia partiu de dois dos mais bem sucedidos imigrantes, J. A. Barretto e Delfino Noronha, provavelmente descontentes com o crescente carácter selectivo do *Hong Kong Club*, que exclui a comunidade da sua frequência, e foi apadrinhada em Macau pelo governador Coelho do Amaral, que no dia 17 de Dezembro de 1866 o inaugura na companhia de um representante do seu homólogo de Hong Kong.

A primeira sede do *Club Lusitano* situava-se em *Shelley Street*, num edifício onde tinha funcionado o *Cosmopolitan Hotel*, e, apesar do seu emblema original representar uma mulher num acto de protecção a duas crianças, teriam que passar mais de cem anos para que caísse um das “regras de ouro” do clube, que interditava o acesso de mulheres a boa parte das suas instalações.



Quando da fundação do Lusitano, que surge apenas um ano mais tarde do que o *Hongkong and Shanghai Bank*, a instituição que é um dos emblemas de Hong Kong, havia já referências à actividade na colónia de um Clube Venatório e de um *Club* de Recreio, este uma antecipação da colectividade que, com o mesmo nome, se tornou no grande rival do Lusitano.

Pelo Lusitano passa então o núcleo da actividade de lazer de uma comunidade cada vez mais numerosa e com maior influência na vida da colónia e os anos que se seguem assistem a espectáculos e a iniciativas tão variadas como encenação de peças de teatro, ensino da língua portuguesa, oferta de lembranças ao escritor Camilo Castelo Branco, celebração do tricentenário da morte de Luís de Camões e hospedagem de “ilustres hóspedes” oriundos de Macau. O Lusitano consolida a sua fama e influência e, em 1920, muda a sede para *Ice Street*.

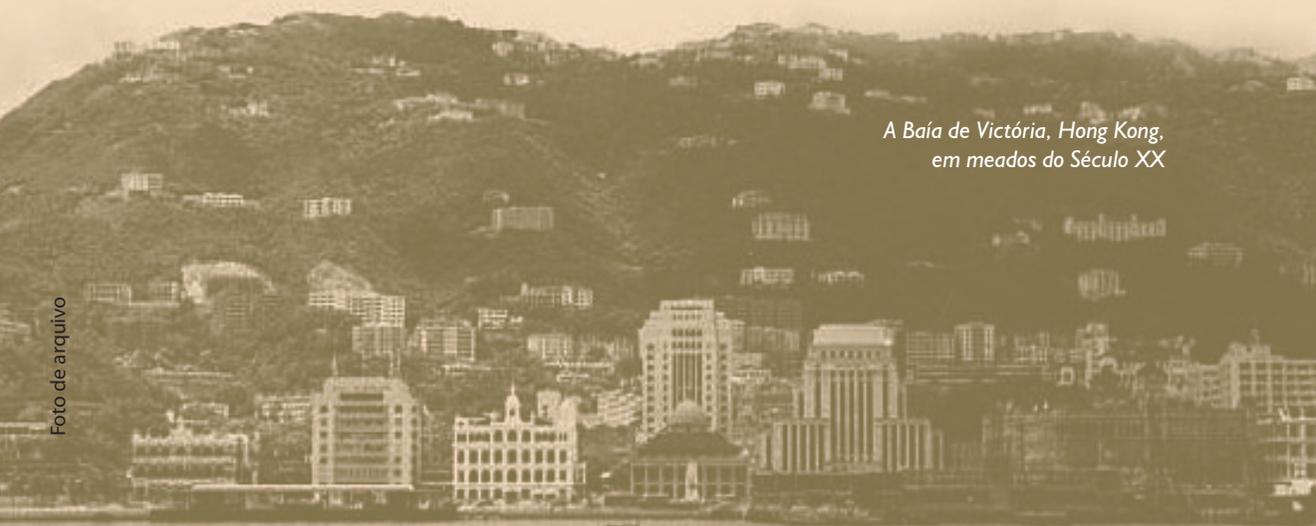
Clube de comunidade num meio fechado como foi durante muitos anos a colónia, o Lusitano não esteve imune às divisões e intrigas que não poucas vezes afectaram os portugueses de Hong Kong e a sua história é também marcada por tentativas de dissidência, de formação de novas colectividades, por gorados movimentos de fusão com outros clubes, pelo alinhamento ou oposição face ao poder em Macau, pela polémica sobre os desnacionalizados (portugueses que tinham obtido a nacionalidade britânica) mas a tudo resistiu, inclusivamente a grandes dívidas bancárias que contraiu na década de 1960 quando o espectro da Revolução Cultural lançou fortes dúvidas sobre o futuro e a viabilidade de Hong Kong.

Um dos momentos mais nobres do Lusitano foi a sua transformação em sede das companhias portuguesas de Voluntários, perante a ameaça de invasão japonesa de Hong Kong, e, quando esta se concretizou no dia de Na-

tal de 1941, em centro de acolhimento de refugiados portugueses, antes da sua evacuação para Macau, um dos raros locais na Ásia que escapou aos movimentos do exército nipónico.

Hoje, o Lusitano procura na sua incrível solidez financeira argumentos para combater o progressivo esvaziamento da comunidade portuguesa em Hong Kong e deve muito da sua pujança aquele que foi, sem dúvida, o mais influente dos seus presidentes, Arnaldo de Oliveira Sales, eleito para o cargo em 1967. Oliveira Sales, que desempenhou inúmeros cargos de relevo na administração de Hong Kong, como o de presidente do *Urban Council*, nasceu em Cantão mas viveu a maior parte da sua vida em Hong Kong, onde, a partir de 1967, lançou as reformas que permitiram ao Lusitano ser aquilo que hoje é: um dos clubes de comunidade mais sólidos do Mundo. ■

* Autor de “*The Boys from Macau*”
- Edição Livros do Oriente



A Baía de Victória, Hong Kong,
em meados do Século XX



Casas projectam “Instituto Adé”

As Casas de Macau associaram-se à promoção da candidatura do patuá – crioulo outrora falado pela comunidade macaense que integra expressões europeias e orientais – a Património Universal Intangível da UNESCO. Por ocasião da reunião anual do Conselho Permanente do Conselho das Comunidades Macaenses, que se realizou em Outubro, foi assinado um protocolo que prevê a criação do “Instituto Adé”, aliás Instituto de Investigação e Divulgação do Dialecto Macaense Patuá. A nova instituição herda o nome de um dos mais destacados escritores macaenses, José (“Adé”) dos Santos Ferreira (1919-1903), ele próprio promotor do patuá, terá a sua sede em Macau e delegações em cada uma das Casas de Macau espalhadas pelo mundo. Foi ainda empossada a comissão instaladora da “Confraria da Gastronomia Macaense”, projecto destinado a preservar uma das mais ricas expressões da identidade macaense, a sua culinária.

■ Sexto Encontro das Comunidades aberto a sugestões

O 6º Encontro das Comunidades Macaenses, o terceiro a ser realizado após o estabelecimento da RAEM, já tem data marcada, Novembro de 2007. Ela foi escolhida no decorrer de uma reunião preliminar que contou com a presença dos membros dos conselhos Permanente e Geral do Conselho das Comunidades Macaenses que se encontravam em Macau como convidados para assistirem aos Ios.

Jogos da Lusofonia e ainda dirigentes de associações locais. Embora a temática do Encontro já tenha sido decidida – os jovens –, a comissão organizadora está aberta à recepção de sugestões para o programa do evento até Março de 2007.

■ Empresários macaenses organizam-se

Empresários macaenses da diáspora manifestaram o intuito de constituir uma estrutura federativa que estimule e apoie o desenvolvimento da actividade comercial das várias associações comerciais macaenses já existentes e das que venham a ser criadas no futuro. A intenção foi expressa ao secretário para a Economia e Finanças, Francis Tam, que recebeu a comitiva dos corpos sociais das associações comerciais macaenses que assistiram à 2ª Conferência Ministerial do Fórum de Cooperação entre a China e os Países de Língua Portuguesa, realizada em Macau em Outubro. A participação na próxima edição da Feira Internacional de Macau (MIF), em 2007, é para já a grande prioridade da futura federação. A delegação que se reuniu com Francis Tam era composta por José Manuel Rodrigues, presidente do Conselho das Comunidades Macaenses, e representantes do movimento associativo da diáspora, Herculano Airoso e Júlio Branco (Casa de Macau de São Paulo – Brasil), Henrique Manhão (Casa de Macau USA) e António Aman-te (Casa de Macau, Vancouver).

Master and Postgraduate Program

International Business Law

2006/2007

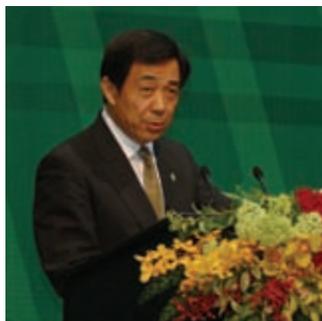
The Faculty of Law of the University of Macau is starting in 2006/2007 a new graduate program in International Business Law, which is open to lawyers and non-lawyers. It offers a great opportunity for persons involved in business (whether in banking, insurance, trade, real estate, gaming or other sectors) to study the Macau and international law applicable to business transactions. The program has a flexible structure including various elective disciplines covering both international law, regional law and Macau law. The academic orientation is practical, and is designed to meet the needs of entrepreneurs and companies and their staff.

www.umac.mo/fl/ibl



University of Macau
Faculty of Law

For more information, please call: +853 3974795 or 397489 Fax: (853) 3974798



Bo Xilai

Ministro de Comércio China (Abertura do Fórum)

Há três anos, encontrámo-nos nesta ocasião com representantes vindos dos quatro continentes dos países lusófonos, estabelecendo o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, com base no desejo comum e benefícios mútuos. O Fórum é novo e por isso é dinâmico; é diversificado e por isso os participantes podem apoiar-se uns aos outros. Durante os últimos três anos, a nossa cooperação tem alastrado em diversos domínios de desenvolvimento económico e comercial, obtendo excelentes

resultados. No ano passado o comércio entre a China e os Países de Língua Portuguesa atingiu aos 23,2 bilhões de US dólares, duplicando-se nos últimos dois anos, enquanto o investimento nos dois sentidos, atingiu aos 500 milhões de US dólares, sendo a área de obra empreitada e de cooperação laboral passa de pequena a grande escala e a respectiva qualidade a elevar-se.

(...) Acreditamos que a Conferência vá aprofundar as relações entre a China e os Países de Língua Portuguesa e fomentar o intercâmbio dos sectores industriais e comerciais destes países, contribuindo assim para o aprofundamento da cooperação entre a China e os Países de Língua Portuguesa em todos os aspectos. ■



Ivan Ramalho

Secretário Executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Brasil

Existem diversos sectores com alto grau de complementaridade como o têxtil, couro e calçados, madeira e móveis, construção civil, electro-electrónico, software, fármacos, sucro-alcooleiro e alimentos, além do turismo. (...) Tomemos os sectores de fármacos e etanol, por exemplo, os países africanos de língua portuguesa necessitam de medicamentos para o combate a diversas moléstias que afligem a região. Brasil, China e Portugal têm condições de, em parceria com esses países,

desenvolver programa de fabricação de medicamentos genéricos que viria a beneficiar todos os países do Fórum.

No caso do etanol, o Brasil detém grande experiência (...) que poderia ser aproveitada pelos demais países do Fórum com o objectivo de melhorar o meio-ambiente, aumentar o emprego e reduzir gastos com gasolina e outros derivados do petróleo. (...) Países como Angola e Moçambique, que possuem grande extensão territorial propícia para a produção de etanol, teriam à sua disposição poderoso factor gerador de renda para a população. Além disso, o novo sistema flex fuel, um sucesso no Brasil, em que os automóveis podem funcionar movidos à gasolina, etanol ou qualquer mistura dos dois combustíveis, pode ser empregado em qualquer país, sem maiores custos e com grandes benefícios ambientais, económicos e sociais. (...)

Acredito que outras iniciativas como o desenvolvimento de linhas de crédito mútuas, a exemplo do que já ocorre entre Brasil e Angola, e ampliação das rotas de transporte aéreo e marítimo, entre outras, também poderão contribuir sobremaneira para esse intuito (aproximação entre a China e os países de língua portuguesa). ■

Fotos: Carmo Correia



João Pereira da Silva

Ministro da Economia de Cabo Verde

Desde a nossa independência e do início do esforço de modernização do Estado Cabo-verdiano, a República Popular da China foi aberta às necessidades particulares das economias menos avançadas (...). Foi com a ajuda Chinesa que, nos anos oitenta e noventa, erguemos as infra-estruturas que hoje abrigam a maior parte das instituições do nosso jovem Estado (...) Foi com fundos e técnicos chineses que pudemos realizar o projecto da Barragem do Poilão, uma infra-estrutura que vai revolucionar a agricultura da Ilha de Santiago. (...)

Propomos que o Governo Chinês considere a recente evolução da economia Cabo-verdiana e a consequente reavaliação do nosso *credit rating* na China; (...) Propomos que os operadores turísticos e de construção civil Chineses procurem definir o seu espaço no centro do dinâmico mercado turístico e imobiliário Cabo-verdiano; Propomos que seja considerada, no quadro do potencial representado por investimentos como o do Grupo Chow, a atribuição a Cabo Verde do estatuto de destino turístico autorizado; Propomos o estudo das possibilidades oferecidas por Cabo Verde como um Portal da República Popular da China para a África Ocidental; Propomos o estudo das possibilidades de Cabo Verde como centro de transbordo de mercadorias Chinesas; das suas possibilidades como centro de apoio e de prestação de serviços às frotas mercantis e pesqueiras Chinesas; Propomos que o tradicional interesse da República Popular da China pelo sector pesqueiro de Cabo Verde, e por determinados sectores da indústria de transformação, tal como a produção de cimento, seja repensado à luz da racionalidade empresarial. ■



Pascoal Domingos Baticã

Ministro do Comércio e Indústria da Guiné-Bissau

Este caminho de futuro que queremos trilhar juntos é um caminho, baseado na modernidade, globalização e, consciente da importância fundamental do desenvolvimento dos nossos povos e da necessidade de correcção de assimetrias do desenvolvimento existente entre os nossos diferentes países. (...)

É reconhecido o esforço que tem vindo a ser feito pelo Governo no sentido de mudar o panorama do ambiente de Negócios e de Investimento no nosso País, visando essencialmente melhorar os instrumentos

de conduta das políticas económicas, garantia da qualidade dos Recursos Humanos, Valorizando assim o Investimento sustentado.

Temos tido na República Popular da China um importante Parceiro de Desenvolvimento e, um incontornável aliado no desdobramento e encaminhamento de questões internacionais cruciais, por isso o Governo e a Cimeira do Estado da Guiné-Bissau decidiu priorizar o Fórum Sino – África, bem com este Fórum, como sendo locais privilegiados para o estabelecimento de diálogos e da cooperação internacional.

Um bom exemplo dessa cooperação, entre a China e o meu país, é a implementação de importantes projectos de desenvolvimento no meu país, financiado pelo Governo da República Popular da China, nomeadamente: Centro de Divulgação da Técnica de Cultura Orizícola de Carantaba, no leste do país; Construção de 1000 (mil) casas sociais; Construção do Palácio da Justiça; Construção do Hospital Militar; Construção da Barragem Hidroeléctrica de Salinho. ■



Mário Lino

Ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações de Portugal

Os efeitos positivos são desde já visíveis no crescimento do comércio de Portugal com a China e com os Países de Língua portuguesa nos últimos anos. Com os Países de Língua portuguesa, as trocas elevaram-se a €2,3 mil milhões em 2005, um acréscimo de + 17,1% relativamente ao ano anterior.

Portugal está empenhado no contínuo reforço das relações com todos

os Países de Língua portuguesa, seja ao nível da cooperação para o desenvolvimento, (...) seja na cooperação económica e comercial, ou ainda no estímulo à intensificação da cooperação empresarial. (...) No que respeita à China, foi recentemente instituída uma Parceria Estratégica Global entre os dois países. Trata-se de uma excelente oportunidade para elevar a cooperação bilateral a um novo patamar, tendo sido elencadas uma série de iniciativas a levar a cabo nos domínios político, económico, científico e tecnológico, linguístico, cultural e educativo. Estou certo que irão produzir resultados concretos a muito breve trecho. Em termos comerciais, permito-me assinalar que o comércio bilateral situa-se perto dos mil milhões de euros, e que a China é já o terceiro principal destino das exportações portuguesas para países fora do espaço da União Europeia. (...)

Não obstante os bons resultados já atingidos, (...) existe ainda uma larga margem de progressão para o aprofundamento da cooperação económica e comercial entre os nossos países. ■



Joaquim Icuma Muafumba

Ministro do Comércio de Angola

O Governo da República de Angola enfrenta agora o desafio de fazer com que este rápido crescimento, baseado na exportação do petróleo, conduza a um desenvolvimento que beneficie efectivamente o conjunto da sua população. Para alcançarmos estes objectivos, necessitaremos sempre do apoio da Comunidade Internacional, e aqui, podemos reconhecer e destacar, a captação de investimentos através da República Popular da China (...). Enaltecemos a contribuição positiva do Fórum para o desenvolvimento das relações económicas e comerciais,

mas torna-se ainda mais importante incentivar a cooperação empresarial. (...) Aos investidores, para além de incentivos fiscais aliantes são dados vários benefícios de transferência dos seus dividendos, lucros e garantias efectivas de indemnização e da defesa, mesmo judicial, dos seus interesses. (...)

Agora, com a paz, o Governo quer retomar o desenvolvimento para reconstruir o país e recuperar a posição de Angola no mundo dos negócios. A inflação tem sido contida e nos últimos anos tem confirmado uma tendência de queda. O Governo implementou um programa de privatizações de empresas públicas e abriu o sector petrolífero ao empresariado privado nacional. (...) Podemos afirmar que o advento e o reforço da paz no país, a concepção de uma Lei de Investimento privado inovadora e atraente e a criação de estruturas e instituições de investimento mais modernizadas e específicas, tem já dado resultados visíveis consequentes. ■



Salvador Namburete

Ministro da Energia de Moçambique

As relações de amizade e cooperação entre Moçambique e a República Popular da China vêm de longa data. O primeiro contacto entre os dois povos foi estabelecido no século XV, com o desembarque na costa moçambicana, do célebre navegador chinês, Senhor Zheng He, passando pela fase em que lutávamos pela nossa independência nacional para cujo sucesso o apoio do vosso país foi decisivo e determinante. (...) A nossa mais profunda satisfação e agradecimento pela decisão do Governo Chinês em cancelar parte da dívida dos Países

Africanos e da Ásia de Língua Portuguesa, bem como em continuar a providenciar a Assistência para o Desenvolvimento dos nossos países.

Acreditamos que o ambiente favorável ao investimento no país, incluindo o investimento estrangeiro existente no país, as potencialidades em termos de recursos naturais e humanos, bem como a sua localização geográfica, estratégica e privilegiada na região da África Austral, com um mercado de mais de 200 milhões de pessoas, aliados à criação de uma Zona de Comercio Livre, em 2008, são condições propícias que o nosso país reúne, e que contribuem para o estreitamento e incrementos da cooperação económica e comercial, entre a China e os Países participantes, com particular destaque para o envolvimento do sector privado. (...) Reiteramos o nosso apelo aos Países Participantes do Fórum, da necessidade de redobrar esforços com vista a tirar vantagens deste fenómeno, por forma a consolidar os factores positivos prevalentes como a paz, estabilidade política e macroeconómica, bem como para potenciar o desenvolvimento económico sustentável dos nossos países. ■



Arcanjo da Silva

Ministro do Desenvolvimento de Timor-Leste

A República Democrática de Timor-Leste, o mais jovem país lusófono, após a Restauração da sua Independência, a 20 de Maio de 2002, iniciou uma nova fase da reconstrução do país com a criação do edifício jurídico, social e económico.

Para isto tem contado com a solidariedade e apoio técnico e financeiro da comunidade internacional, e em particular dos países lusófonos, da República Popular da China e da Região Administrativa Especial de Macau.

Após quatro anos de independência, Timor-Leste continua a enfrentar dificuldades económicas e sociais, continuando a viver à base de uma economia de importação. (...) Desejo reconhecer também, que a participação do meu país, neste Fórum nos trouxe grandes vantagens e benefícios. Durante os primeiros três anos de existência do Fórum, Timor-Leste participou em vários colóquios, seminários e cursos de formação para Funcionários Públicos, Técnicos e Empresários, acções inseridas no Plano de Acção aprovados na 1ª Conferência Ministerial de Outubro de 2003.

Estas acções permitiram-nos desenvolver as nossas capacidades técnicas e administrativas em diversas áreas de desenvolvimento económico e comercial, permitindo assimilar as melhores práticas internacionais e as melhores experiências da China, assim como a troca de experiências e conhecimento entre os formandos provenientes dos países participantes do Fórum. ■



Edmund Ho

Chefe do Executivo da RAEM

Nestes últimos três anos, o panorama da China e dos Países Lusófonos, nas vertentes de economia, comércio bilateral, aproveitamento de recursos naturais e humanos e noutros segmentos de cooperação conheceu relevantes progressos. (...) Na área económica e comercial, o comércio bilateral e os investimentos estão a crescer a um ritmo acelerado. O volume de comércio bilateral no ano passado atingiu, pela primeira vez, 20 biliões de Dólares Americanos, o que é um indicador encorajador. À medida que os efeitos e a projecção do “Fórum”

se fazem sentir, é cada vez maior o reconhecimento de Macau enquanto ponte de ligação essencial do comércio.

(...) Hoje a RAEM goza de estabilidade social, a economia está a viver uma fase de desenvolvimento acelerado e a população pode trabalhar em paz e liberdade. (...) A celebração e a implementação do CEPA; o início e os resultados de cooperação regional do Grande Delta do Rio das Pérolas; a atribuição ao “Centro Histórico de Macau” do estatuto de Património Mundial da UNESCO, a entrada de mais investimentos do exterior de grande escala no mercado de Macau, (...) constituem elementos da estratégia de desenvolvimento para uma diversificação industrial adequada em Macau, bem como a criação de uma plataforma económica, comercial e de serviços. (...) Nós iremos continuar a potenciar as vantagens singulares de Macau, cumprindo bem o seu papel de plataforma, proporcionando serviços de qualidade específicos aos Países Lusófonos e às Províncias e Cidades irmãs da China (...). ■



Bo Xilai

Ministro do Comércio da China (Encerramento do Fórum)

Além das delegações governamentais, também participaram no Fórum mais de 700 representantes do sector empresarial do Interior da China, de Macau e dos países lusófonos, tendo estabelecido contactos com vista a um maior intercâmbio. Podemos dizer que todas as partes aproveitaram o Fórum para reforçar as relações de amizade e tirar benefícios: Valeu a pena!

O Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial (...) demonstra a nossa expectativa para os próximos três anos, sendo o nosso guia de acção para uma meta comum. Estamos dispostos a concretizar a tarefa de duplicar o valor

das transacções e do investimento entre os países participantes, tendo em vista a ampliação da escala e do nível da cooperação económica e comercial entre a China e os países lusófonos. Além disso, vamos também dedicar-nos à cooperação no campo do aperfeiçoamento dos recursos humanos e o governo chinês vai alargar a sua cooperação com os países lusófonos em desenvolvimento, na área da formação profissional. A eliminação da pobreza e o desenvolvimento harmonioso constituem um desafio comum a todos os países, portanto, devemos desenvolver as nossas próprias vantagens, aproveitando os pontos fortes para superar os fracos, ampliando o intercâmbio e a cooperação nas áreas de finanças, ciência e tecnologia, saúde e cultura, etc., promovendo a concretização da meta do desenvolvimento económico e social dos respectivos países. ■



Foto: GCS

PLANO DE ACÇÃO PARA A COOPERAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL

1. *Cooperação Intergovernamental*

- Visitas recíprocas de alto nível;
- Reforço dos mecanismos bilaterais;
- Promoção do Investimento directo estrangeiro, turismo, transportes;

2. *Comércio*

- Aumento, até 2009, das trocas comerciais para 45 a 50 mil milhões USD (sobretudo as exportações para o mercado chinês);
- Criação de mecanismos de consultas periódicas (sobre comércio e produtos);

3. *Investimento e Cooperação Empresarial*

- Duplicação do investimento directo entre a China e os países de língua portuguesa;
- Divulgação de legislação e outras informações sobre comércio e oportunidades de negócio;
- Criação de um grupo de trabalho de Investimento;
- Apoio à cooperação entre empresas das áreas de infra-estruturas, transportes, telecomunicações, energia, agricultura e recursos naturais;

4. *Cooperação no Domínio Agrícola e das Pescas*

- Intercâmbio e formação de Pessoal;
- Construção de infra-estruturas e divulgação de tecnologia;

5. *Cooperação no domínio da Construção de Infra-estruturas*

- Troca de experiências no domínio tecnológico e na administração de empreitadas;

6. *Cooperação no Domínio dos Recursos Naturais*

- Promoção de acções com vista ao fortalecimento da cooperação na área da exploração e utilização de forma diversificada dos recursos naturais.

7. *Cooperação na Área de Recursos Humanos*

- Promoção de acções e planos de formação;
- Estudo de centros de formação próprios

do Fórum, nas áreas do comércio, turismo e economia;

- Acções de promoção do ensino das línguas chinesa e portuguesa;
- Aumento de cursos de graduação e pós-graduação, assim como do número de bolsas;

- Formação, a cargo da China, de 900 funcionários e técnicos dos países de língua portuguesa em desenvolvimento;

- Criação, a cargo da China, de escolas de aldeia para envio de jovens voluntários para prestar serviços de saúde, cultura e ensino;

8. *Cooperação para o Desenvolvimento*

- Concessão, por parte da China e Portugal, de empréstimos em condições favoráveis e de linhas de crédito;
- Perdão de algumas dívidas contraídas por países de língua portuguesa;

9. *Novas áreas de Cooperação*

- Estudo de um mecanismo de cooperação financeira próprio do Fórum;
- Estímulo da cooperação turística, através de intercâmbios e promoções;
- Estudo de ligações aéreas e marítimas directas;
- Programas nos sectores da prevenção e cura da malária, da SIDA, e tuberculose;
- Intercâmbios no âmbito da ciência e tecnologia;
- Cooperação no âmbito da rádio e da televisão, através da produção de programas e formação de pessoal;
- Intercâmbio Cultural

10. *Papel de Macau como Plataforma*

- Formação de pessoal, a cargo de Macau, nas áreas de línguas, comércio, turismo, finanças e gestão empresarial;

11. *Mecanismo de Acompanhamento*

- Melhoria da estrutura orgânica e funções do Secretariado Permanente do Fórum;

12. *Próxima Reunião Ministerial*

- Realização, em 2009, da terceira conferência ministerial, na RAEM.

MACAU 澳



Feira Internacional de Macau

Cento e trinta e três delegações (mais 25 do que na edição de 2005), oriundas de 39 países e territórios que ocuparam 326 stands – foram estes os números da 11ª Feira Internacional de Macau, a mais concorrida de sempre e que ocorreu na mesma altura da Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa.

法學碩士課程

Mestrado e Pós Graduação em Direito



A leccionação do Curso de Mestrado em Direito em Língua Portuguesa teve início em 1995.



Objectivos

Facultar uma formação especializada a juristas para a prática do ensino e da investigação na área do Direito e promover o estudo e o desenvolvimento do Direito em Macau, no contexto regional e internacional.

Estrutura do Curso

O grau de Mestre em Direito é concedido nas seguintes áreas de especialização:

- Ciências Jurídicas
- Ciências Jurídico-Políticas

Requisitos de Admissão

Os candidatos titulares do grau de Licenciatura em Direito com a classificação final de Bom (14 valores) podem ser admitidos directamente. Os candidatos com nota inferior a 14 poderão ser admitidos de acordo com o regulamento aplicável, após entrevista pelo júri, que pode recomendar a admissão, designadamente em face de curriculum, de trabalhos publicados e de conhecimento de língua estrangeira que considere de particular valia.

Duração do Curso

O Curso de Mestrado terá a duração de dois anos.

As disciplinas do curso são ministradas no período de um ano. A apresentação e defesa da dissertação devem ter lugar no prazo de 12 meses após o termo da parte curricular ou no prazo que vier a ser fixado de acordo com o respectivo regulamento.

Para informações

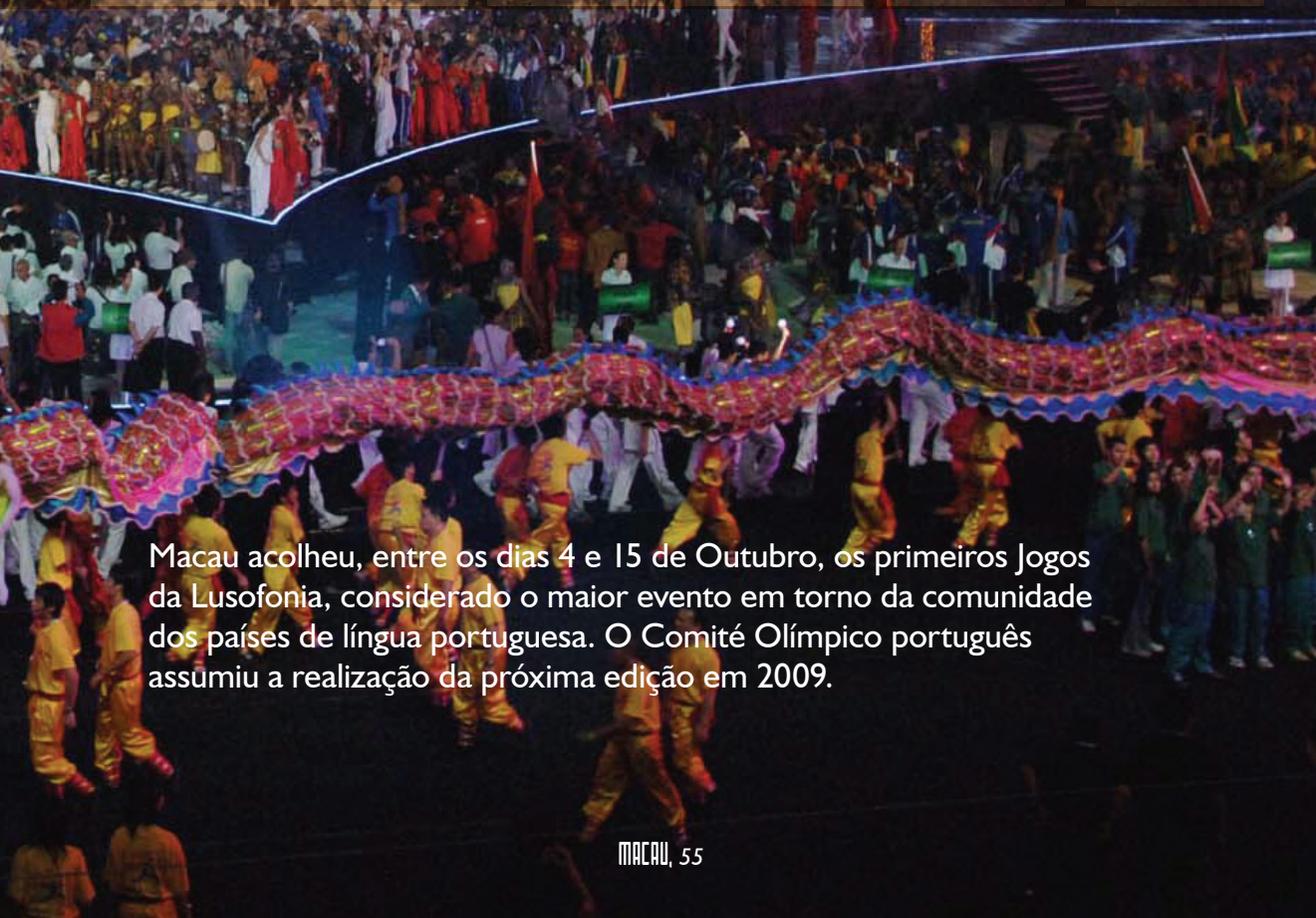
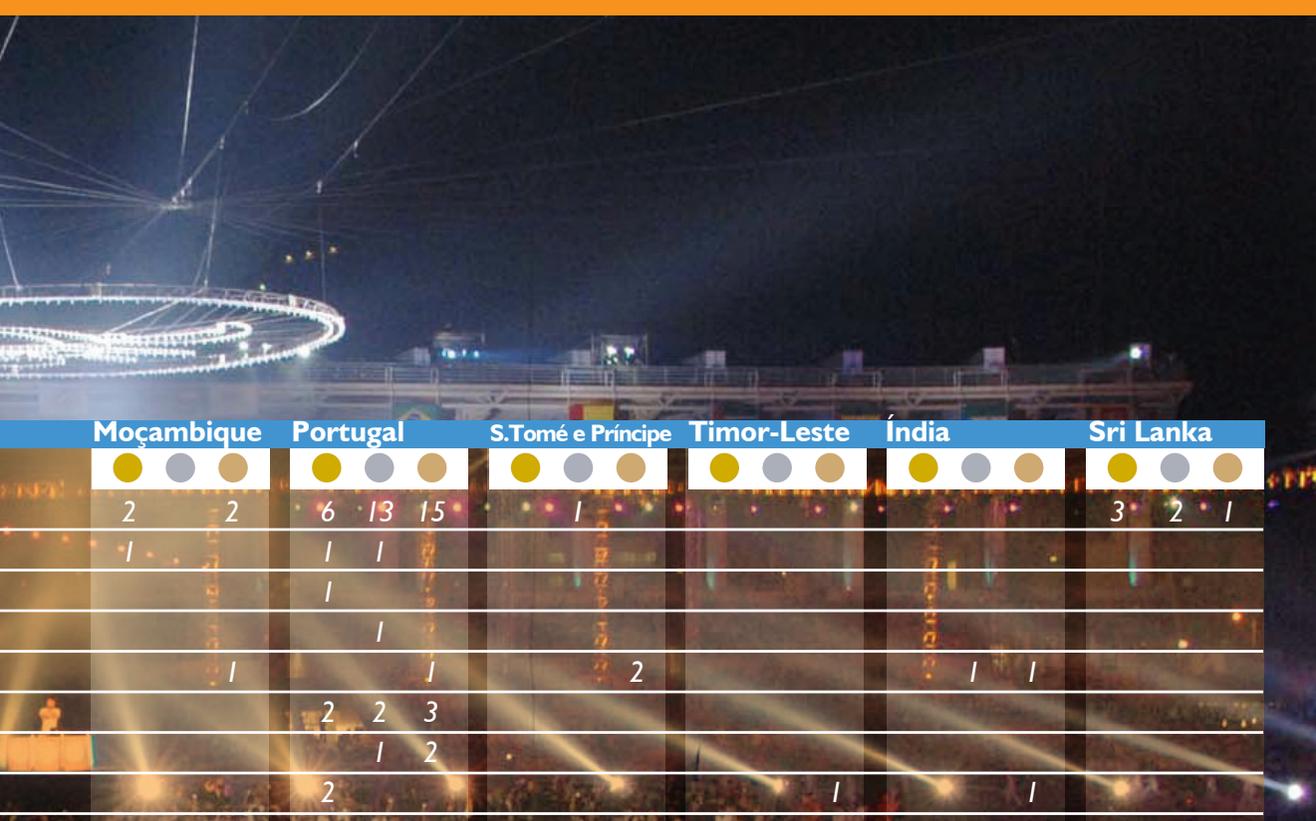
Email: fl.enquiry@umac.mo - Phone: (853) 3974797 Fax: (853) 3974798

www.umac.mo/fl

	Angola	Brasil	Cabo Verde	Guiné-Bissau	Macau
	● ● ●	● ● ●	● ● ●	● ● ●	● ● ●
Atletismo		20 15 6	1	1	5
Basquetebol	1			2	
Futebol	1			1	
Futsal		1			
Taekwondo	1 1	4	1 1		1 1
Ténis de Mesa		5 3			5
Voleibol de Praia		2 1			
Voleibol					2



Foto: Carmo Correia



Macau acolheu, entre os dias 4 e 15 de Outubro, os primeiros Jogos da Lusofonia, considerado o maior evento em torno da comunidade dos países de língua portuguesa. O Comité Olímpico português assumiu a realização da próxima edição em 2009.

Projecto para metro ligeiro

Uma linha de metro numa estrutura elevada com 22 quilómetros entre as Portas do Cerco e a ilha da Taipa e 26 paragens - esta é a proposta que consta da primeira fase do projecto apresentada pelo Governo e que está a ser alvo de auscultação pública. Só depois dessa fase, o Executivo da RAEM tomará uma decisão. O projecto tem um orçamento de 4,2 mil milhões de patacas. A escolha recaiu sobre uma estrutura elevada, em detrimento do metro subterrâneo e do sistema à superfície, pelo facto de ser mais barato, mais fácil de gerir e menos complicado de ser construído. Os aparelhos, todos automáticos, terão uma capacidade para 200 pessoas e o estudo garante que toda a linha será percorrida em 28 minutos. Uma linha que poderá entrar em funcionamento em 2010.



Edmund Ho no Vietname

O Chefe do Executivo da RAEM deslocou-se ao Vietname, de 8 a 12 de Outubro, numa visita oficial que teve como objectivo fortalecer seis áreas de cooperação: comércio, investimento, assuntos laborais, turismo, educação e cultura. Ao longo de cinco dias foram assinados diversos acordos, nomeadamente para facilitar a importação de mão-de-obra vietnamita para a RAEM e para subsidiar alunos que queiram estudar português na Universidade de Macau. Em estudo está também o estabelecimento de ligações aéreas entre os dois territórios. Os responsáveis vietnamitas mostraram-se igualmente interessados em utilizar a RAEM como plataforma para entrar nos países de língua portuguesa.



Poeta chinês condecorado

O poeta chinês Yao Jingming recebeu a insígnia da Ordem Militar de Santiago de Espada, atribuída pelo Estado português por ocasião do 10 de Junho. A entrega da condecoração, na residência do cônsul-geral de Portugal em Macau, ocorreu na mesma altura em que o território acolheu o encontro entre poetas da lusofonia e da China. Yao Jingming, tradutor de Luís de Camões, Fernando Pessoa e Eugénio de Andrade, afirmou sentir “felicidade, orgulho e emoção” pela condecoração portuguesa.



Português para os mais novos

O Instituto Português do Oriente (IPOR), sediado em Macau, decidiu, pela primeira vez, abrir uma “escolinha” de língua portuguesa para crianças dos seis aos 12 anos. A iniciativa do IPOR quis dar resposta ao elevado número de pedidos nesse sentido e destina-se a não falantes da língua portuguesa ou a portugueses que estudam em escolas internacionais. A “escolinha” quer ensinar a falar português de forma didáctica, divertida e dinâmica. A música é, por isso, uma componente da aprendizagem, assim como outros materiais audiovisuais.





澳門
MACAO

澳門 區域性 商貿服務 平台

MACAO a regional economic and trade co-operation platform

澳門貿易投資促進局

竭誠為您服務

IPIM - **ALWAYS**
at YOUR SERVICE

- 投資者一站式服務
One Stop Service for Investors
- 離岸業務 (非金融)
Off-Shore Service (non-finance)
- 經貿推廣活動
Exhibition & Trade Show
- 商業資訊
Business and Trade Information
- 澳門商務促進中心
Macao Business Support Centre
- 申請投資居留
Residency Application for Investors
- 本地企業服務中心 - 會員計劃
Macao Enterprise Service Centre -
Membership Scheme



澳門貿易投資促進局
Macao Trade and Investment Promotion Institute

澳門友誼大馬路918號世界貿易中心一至四樓
Av. Amizade No.918, World Trade Centre, 1st to 4th Floors, Macao
Tel: (853)710300 Fax: (853)590309 Email: ipim@ipim.gov.mo
Website: <http://www.ipim.gov.mo/>

24小時 電話查詢熱線
24-hour enquiry hotline
(853)881212

O negociador

Em Londres, onde hoje brilham muitos portugueses, vai terminar a carreira diplomática. António Santana Carlos, de 61 anos, deixou recentemente Pequim, colocando assim um ponto final a sete anos e meio no Oriente.

O homem que conduziu por parte de Portugal as negociações com a China na fase final da transição de Macau sente uma grande paixão por este lado do Mundo.

Não é um sinólogo, pois não fala chinês. Não aceita, aliás, o estatuto do diplomata português que melhor conhece a China, «no Ministério dos Negócios Estrangeiros há vários colegas, como o embaixador Pedro Catarino, que também trabalhou em Macau e em Pequim, que têm um bom conhecimento da China».

O último líder da parte portuguesa do Grupo de Ligação Conjunto (GLC) recorda, a propósito, que na RAEM está colocado o seu velho amigo Pedro Moitinho de Almeida e, em Xangai, João Maria Cabral, que trabalharam consigo naquele órgão de consulta entre Portugal e a China para a transição de Macau.



Sete anos e meio no Oriente não o transformaram num sinólogo, até porque não fala a língua. Santana Carlos, que acaba de trocar Pequim por Londres, não esconde que o trabalho em Macau e na China lhe permitiu verificar a competência, o elevado profissionalismo e o pragmatismo da diplomacia chinesa

Filho de um médico com larga experiência na cooperação internacional sentiu desde muito novo uma enorme atracção pelo estrangeiro. «O meu pai trabalhou durante quatro anos (1955-1959) nos Estados Unidos, tendo sido o primeiro médico português a especializar-se em medicina física e de reabilitação. Além disso, todos os anos participava em muitas conferências e seminários no exterior, o que acabou por influenciar o meu interesse pelo que se passava lá fora», contou-nos poucos dias antes de deixar Pequim. Natural de Lisboa, onde viveu quase sempre, à excepção de um ano, em que frequentou o Liceu de Évora, onde concluiu o antigo 7º ano, teve uma infância e uma juventude felizes, sem problemas. Oriundo de uma família católica, «acredito em Deus, mas não sou muito praticante», estudou sempre em escolas ligadas à Igreja. Em 1970 terminou a licenciatura em Ciências Sociais e Políticas e, em 1971, ingressou no Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE). «Sempre fui contra a guerra colonial e na altura havia a hipótese de regressar ao MNE após o período de recruta e de especialidade (seis-sete meses). É que caso a classificação nesse período fosse boa a hipótese de mobilização era remota». Foi o que sucedeu com Santana Carlos, que dos tempos de estudante na Universidade Técnica de Lisboa recorda com saudade os ensinamentos de professores como Adriano Moreira ou Narana Coissoró. «Estamos em campos opostos em termos ideológi-

cos, mas continuo a ter uma grande consideração por esses dois professores, que me marcaram muito, dada a sua alta craveira intelectual e enorme capacidade de serem precisos e claros na maneira de explicar as matérias».



Com dez anos de idade, no final da cerimónia de entrega das medalhas de mérito escolar, no Externato Marista de Lisboa

Nos anos de 1974-1975, o jovem diplomata toma contacto com a realidade japonesa. Colocado como 2º secretário da embaixada portuguesa em Tóquio, visita, em Janeiro de 1975, a China, Macau e Hong Kong. Vinte anos mais tarde regressa a Pequim para negociar a presença chinesa na EXPO 98, projecto onde

trabalhou, nomeadamente na promoção externa da Exposição Universal.

Quase todos os meses em Macau

Em Junho de 1996, por escolha de Jaime Gama, então ministro português dos Negó-



Em 1968, em Vila do Conde, num momento de relaxe, junto ao seu primeiro automóvel



No final do curso universitário com uma amiga num restaurante do Estoril



Em 1976, com colegas do Ministério dos Negócios Estrangeiros. O actual cônsul-geral de Portugal na RAEM, Pedro Moitinho de Almeida, é o segundo em pé a contar da esquerda

cios Estrangeiros, substitui no GLC o embaixador Jorge Ritto. Nunca fixou residência em Macau, mas em 42 meses deslocou-se 39 vezes ao território. Ficava por períodos de dez dias, durante os quais mantinha reuniões com o governador Rocha Vieira e a parte chinesa do GLC (ver caixa).

De regresso a Lisboa, depois da transferência de Macau, ocupa-se do «dossier» de Timor-Leste. Mais tarde, é promovido a director-geral da Política Externa, um dos mais importantes cargos do MNE.

Quase três anos depois de ter deixado os assuntos de Macau é colocado em Pequim. Não era o posto diplomático que então desejava, já que estava mais interessado em manter-se na Europa, por causa dos estudos do seu único filho. Na capital chinesa, tudo decorreu com grande normalidade e em breve vai ter em casa um jovem licenciado em Direito. «Um futuro diplomata? Não sei! Penso que não».

Nos quase 36 anos de carreira que já cumpriu, passou também pela embaixada em Luanda (86-90) e por Genebra (82-86), além de ter exercido vários cargos na sede do MNE, em Lisboa.

Benfiquista, desde a inauguração do velho Estádio da Luz, a 1 de Dezembro de 1954, deixou de ser sócio, dada a ausência prolongada de Lisboa.

Em Londres, onde assumiu recentemente funções, vai ter a possibilidade de acom-

panhar a carreira dos craques portugueses que actuam no futebol inglês. «A comunidade aumentou significativamente nos últimos anos. Hoje vivem mais de 400 mil compatriotas no Reino Unido», nota, mostrando-se muito satisfeito por terminar a carreira num dos postos mais destacados da diplomacia portuguesa.

Na capital britânica vai continuar a jogar golfe, «em Pequim só podia fazê-lo durante quatro meses, já que as condições climáticas não permitem que no resto do ano se possa dar umas tacadas», a deliciar-se com a excelência das obras de Beethoven e Bach, os seus compositores favoritos, e a dar uns passeios pelas margens do Tamisa. A vela, de que é um apaixonado (entre 79 e 83 possuiu um barco) fica para mais tarde.

Em terras de Sua Majestade, Santana Carlos espera receber muitos dos amigos que deixa do outro lado do Mundo e continuar «a desfrutar, com moderação, dos prazeres da vida, das coisas boas da vida»... ■

Visita das duas delegações do GLC à Região Autónoma dos Açores no final da reunião plenária de Julho de 1999, realizada em Lisboa



“Transição foi uma negociação única”

Santana Carlos fala dos principais «dossiers» que negociou no Grupo de Ligação Conjunto (GLC). Um trabalho muito intenso que contribuiu para a transição suave de Macau.

- Como classifica o trabalho do GLC?

- Foi um período muito interessante e uma boa experiência profissional. Durante três anos e meio estive envolvido diariamente na fase final da transição de Macau. Vim a Macau 39 vezes, para contactos aos mais diversos níveis. Aproveitava essas visitas para reuniões e procurar fazer avançar os «dossiers».

Tratou-se de uma negociação única. Só os britânicos

tiveram uma experiência idêntica. Durante vários anos, interlocutores portugueses e chineses discutiram o futuro de Macau, já que a Declaração Conjunta é um documento de carácter genérico.

Conheci bem a diplomacia chinesa, que é muito competente. Tem muita gente e os seus diplomatas fazem um estudo muito aprofundado dos «dossiers». Há o Governo, através do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Conselho de Estado, as estruturas do partido, que se pronunciam sobre os assuntos mais importantes.

A Administração de Macau teve sempre competência técnica na elaboração dos «dossiers». Senti sempre apoio do Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Administração de Macau.

- A transição foi um sucesso...

- As negociações decorreram bem e foram criadas condições para que a Região Administrativa Especial de Macau funcione bem, como tem sucedido. Dos trabalhos destacaria, entre outros, o “dossier” da Fundação Oriente que, no período de 96-97, foi a primeira grande questão que tivemos de resolver. Era necessário encontrar uma solução o mais rapidamente possível, pois existia uma enorme pressão sobre esse assunto.

- A regulamentação das línguas foi outra das matérias «quentes» da fase final da transição.

- Na Declaração Conjunta não se fala no português como língua oficial. A Lei Básica é que diz que o português será também língua oficial. Foi, talvez, o «dossier» que deu mais trabalho. A questão só foi





“As negociações decorreram bem e foram criadas condições para que a Região Administrativa Especial de Macau funcione bem, como tem sucedido”

resolvida na parte final da transição, quando em Outubro de 1999 o presidente Jiang Zemin visitou Portugal.

- Que outras matérias destaca da fase final da transição?

- Os resultados obtidos no que diz respeito à localização das leis e de quadros e a participação de Macau em organizações internacionais, além dos vários acordos de tráfego aéreo, que permitiram dinamizar o Aeroporto Internacional.

Realce ainda para algumas revisões de contratos importantes, como o da CEM e da TDM e o acordo de televisão por cabo.

Antes da minha chegada ao GLC, gostaria de destacar o acordo que possibilitou a construção do Aeroporto Internacional, que foi, essencial, para a autonomia de Macau. E o acordo da emissão da moeda, que consagra que o Banco Nacional Ultramarino vai, em parceria com o Banco da China, emitir a pataca até 2010.

Gostaria de sublinhar ainda o acordo alcançado quanto à entrada (8 horas da manhã de 20 de Dezembro) das tropas chinesas em Macau. Foi uma situação diferente à encontrada para Hong Kong.

No Grupo de Ligação Conjunto trabalhou-se bastante e conseguiram-se resultados concretos e significativos, que ajudaram a garantir a tranquilidade da transição. ■

“Se a China espirra o Mundo pode constipar-se”

O novo Macau e os desafios da China na visão do diplomata português, que conheceu duas gerações de líderes na República Popular.

- Sete anos depois da transição, como é que olha para Macau?

- O facto da política chinesa ter passado a permitir a deslocação de cidadãos chineses, a título individual, a Hong Kong e Macau, em Janeiro de 2005, contribuiu para o desenvolvimento do jogo. O que significa que o aumento do número de apostadores está assegurado. Macau vai ter, portanto, meios de continuar a subsistir bem. Vê-se da parte do Governo da RAEM interesse em manter os valores de Macau. O ano passado um conjunto de monumentos, entre os quais alguns de matriz portuguesa, foram integrados na lista da UNESCO de Património da Humanidade. O que dá garantias de manutenção desse património, o que é muito importante, já que é uma imagem do território e permitir diferenciar Macau de outras cidades chinesas. A própria paisagem humana está a alterar-se, com a entrada de muitos quadros americanos, australianos e de outras nacionalidades, já que existe hoje uma competição que não acontecia nos primeiros anos da RAEM. Com a criação do Fórum para a Cooperação Econó-

mica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa e, também, com os Jogos da Lusofonia, houve uma valorização da componente de língua portuguesa de Macau. O Governo da RAEM tem interesse, com o apoio da China, em valorizá-la, o que nesta altura me parece necessário, dada a altera-

anos (de 82 milhões de dólares norte-americanos em 2002 para 320 milhões o ano passado). Portugal e a China assinaram a parceria estratégica, o que só sucede com cinco países europeus. As relações na área económica vão ser dinamizadas nos próximos anos. O relacionamento político é excelente. De-



Com o Chefe do Executivo, Edmund Ho, e o cônsul-geral de Portugal na RAEM, Pedro Moitinho de Almeida, durante a recepção em sua honra, por ocasião da despedida de Macau

ção que está a verificar-se com o reforço da comunidade anglo-saxónica.

- O Fórum é um instrumento estratégico...

- Ao valorizarem, através de Macau, as relações entre a China e os países de língua portuguesa estão a dar maior dimensão à comunidade lusófona de Macau.

- Nestes últimos quatro anos, que mudanças se verificaram no relacionamento entre Portugal e a China?

- As nossas exportações para a China quase que quadruplicaram em três

pois do primeiro-ministro chinês visitar Portugal, José Sócrates deslocar-se-a à China em 2007.

Há mais empresas portuguesas a trabalhar na China e abrimos o Consulado-Geral em Xangai.

Em 2004, o delegado ICEP em Macau, além da actividade desenvolvida na RAEM e Hong Kong, passou a trabalhar o mercado de Cantão.

Não é fácil para as empresas portuguesas penetrarem na China. Temos, por exemplo, o caso do Grupo Amorim, que está a ter

uma forte presença, já que dispõe de uma excelente rede de contactos.

Para muitas empresas portuguesas entrarem na China é difícil e complexo. O



Cumprimentando o Presidente Hu Jintao, no âmbito da visita à China do Presidente português Jorge Sampaio



Com o ministro dos Negócios Estrangeiros português, Jaime Gama, e o governador de Macau, Vasco Rocha Vieira, em 1999

que é prioritário é escolher as áreas em que somos competitivos. Não vale a pena uma empresa vir às cegas para a China.

Depois é fundamental estabelecer uma rede de contactos, pois só assim será possível desenvolver a actividade na China. Muitas vezes trocam-se cartões de visita que não servem para nada. É preciso encontrar o parceiro certo. Quando se estabelece um negócio é preciso que os termos sejam filtrados por juristas, que se faça uma análise cuidada, inclusive da tradução, para que mais tarde não haja

equivocos e disparidades.

O negócio não pode ser acompanhado à distância.

As empresas portuguesas têm que ter os seus representantes na China.

- E o que mudou na China?

- A China continua a crescer muito. Em 2005, ultrapassou a França e o Reino Unido, sendo já a quarta economia do Mundo, atrás dos Estados Unidos, da Alemanha e do Japão. Estou convencido que no prazo de 25-30 anos vai disputar o primeiro lugar com os EUA, depois de ultrapassar a Alemanha e o Japão.

A actual liderança continua a apostar na via do desenvolvimento económico, mas com mais preocupações na área social, o que na China se chama a política da sociedade harmoniosa.

A sociedade harmoniosa significa a diminuição das diferenças e dicotomias entre as áreas urbanas e rurais, a zona costeira e o interior. Se isso não se verificar podem existir algumas situações de instabilidade e os dirigentes chineses têm perfeita consciência do que se pode passar.

O primeiro-ministro, Wen Jiabao, dá uma grande atenção aos problemas sociais. A China vai continuar a funcionar com estabilidade, o que é bom para o Mundo, pois hoje em dia se a China espirra o Mundo pode constipar-se. O que significa que é melhor para todos que a situação permaneça estável. ■

Guo Jiading e Han Zhaokang

Temperamento e carácter diferentes



Nos três anos e meio que esteve à frente do Grupo de Ligação Conjunto, Santana Carlos trabalhou com dois líderes da parte chinesa, os embaixadores Guo Jiading e Han Zhaokang.

“São diplomatas com temperamentos, carácter e maneira de ser diferentes”, reconhece, deixando palavras de elogio para ambos.

Guo Jiading (na foto em cima), que foi embaixador da China em Portugal, “é um diplomata muito experiente, muito frio. Os meios diplomáticos chineses têm uma enorme consideração por ele. Foi intérprete do então primeiro-ministro Zhou Enlai, tendo participado nas negociações da Guerra da Coreia, sendo considerado um grande especialista na língua inglesa”.

Han Zhaokang, que em 1978 abriu em Lisboa a delegação da agência noticiosa Xinhua, manteve sempre uma forte ligação a Portugal. “É um homem flexível, jovial e agradável e tem um grande domínio do português, o que lhe permitia ter mais tempo para responder e reagir às nossas propostas, pois percebia de imediato o que pretendíamos, antes de o intérprete traduzir.” ■

“A actual liderança [chinesa] continua a apostar na via do desenvolvimento económico, mas com mais preocupações na área social”



Da Ásia...

Foto: Arquivo

O mundo está a mudar e o fiel da balança a pender para os mercados emergentes da Ásia. E o turismo não é excepção. Nos últimos anos o sector tem sido dinamizado tanto pelo crescimento dos destinos asiáticos como pelo aumento dos turistas originários do Oriente.

A região da Ásia-Pacífico registou em 2004 uma taxa de crescimento na ordem dos 28 por cento, contra uns cinco por cento na Europa ou os 11 por cento das

Américas. Só o Continente chinês, que lidera a lista de preferências internacionais – seguido por Hong Kong, Malásia e Tailândia – acolheu mais de 42 dos 156 milhões de turistas que viajaram pela Ásia em 2005. No mesmo ano, a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), com os seus pouco mais de 28 quilómetros quadrados mas 18,7 milhões de turistas por ano, assegurou também um lugar entres os grandes destinos asiáticos, à



...e para a Ásia

frente de países como a Austrália, o Japão ou as Filipinas.

Apesar dos números otimistas, o sector depara-se com uma série de problemas, desde os referentes às infra-estruturas, à qualidade do serviço e à segurança até à gestão de crises como pandemias ou catástrofes naturais.

A tragédia de 26 de Dezembro de 2004, que devastou o Sudoeste Asiático, o surto da síndrome respiratória aguda no ano

anterior ou os ataques terroristas em zonas turísticas ainda pesam na memória de todos, expondo as fragilidades existentes. A questão que actualmente se coloca passa por apurar se este galopante crescimento que o sector tem observado é ou não sustentável, mote para a realização da primeira reunião ministerial dos países do Sudeste Asiático na Organização Mundial de Turismo (OMT) das Nações Unidas, que Macau acolheu este ano.

O que é necessário fazer

Do rescaldo do encontro ministerial ficou a opinião unânime de que “as taxas de crescimento são para continuar”, como sublinhou o secretário-geral da OMT, Francesco Frangialli. Há contudo que desenvolver e trabalhar “uma estratégia a nível regional a longo prazo que conte com o apoio de todos e que garanta a sustentabilidade dos mercados”, acrescentou o responsável.

Do debate aberto, mediado pelo pivot da BBC Nick Gowing, ficou também patente a urgência em concretizar iniciativas já acordadas, como por exemplo assegurar que todos os países vão cumprir a directiva internacional que estipula que até ao fim de 2007 todos os bilhetes de avião sejam emitidos apenas em formato digital.

Uma questão que poderia parecer simples, como a da atribuição de vistos



entre os países do Sudeste Asiático, foi uma das matérias que mais atenção mereceu por parte das autoridades presentes. É que, apesar de haver unanimidade no plano da declaração de intenções, na prática evidencia-se a complexidade das negociações bilaterais, motivada em grande parte por preocupações ao nível da segurança internacional e das relações diplomáticas entre os países.

O que vai mudar

Para além das múltiplas facetas por que era conhecida - as paisagens idílicas, os caminhos nunca antes percorridos ou os paraísos das compras - a Ásia vai somar mais uma, a de destino de Convenções, Exposições, Incentivos e Reuniões (MICE), segundo defendeu Kaye Chon, da Universidade Politécnica de Hong



A OMT convidou Nick Gowing, pivot da BBC, para moderar a primeira reunião ministerial dos países do Sudeste Asiático, realizada em Macau. Francesco Frangialli, secretário-geral da OMT, (à esquerda) confia no crescimento da indústria na Ásia. (Dir) Kaye Chon, da Universidade Politécnica de Hong Kong, apresentou as novas tendências de mercado

Kong, que apresentou um relatório sobre as novas tendências do mercado asiático. O investigador argumenta que o tecido empresarial, constantemente no enalço de novos destinos, começa a olhar para as infra-estruturas do Sudeste Asiático como uma alternativa a outros destinos já banalizados ao longo dos anos.

Outra das tendências referidas no estudo é a expectativa de que as mulheres irão viajar mais do que os homens e que o mercado feminino é um dos de maior potencial, a par da terceira idade. Também segundo o estudo, as agências de viagem vão ver o seu papel substituído por “consultores de viagem”, com a crescente adesão do mercado às novas tecnologias, e os pacotes turísticos vão sofrer uma polarização entre o turista de luxo e o volume de turistas sazonais.



Foto de arquivo

Perfil do turista chinês

- Meia idade, casado, sem filhos em casa, tem um elevado nível de vida, é licenciado e exerce no ramo empresarial.
- Prefere que lhe sejam agendadas mais actividades culturais do que tempo livre para as compras pois encara a experiência de viajar como uma forma de aprendizagem.
- Despende, por ordem decrescente, em compras, entretenimento, passeios e restauração. Gosta de visitar museus, galerias e parques naturais. Paga a maioria das despesas em divisa pois não tem acesso a cartões de crédito.
- Vive maioritariamente (70 por cento dos casos) nos centros urbanos de Pequim, Xangai e Cantão e nas capitais de província.
- Prefere visitar vários destinos internacionais na mesma deslocação. O pacote turístico mais popular no Sudeste Asiático inclui a Tailândia, Singapura e a Malásia. A Europa, Austrália e Nova Zelândia são os destinos preferidos fora da Ásia.
- Prefere destinos citadinos às praias ou ao campo.
- Viaja frequentemente, e pelo menos uma vez por ano em lazer.
- Está atento a novos destinos aprovados.
- Prefere cada vez mais viajar sozinho em detrimento da fórmula “excursão”.
- Procura cada vez mais informação sobre destinos na Internet.

Fontes:

United Nations World Tourism Organization (UNWTO)

China Outbound Tourism Research Project (COP)

Pacific Asia Travel Association (PATA)

Hong Kong Association of Travel Agents

Ponto de partida e de chegada

Se há pouco mais de uma década eram menos de cinco milhões os turistas chineses que se passeavam pelo mundo, hoje eles viajam em peso para os quatro cantos do globo. Aliás, segundo a Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas, a China tornou-se no maior “exportador” de turistas internacionais, tendo “exportado” mais de 31 milhões em 2005, destronando o Japão como o tradicional país origem de visitantes internacionais. Ano após ano, o Governo chinês tem vindo a aprovar novos destinos – a Europa e o Brasil em 2004 – para uma classe ávida em conhecer o mundo, a sós. No sentido inverso, os números não são menos colossais, fazendo da China, um dos destinos mais procurados

do mundo. Se há dez anos seria insólito um camponês a semear os campos de arroz do interior do país deparar-se com um backpacker a percorrer de mochila às costas a encosta que abrigava a sua aldeia, hoje o mesmo camponês muito possivelmente explora um hotel para acomodar as necessidades das “hostes” de turistas que todos os anos atravessam a mesma rota.

Em 2004 a China já era o quarto destino mais visitado do mundo, quando tinha acolhido, segundo o relatório da OMT, 41,8 milhões de turistas, números apenas superados pela França (75,1), Espanha (53,6) e os Estados Unidos da América (46,1). Porém, e muito embora a China tenha triplicado as receitas do turismo internacional para 29,2 mil milhões de dólares norte-americanos em dez anos, surge apenas no sétimo posto, superada ainda pela Itália, Alemanha e o Reino Unido. Previsões do estudo de mercado turístico da Ásia Pacífico da OMT apontam para que a China tenha necessidade de adquirir, até 2020, mais de duas mil aeronaves e de construir, até 2010, mais 70 milhões de quartos de hotel para atender às suas necessidades. ■



Foto: Carmo Correia

A reunião da OMT em Macau foi também marcada pela nomeação do primeiro embaixador do turismo na região Ásia-Pacífico, Jackie Chan

Revolução nos céus

Se a Ásia, o Sudeste Asiático, ou, mais particularmente, a China apresentam os maiores índices do sector do turismo mundial, devem-no em grande parte à libertação do espaço aéreo regional e à entrada em cena das transportadoras de baixo custo.

Precursoras do modelo de gestão implementado pela americana *Southwest Airlines* na década de 1980 e mais tarde pelas europeias *Ryanair* e *EasyJet*, este tipo de companhias aéreas limita os seus serviços à viagem propriamente dita, conseguindo reduzir as despesas de operação ao ponto de poder cobrar apenas uma fracção das passagens.

As passagens são quase sempre vendidas exclusivamente na Internet sem lugares marcados – abolindo a comissão da agência de viagens –, não oferece refeições grátis, o passageiro só paga aquilo que entender consumir – reduzindo substancialmente os contratos de catering –, a frota é composta por um tipo reduzido de aeronaves de médio porte (140-200 lugares) – poupando nos custos de manutenção –, os voos têm lugar fora das horas de ponta e muitas vezes através de aeroportos secundários – fugindo

às elevadas taxas de utilização dos grandes aeroportos.

O “segredo” destas companhias “está nos preços e no volume de passageiros”, segundo disse à imprensa Tony Fernandes, presidente da *AirAsia*, a primeira transportadora aérea do género na Ásia e também a primeira companhia de baixo custo a operar rotas na China, através de Macau, em 2004, três anos depois do voo inaugural.

No final de 2005 a base de clientes da *AirAsia* era da ordem dos 11 milhões, ao mesmo tempo que diversas companhias concorrentes – *Tiger Airways*, *Nok Air* e *Jetstar* – se lançavam no mercado – algumas já operar no Continente chinês – tornando desse modo numa realidade na Ásia o tão apregoado slogan da *AirAsia* “agora todos podem voar”. A verdadeira revolução deu-se contudo nos bastidores e resume-se à multiplicidade de acordos multinacionais para a liberalização dos espaços aéreos internacionais. Depois de aberto o caminho, tratou-se de atender às aspirações de um mercado emergente num crescendo ritmado pelas astronómicas taxas de desenvolvimento económico do Sudeste Asiático. ■



Entradas

Hong Kong	70.193.786
Macau	25.734.145
Taiwan	4.109.187
Coreia do Sul	3.545.341
Japão	3.389.976
Rússia	2.223.875
U.S.A.	1.555.450
Malásia	899.643
Singapura	755.883
Mongólia	641.985
Filipinas	654.000
Tailândia	586.267
Reino Unido	499.629
Alemanha	454.859
Austrália	482.968
Canadá	429.784
França	371.987
Índia	356.460
África	238.046
Espanha	114.758
Portugal	43.781
México	31.303

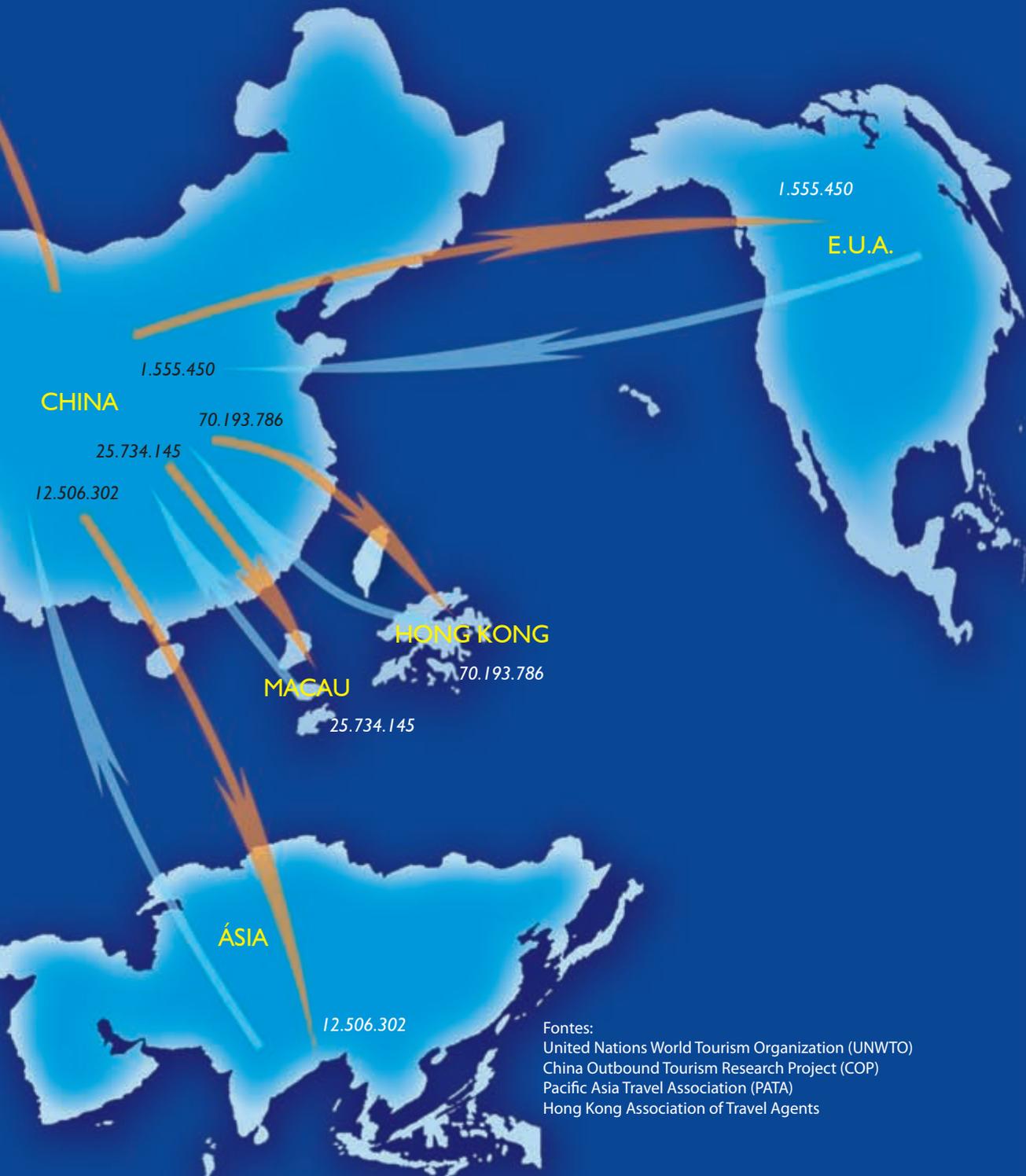
Receitas globais do Turismo (mil milhões)

1995	8.733
1996	10.274
1997	12.074
1998	12.602
1999	14.099
2000	16.224
2001	17.792
2002	20.385
2003	(SRAS) 17.406
2004	25.738
2005	29.296

TURISMO NACIONAL

Em 2005, as receitas do turismo nacional chinês ascenderam a 5,2 mil milhões de remimbis (650 milhões de dólares norte-americanos). Viajaram cerca de 1,2 mil milhões de pessoas, 496 milhões provenientes dos centros urbanos e 716 milhões oriundos das zonas rurais, que gastaram cerca de um terço dos seus congéneres residentes nas cidades. Os principais movimentos registam-se durante as chamadas "semanas douradas" em Janeiro/Fevereiro, Maio e Setembro que coincidem com as festividades do Ano Novo Lunar, Dia do Trabalhador e Dia Nacional.

Movimento turístico de e para a China



Fontes:
United Nations World Tourism Organization (UNWTO)
China Outbound Tourism Research Project (COP)
Pacific Asia Travel Association (PATA)
Hong Kong Association of Travel Agents

O recente boom económico impele a RAEM a reestruturar estratégias onde os desafios são enfrentados à luz do modelo de integração regional. Questões como a diversificação do produto turístico, extensão do período de permanência, promoção, acessibilidade aos mercados doméstico e internacionais, ou recursos humanos, encontram solução na esfera natural do posicionamento geográfico e estratégico de Macau no Delta do Rio das

culos culturais e outras iniciativas.

Já na esfera do segmento MICE do mercado, no qual o visitante despende, aproximadamente, cinco vezes mais do que o turista modelo, foi também inaugurado este ano o Centro de Turismo de Negócios, com o qual se pretende captar para a RAEM a realização de eventos de grande envergadura, à semelhança da reunião anual da *Pacific Asia Travel Association* (PATA) e dos Jogos da

Turismo quer-se integrado

A indústria turística de Macau atravessa uma profunda reestruturação. Numa perspectiva complementar à tradicional atracção que a indústria do jogo representa em Macau, tem-lhe vindo a ser associado o turismo de lazer e o de entretenimento

Pérolas e nas ligações preferenciais que mantém com a região.

Segundo afirma o director dos Serviços de Turismo de Macau, João Manuel Costa Antunes, “estão actualmente reunidas as condições para que Macau possa alargar o seu produto turístico” a outras áreas. Seja na esfera do turismo cultural – capitalizando o reconhecimento por parte da UNESCO do centro histórico da cidade como Património Mundial da Humanidade, em Junho de 2005 – seja no rentável mercado das reuniões, convenções, incentivos e exposições (MICE).

No âmbito do património, 2006 fica marcado pelo lançamento, no início do ano, de uma vasta campanha à escala internacional focada na herança cultural de Macau, resultante de mais de 400 anos de intercâmbio civilizacional entre Ocidente e Oriente. Tendo como principais alvos a China Continental, Hong Kong, Taiwan, Japão e a Coreia do Sul, mas também mercados de longo curso como a Europa, América do Norte e Austrália, a campanha multiplica-se em promoções do roteiro turístico junto de operadores da indústria, da Comunicação Social e do público em geral, incluindo a realização de espectá-

Ásia Oriental, em 2005. O organismo surge no seguimento da política governamental de criação de condições para que Macau se transforme numa cidade de prestação de serviços e de reconhecida capacidade para a organização de grandes eventos internacionais, não só na componente das diversões como também no sector das reuniões e do desporto. Jorge Oliveira, membro da Comissão de jogo em Macau, lembra que “não terá sido por acaso” que o Executivo da RAEM concedeu uma de três licenças de exploração do jogo ao consórcio Galaxy/Venetian (que acabaram depois por se separar e operar separadamente), a última mundialmente reconhecida como líder de mercado ao nível da organização de eventos. O americano Sheldon Adelson, dono da Las Vegas Sands Corp. – a empresa-mãe da Venetian –, lançou na RAEM um mega projecto de 18 mil milhões de dólares americanos de infra-estruturas integradas (casinos/hotéis/ centros de convenções e espaços comerciais) que intitulou de Cotai Strip™ com a intenção expressa de aplicar a Macau a fórmula MICE/ jogo/ entretenimento que tornou Las Vegas um dos maiores pólos turísticos dos Estados Unidos e do mundo.



Explosão turística

Em 2000 a RAEM registou “apenas” 9,1 milhões de turistas. Em apenas cinco anos o valor mais que duplicou. Macau, com 28,2 quilómetros quadrados e uma população estimada em 488 mil habitantes, recebeu no ano passado mais de 18,7 milhões de visitantes. O Brasil, por exemplo, registou a entrada de “apenas” 5,5 milhões de turistas internacionais em 2005. Esta explosão, no contexto da qual se prevê mais de 20 milhões de turistas até ao fim deste ano, rendeu à RAEM um lugar no topo dos principais destinos turísticos à escala mundial, rivalizando com países como a Holanda.

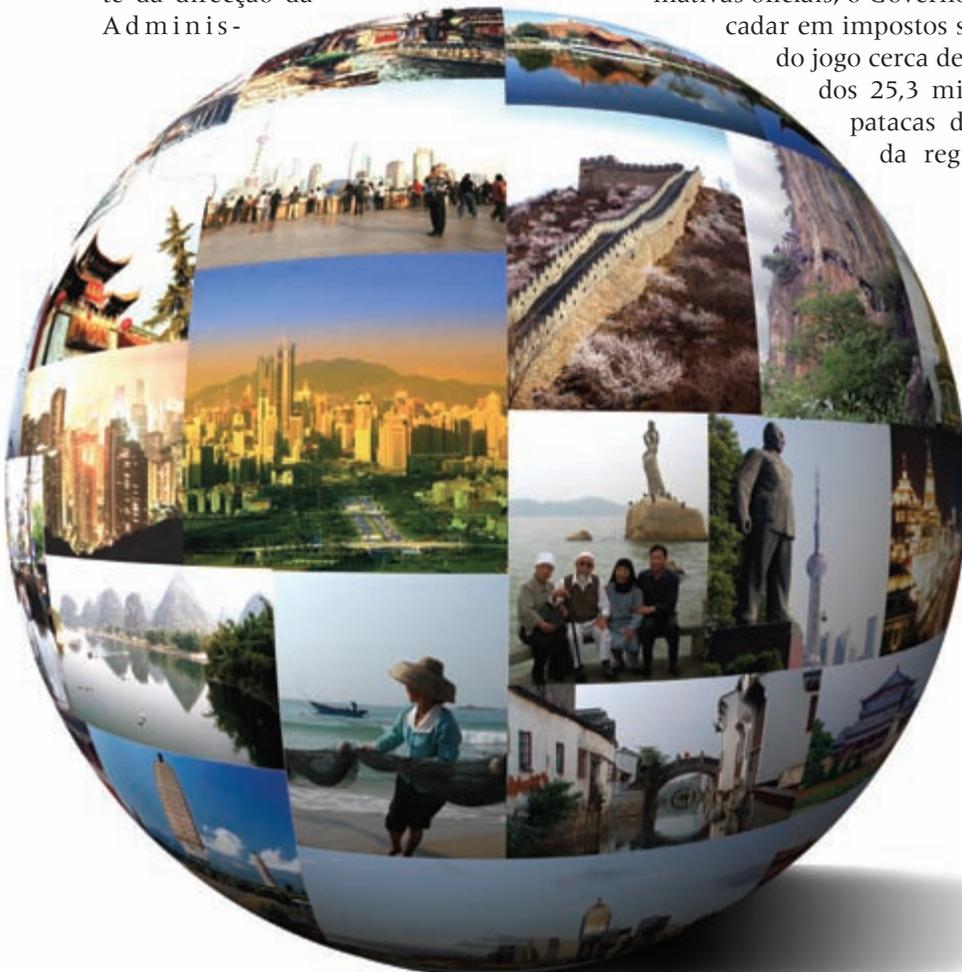
Os valores, explicáveis pela diversificação do produto turístico – ou a abertura de novas infra-estruturas ligadas à indústrias do jogo e do entretenimento – são essencialmente fruto da projecção de que Macau goza no Continente. Aliás, “Macau está na moda”, garante Gu Zhaoxi, vice-presidente da direcção da Adminis-

tração do Turismo Nacional da China, organismo regulador e promocional da indústria turística.

“Individuais” fazem a diferença

Foi o próprio Chefe do Executivo, Edmund Ho, que o admitiu: “O sucesso alcançado nos primeiros anos da RAEM fica a dever-se não só à liberalização do jogo mas também à política de vistos individuais”. Não se pode menosprezar o ponto de viragem socio-económico da RAEM, uma vez tomada a decisão da liberalização da indústria do jogo, com todo o investimento estrangeiro directo que o processo implica. Prova disso mesmo são os valores das receitas brutas do jogo, na sua maioria geradas nos casinos, que deverão atingir cerca de 52,7 mil milhões de patacas (6,33 mil milhões de dólares americanos) em 2006, mais 15 por cento do que no ano passado, quando se registaram 45,8 mil milhões de patacas. De acordo com estimativas oficiais, o Governo deverá arrecadar em impostos sobre o sector

do jogo cerca de 80 por cento dos 25,3 mil milhões de patacas do orçamento da região adminis-



trativa especial para o corrente ano.

Porém, em última análise, quem “viabiliza” o êxito da RAEM são também os turistas do Continente. Desde Junho de 2003 o Governo Central tem vindo a implementar gradualmente um programa facilitador das medidas necessárias à obtenção de vistos individuais de viagem para Macau e Hong Kong. Tendo iniciado essa abertura em Pequim e Xangai, o processo foi-se alastrando por todo o país, com especial incidência nas regiões dos deltas dos rios Yangtse e das Pérolas. Anteriormente, os turistas provenientes do Continente resumiam-se, na sua esmagadora maioria, a excursões organizadas por operadores devidamente autorizados. Hoje, volvidos três anos da introdução da medida, o número de potenciais visitantes ascende a 200 milhões. Até Dezembro de 2005, o número de turistas que efectivamente visitaram a RAEM à luz do mecanismo dos vistos individuais atingiu os nove milhões.

Soluções integradas

A criação em 1983 do conceito do Delta do Rio das Pérolas – englobando Macau, Hong Kong e Cantão, capital da Província de Guangdong – passou pela convicção de que o desenvolvimento de cada uma das economias não poderia ser visto de for-

“Estão reunidas as condições para que Macau possa alargar o seu produto turístico” considera Manuel Costa Antunes, director dos Serviços de Turismo da RAEM

ma independente, mas sim integrada, capitalizando as sinergias criadas pelos pólos.

Sob o mesmo diapasão, e duas décadas depois, o mesmo conceito que fez deste triângulo a zona mais dinâmica da China desde a implementação do programa de reformas, daria lugar à criação da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas (vulgo “9+2”), que viria a incluir as duas regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong e mais nove províncias. Este arrojado projecto de integração económica representa mais de um terço do Produto Interno Bruto nacional.

No que toca à indústria turística, a cooperação interpolar no Delta passa pela criação e promoção de uma identidade única. Tom Mehrmann, director executivo da *Ocean Park Corporation*, um dos maiores parques temáticos de Hong Kong, ventilou numa conferência dedicada à integração turística do Delta a introdução de pacotes de viagens de destinos múltiplos, muito na linha do que é desenvolvido na Europa com o célebre périplo Londres/Paris/Roma, na Amé-

rica com o triângulo Las Vegas/Los Angeles/São Francisco, ou no Sudeste Asiático com Singapura/Malásia/Tailândia. Este conceito, traduzido para a lógica regional, resultaria em mensagens do género: “Vá às compras a Hong Kong, visite o Património da Humanidade em Macau e veja o panda de Sichuan”. Ao fim e ao cabo, passa por criar uma alternativa à principal rota turística chinesa nos mercados de longa distância – Xian, Xangai, Pequim.

Aeroportos vezes cinco

Uma das reconhecidas fragilidades de Macau enquanto destino turístico passa pelo reduzido número de ligações directas fora do espaço aéreo asiático. Ainda que nos últimos anos a RAEM se tenha afirmado como um dos principais pólos dinamizadores das viagens de baixo-custo na esfera do Sudeste Asiático, trazendo ao Aeroporto Internacional de Macau as primeiras companhias do género em solo chinês, o acesso a mercados de longa distância, como a Europa ou os Estados

Em última análise, são os turistas do Continente quem “viabiliza” o êxito da RAEM

Unidos da América, continua por cumprir. Ou não... Pois também neste caso a solução passa por uma ligação privilegiada com parceiros estratégicos: os cinco principais aeroportos do Delta do Rio das Pérolas – Hong Kong, Cantão, Zhuhai e Shenzhen – localizam-se num raio de apenas 60 quilómetros. É aliás com o aeroporto de Hong Kong, considerado uma das melhores infra-estruturas do género em todo o mundo, que as perspectivas de cooperação atingem o pleno, face à panóplia de rotas internacionais que domina. Como diz Costa Antunes, depois da construção da mega-ponte sobre o Delta que ligará a ilha do aeroporto de Hong Kong a Macau e Zhuhai, “a RAEM passará a ter dois aeroportos”, já que o tempo de viagem entre o aeroporto de Hong Kong e Macau será mais curto que os 40 minutos que o visitante habitualmente leva a deslocar-se daquela infra-estrutura até ao centro de Hong Kong.

Limites do crescimento

A maioria das análises ao mercado turístico regional considera pouco provável que Macau mantenha as elevadas taxas de crescimento do número de visitantes registadas nos últimos anos. Até porque, explica John Koldowski, director do Centro de Informação Estratégica da PATA, “o volume necessário é demasiado elevado para que a progressão aritmética do número de visitantes mantenha uma correspondência real”. Para tal seria necessário que Macau acolhesse perto de 25 milhões de visitantes em 2006 e de mais de 30 milhões em 2007, quando as previsões do Governo para este ano apontam para os 20 milhões.

Contudo, mesmo nas estimativas mais conservadoras, o crescimento projectado continua a ser de ordem exponencial e não será porventura por falta de quartos para pernoitar, de casinos onde jogar ou convenções em que participar que os visitantes poderão escassear. Situações de sobreocupação hoteleira que no passado levaram operadores turísticos da RAEM a

recorrer às infra-estruturas existentes do outro lado da fronteira em determinados períodos de pico – como por exemplo o jogo de preparação para o Mundial de Futebol de 2002 entre as selecções da China e de Portugal – dificilmente se repetirão na conjuntura que se desenha para os próximos dez anos.

É contando com uma população de 450 milhões de habitantes ao longo do Grande Delta do Rio das Pérolas (sensivelmente superior a metade da população europeia) que Macau espera preencher os 42 mil quartos projectados para os próximos dez anos, quando actualmente conta com sensivelmente 13 mil quartos. Ou não estivesse em preparação um vasto programa de integração viária ligando os vértices do Delta às restantes províncias abarcadas pelo Rio das Pérolas. Seguindo uma estratégia de “se construírem, eles virão”, os principais intervenientes da indústria do turismo e entretenimento submetem planos para 63 unidades hoteleiras a curto e médio prazo, 19 das quais já estão em construção. Aliás, as concessionárias do jogo são as primeiras a afirmar que a sua estratégia de mercado se baseia na “confiança num contínuo fluxo de visitantes do Continente”. A convicção no bom desenvolvimento do sector do jogo de Macau contagiou entretanto as grandes cadeias internacionais de hotéis - *Hilton, Conrad, Four Seasons, Sofitel, Intercontinental, St. Regis, Shangri-La, Mandarin, Sheraton, Starwood* ou a *Crown* –, que já anunciaram acordos para a exploração de unidades em Macau.

Cooperação no Grande Delta

A escassos quilómetros de Macau, a Ilha da Montanha (Hengqin), parte da Província de Cantão e ligada a Macau pela Ponte Flor de Lótus, é exemplo concreto da cooperação intra-regional enquanto alvo de investimento proveniente da quase totalidade dos parceiros da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas. Considerada pelo Executivo de Macau como “fundamental para o futuro da RAEM”.



Desafios comuns

A qualidade de serviço assume-se, por excelência, como o grande desafio com que Macau se depara actualmente, assume Costa Antunes. De resto, “atentar para que o aumento do número de turistas não seja sinónimo da queda de qualidade de serviço” resume os alertas deixados por especialistas da indústria de visita a Macau e que o responsável subscreve.

O aumento da procura pelo destino e o aumento sistemático do número de uni-

dades hoteleiras exercem tremendas pressões ao nível dos recursos humanos qualificados – um bem ainda escasso na RAEM e que John Koldowski, defende ser “factor condicionante” do crescimento sustentado de um destino turístico. Seguindo padrões internacionais de qualidade e calculando o número de funcionários por quarto que uma unidade hoteleira deve ter face ao número de estrelas por que é cotada, admite-se que no espaço de dez anos Macau tenha de recrutar sensivelmente 120 mil trabalhadores que assegurem o normal funcionamento desta indústria. Com uma população actual de 488 mil habitantes e uma invejável taxa de desemprego – estrutural – abaixo dos 4,5 por cento, Macau vê-se, mais uma vez, obrigada a olhar para fora e, naturalmente, para os seus parceiros estratégicos no Delta como fonte para a variada mão-de-obra que se lhe exige.

Vítima do seu próprio sucesso

Por outro lado, Macau, enquanto cidade, é já vítima do seu sucesso devido à sua exiguidade geográfica e às suas limitadas infra-estruturas. Quando se acrescenta aos actuais 488 mil habitantes – em 28,2 quilómetros quadrados perfazendo uma das maiores densidades populacionais do mundo –,

os mais de 20 milhões de turistas que são esperados este ano, admite-se que, por dia, circulam na cidade aproximadamente 555 mil indivíduos. Dentro de dez anos, equacionando o crescimento populacional, a inevitável importação de mão-de-obra, e aumento do número de turistas, estima-se que este número ronde as 790 mil pessoas. “O crescimento da indústria é bom para Macau, mas é também de esperar que exija algum sacrifício da população, aliás como acontece em qualquer período de rápida expansão”, atenta Costa Antunes. Para dar resposta às substanciais alterações ao tecido social da RAEM que as taxas de crescimento registadas imprimem estão em curso, em estudo ou já em construção um rol de projectos, incluindo uma expansão territorial de 398 hectares através de aterros entre a península de Macau e a Ilha da Taipa que ficarão ligadas por um túnel submarino. Outro projecto de peso, ainda em estudo, é a introdução de um sistema de metro ligeiro que venha aliviar a já muitíssimo congestionada rede viária da RAEM. O futuro de Macau confunde-se com o da indústria do turismo, a sua maior fonte de rendimentos. O desafio está em garantir que, na nova Las Vegas (ou Mónaco) do Oriente, a cidade continue a funcionar, tanto para turistas como residentes. ■



Património em “pacote”

Também no âmbito patrimonial foram encontradas sinergias regionais a escassos 50 quilómetros. Macau e Zhongshan, cidade berço de Sun Yat Sen, primeiro Presidente da China, lançaram este ano um pacote turístico especialmente direccionado para o segmento de mercado do turismo cultural. Conhecida por ser uma das cidades mais verdes da China e afirmando-se como um dos principais pontos turísticos do Delta, ao nível do mercado interno, Zhongshan não tem projecção no mercado internacional – mercado a que a RAEM tem acesso e onde poderá ajudar a promover Zhongshan. Por seu turno, Macau encontra naquela cidade uma oportunidade para diversificar a sua oferta turística e um pretexto para o prolongamento da estadia do visitante na Região. ■

Ni hao!

É a língua mais falada do mundo, enquanto língua materna. Em vez de um alfabeto, o chinês utiliza milhares de caracteres diferentes. A pronúncia de cada expressão tem de ser entoada na perfeição ou o sentido extravia-se. Exige pelo menos três vezes mais anos de dedicação para atingir o mesmo grau de proficiência do que o inglês ou francês. Mesmo assim, 49 mil estrangeiros em todo o mundo começam a aprendê-la todos os dias. O mundo começa a dizer em coro: ni hao!



Foto: Carmo Correia

Ni hao (numa tradução literal significa “tu bem”) é a saudação típica entre o povo chinês com um significado idêntico ao “como está” em português. É também uma das primeiras expressões ensinadas aos mais de 30 milhões de pessoas – três vezes a população portuguesa ou um sexto da brasileira – que neste momento aprendem a comunicar em chinês em mais de cem países e regiões (não incluindo a China). Aprender chinês é a nova moda e os números atestam-no. Há 20 anos apenas se contavam oito mil estrangeiros – sinólogos na sua maioria – interessados em aprender chinês. Porém, tudo mudou com a política de abertura da China ao mundo e a sua recente entrada na Organização Mundial do Comércio, em 2001. Até 2010, data em que a China se propôs atingir um Produto Interno Bruto de 3,2 trilhões de dólares (face aos 2,2 trilhões alcançados em 2005), a China prevê que a apetência mundial pela sua língua leve mais de cem milhões de estrangeiros a receber formação em chinês. Para que tal se concretize serão necessários mais de quatro milhões de professores de chinês, o que faz do professor de língua chinesa uma carreira com excelentes perspectivas. Isto porque vários países, incluindo os 25 da União Europeia, já afirmaram que pretendem

incluir o Chinês nos seus currículos de escolaridade obrigatória como disciplina de opção linguística ao inglês e francês. Nos Estados Unidos da América, 2400 escolas secundárias manifestaram semelhante intenção.

Mas nem só no estrangeiro se estuda chinês. A China tem também atraído cada vez mais alunos estrangeiros com a remodelação das suas instituições de ensino superior segundo padrões internacionais e multiplicando o número de bolsas de estudo concedidas pelo Governo Central aos Estados com os quais mantém relações diplomáticas. Só no ano passado cerca de 140 mil estudantes estrangeiros (quando em 2003 eram 78 mil) frequentaram as mais de 500 instituições chinesas autorizadas a receber matrículas de estudantes estrangeiros, dos quais dez mil através de bolsas patrocinadas pela China. Interessados numa abordagem *in loco* da língua e cultura chinesas, mais de metade do total de alunos frequentou programas académicos especialmente concebidos para o ensino da língua chinesa como língua estrangeira, enquanto os restantes prosseguiram os seus estudos na sua área de eleição, desde a biologia à medicina ou a engenharia aeroespacial. Por altura do Jogos Olímpicos de Pequim 2008, a China

Falar chinês

O chinês padrão, língua nacional da RPC, o mandarim ou putoingua, é falado por mais de 1,4 mil milhões de pessoas e, de acordo com o “Guinness World Records”, é a língua materna mais falada em todo o mundo. A esmagadora maioria da população chinesa exprime-se em mandarim – ou, na tradução literal da expressão chinesa Hanyu (汉语), a língua do povo Han – mas há outros dialectos. Na província de Guangdong, onde Macau e Hong Kong estão geograficamente inseridos, utiliza-se um dos principais dialectos chineses, o cantonense, ou a língua do povo Yue, com 70 milhões de falantes.

Na sua globalidade, a língua chinesa é uma língua “cantada” o que constitui um dos primeiros desafios à aprendizagem. Uma das típicas primeiras aulas de mandarim passa por aluno descobrir que o ditongo “ma” tem, conforme o tom em que é pronunciada, um significado completamente diferente (entre outros, mãe ou cavalo). Outras expressões há que, mesmo pronunciadas no mesmo tom, têm diferentes significados. Enquanto o mandarim utiliza quatro diferentes tons o cantonense estende-se a sete...

Mas também há factores de simplificação. Uma das particularidades bastante apreciada pelos estudantes de chinês é o facto da língua não comportar tempos verbais para localizar a acção como as conjugações do português – utilizam-se partículas temporais. A gramática é bem mais.... pragmática... (“amanhã eu ir universidade estudar chinesa língua”).

pretende contar com pelo menos 180 mil alunos estrangeiros a estudar no país. Como opção às licenciaturas, também os cursos de Verão, mais populares entre os jovens em idade escolar, têm registado uma crescente vaga de interesse. Este Verão mais de 20 mil estrangeiros acorreram à China para cursos intensivos de curta duração.

Cooperação

A China tem-se assumido como a grande promotora desta tendência mundial, estimulando a procura com o aumento da oferta. Em 2004 a China lançou um organismo específico para a promoção da língua chinesa no mundo dando-lhe o nome de uma das figuras históricas chinesas melhor conhecidas no estrangeiro, Confúcio – que é uma das referências mais emblemáticas da cultura chinesa. Funcionando em moldes semelhantes aos congéneres francês, *Aliance Française*, ou português, Instituto Camões, o Instituto Confúcio tinha como missão a instalação de uma centena de dependências até 2008. Dada a insaciável apetência existente, esse outrora ambicioso objectivo foi já atingido - dois anos antes da data prevista. Hoje a China conta com 108 institutos espalhados por 46 países. Só a Europa conta 41 delegações em 19 países, Portu-

gal incluído. Em termos de concentração de interesse segue-se a Ásia, onde se encontram os parceiros tradicionais da China, com 31 institutos em 16 países. O país do mundo com mais delegações do Instituto Confúcio são os Estados Unidos da América, com 27 delegações. Se é a China que oferece, é o mundo que consome.

“O ensino da língua chinesa não é só uma preocupação da China, mas também de outros países que acham necessário o domínio do chinês para fazer comércio com a China”, afirma Zhang Guoqing, vice-director do Gabinete Nacional de Ensino do Chinês como Língua Estrangeira, organismo do Governo Central que gere o Instituto Confúcio. Ao fim e ao cabo ter hoje a China como parceiro estratégico é uma posição invejável e, porventura para quem ainda não o conseguiu, um objectivo incontornável dada toda a pujança da economia chinesa e a sua crescente influência na economia global. Estados perseguem o estreitamento de relações com a China com o vigor de um desígnio nacional. Empresários de todo o mundo, indiferentemente do ramo de actividade ou dimensão, elegem a China a sua grande prioridade. Todavia, negociar com a China, não é uma questão linear, como explica aquele dirigente: “Se os negócios de muitos estrangeiros

A Universidade de Desporto de Pequim é uma das muitas universidades chinesas que leccionam programas de chinês como língua estrangeira



Foto: Daniela Romão

na China não correm bem não é só por causa dos produtos, [mas também] por não compreenderem a forma de pensar dos chineses". Falar chinês é, afinal, uma ferramenta que o mundo quer saber manejar. E os países de língua portuguesa não são excepção.

Brasil

No Brasil, por sinal um dos maiores parceiros comerciais da China, "é uma loucura no merca-

do de trabalho – garante Fernanda Ramone –, todo mundo quer vir estudar chinês para a China porque sabe que depois consegue arrumar um bom emprego". Ramone, que foi quadro da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Económico antes de se estabelecer em Pequim, na *China International Tourism Trade Company*, uma empresa chinesa reconhecida pelo Ministério da Educação chinês especializada na importação de estudantes

e trabalhadores estrangeiros para a China, acaba de instalar a sua própria empresa de relações públicas em Pequim. "Estamos muito confiantes, o intercâmbio está crescendo" afirma a académica que virou empresária da cooperação. "Eles [China e Brasil] precisam de gente que saiba falar as duas línguas. No Brasil ainda não são muitos os bilingues português/chinês. Todo o mundo pode falar inglês e chinês mas português não há número suficiente", acrescenta Fernanda Ramone. Só no primeiro semestre do corrente ano lectivo, cerca de 20 alunos brasileiros estudavam em Pequim, "o dobro do ano passado", sublinha Ramone, segundo quem "não é difícil vir [do Brasil] para a China estudar chinês. É 'super rápido'. Um mês, mais ou menos". E há sempre a possibilidade de conseguir uma das 25 bolsas de estudo que o

Ler e escrever chinês

Ao contrário da família das línguas românicas, a que o português pertence, a língua chinesa não utiliza o sistema de codificação fonética do alfabeto. Em vez de letras para formar palavras são utilizados pictogramas – chamados caracteres – que podem ser empregues isoladamente ou em grupos, a que se podem chamar de ideogramas. Por exemplo, a palavra Macau (Aomen em mandarim) escreve-se com os dois caracteres – 澳 e 門 – que, isolados, assumem diferentes significados. Segundo o dicionário da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, o carácter 澳 isolado significa enseada, ancoradouro, Austrália, baía ou Oceânia, e o carácter 門 significa porta, entrada, escola, budismo enquanto seita, ou uma disciplina académica. Macau é, mesmo no seu significado em língua chinesa, uma porta – entre a China e o mundo –, localizada numa baía.





Foto: Carmo Correia

Governo chinês concede anualmente ao Brasil. Ao contrário do que acontece com os acordos com outros países, segundo a nossa interlocutora, as bolsas para o Brasil não incluem as passagens e são monetariamente inferiores às concedidas, por exemplo, aos alunos portugueses.

África

O continente africano, com quem a China tem vindo a reforçar as suas

parcerias, tem merecido uma atenção especial, nomeadamente Angola, que está em vias de se tornar no maior fornecedor de petróleo da China. Neste caso particular o modelo de cooperação é linear: a China dá apoio na reconstrução do país ao nível de infra-estruturas - estradas, hospitais, escolas, entre outras - e, em troca, ganha facilidades e acordos preferenciais nos recursos naturais como o petróleo, de que tanto precisa para alimentar o

seu crescimento económico. Em Angola, como em qualquer outro lugar onde pretenda negociar, a China precisa de gente com quem consiga dialogar, em chinês, daí as grandes apostas na promoção da língua.

De acordo com as estatísticas do Ministério da Educação chinês, em Junho deste ano, mais de oito mil pessoas recebiam formação em 120 instituições de ensino espalhadas por 16 países africanos. Ainda nos últimos anos, e para

Oracle Bone Script	Seal Script	Clerical Script	Semi-Cursive Script	Cursive Script	Regular Script (Traditional)	Pinyin	Meaning
						rì	Sun
						yuè	Moon
						shān	Mountain
						shuǐ	Water
						yǔ	Rain
						mù	Wood
						hé	Rice Plant
						rén	Human
						nǚ	Woman
						mǔ	Mother

Os caracteres chineses

O actual sistema de escrita chinesa é o resultado de um longo processo de depuração dos primeiros pictogramas, desenhados há oito mil anos, que mais não eram do que uma estilização da realidade. A sua primeira aplicação metódica terá sido como uma espécie de linguagem código nas mensagens trocadas entre líderes militares onde eram dadas ordens e informações diversas sobre o terreno das batalhas ou disposição das tropas. No sistema uniformizado de hoje os caracteres são compostos por um conjunto de módulos cujas combinações determinam o sentido da composição final. Os dicionários de língua chinesa dão conta de mais de 48 mil caracteres, contudo a esmagadora maioria caiu em desuso e apenas sobrevive em textos antigos em chinês arcaico. Para se ler um jornal em chinês é “só” preciso o lei-

tor reconhecer uns dois mil caracteres – padrão que a China considera um nível literário médio. Os programas básicos para escrever chinês em computador incorporam entre 6 mil e 13 mil caracteres.

A escrita de um carácter obedece a uma agregação lógica de ideias e é, normalmente, composto por duas partes: uma semântica que dá o sentido, e a outra sonora, de onde se extrai o som. O carácter de madeira, ou árvore, (木), por exemplo, corresponde na sua estilização a uma árvore. Por associação, o carácter final floresta é composto pela justaposição de dois ou três caracteres de árvore (林; 森). Também os caracteres que transmitem o conceito água utilizam módulos-chave ou radicais de água (氵), como rio (河), sumo (汁) ou baía (澳), utilizado para escrever Macau.

fazer face à procura, a China enviou cerca de 530 professores para 35 países em África, onde foram criadas seis delegações do Instituto Confúcio. Entretanto, a China acaba de anunciar que, até 2010,

vai duplicar para 2400 o número de bolsas de estudo que concede aos 50 países do continente africano com os quais tem relações comerciais e proceder à formação de um milhar de funcionários públicos,

dirigentes e professores por um período de três anos. Até 2005, Pequim já tinha atribuído perto de 20 mil bolsas aos mesmos 50 países. Para além da apetência pela aprendizagem do chi-

nês, os alunos do continente africano destacam-se pelo facto de também fazerem a sua preparação profissional nas universidades da China. Depois de receberem pelo menos um ano de formação na língua chinesa, ingressam, a par dos seus cole-

gas chineses, no estudo da sua área profissional. A medicina é, por excelência, a área profissional com mais procura.

Portugal

O Instituto Confúcio também já chegou a

Portugal e funciona em parceria com a Universidade do Minho em Braga, a primeira universidade portuguesa a oferecer uma licenciatura em Língua e Cultura Chinesas e a tornar o chinês uma disciplina obrigatória. Chegou há cerca de um ano, em



Dezembro de 2005, e foi inaugurado no passado mês de Março. Chegou, diz Luís Cabral, professor de Línguas e Culturas Orientais na Universidade do Minho, algo “atrasado”, face ao facto do país ter sido o primeiro da Europa a estabelecer relações estáveis com a China. Contudo a resposta à nova oferta não tardou a se revelar, tendo as 24 vagas disponíveis sido todas elas preenchidas logo na primeira fase. A mesma sorte não teve o Instituto Politécnico de Leiria que este ano lançou um projecto piloto em cooperação com o Instituto Politécnico de Macau, com um único aluno para as 15 vagas disponíveis. A novidade desde programa está na reciprocidade da formação, repartida pelas duas instituições. Depois de um ano de iniciação à língua chinesa, os alunos de Leiria transitam para Macau, onde permanecem para os restantes dois

anos de formação, beneficiando assim de uma total imersão na outra cultura. Vice-versa, os alunos de Macau completam os seus estudos em português em Leiria, sem ter de pagar mais por isso – viagens e alojamento são por conta das instituições. Por outro lado, são actualmente menos de dez os portugueses a estudar chinês em Pequim. Entre estes, vários são luso-descendentes oriundos do Canadá e EUA. João Barroso, director do Centro Cultural em Pequim do Instituto Camões, afirma que os baixos índices de adesão ao ingresso nas universidades chinesas não são explicáveis nem com o valor das propinas, “mais baixas em comparação com os praticados em Portugal ou na Europa”, nem com visto de viagem, “que não é óbice”. Para o também adido cultural da Embaixada de Portugal na RPC o facto deve-se, tão

somente, “ao número de programas curriculares que surgiram em Portugal, desde cursos livres de pequena duração aos programas de licenciatura.” Para além das cinco bolsas anuais concedidas pelo Governo chinês aos alunos portugueses, o Instituto Camões concede, por via do Instituto Português do Oriente (IPOR), mais duas. Outra possibilidade de bolsa é o Programa de Bolsas para Aperfeiçoamento de Línguas e Culturas Orientais, da Fundação Oriente (FO). Por ano, a FO recebe entre seis a dez pedidos de bolsas, refere Isabel Saraiva, responsável pelo programa. “A maior parte dos candidatos é originária dos cursos de curta duração na Universidade Católica, Universidade do Minho, Centro Científico de Macau e outros”, explica. Curiosamente, “não há limite para o número mínimo”, nem mínimo de

Chinês na Internet



Professores, alunos e autodidactas estão cada vez mais a recorrer às novas tecnologias como meio de aprendizagem. No conforto das suas casas ou nas salas de aula, milhares de utilizadores de todo o mundo percorrem as inúmeras ferramentas disponíveis na Internet, desde animações que explicam como desenhar determinado carácter a “podcasts”, um formato de áudio digital facilmente descarregado da Internet, com conversações para ajudar a praticar a fonética e facilitar memorização. O mais popular, o ChinesePod.com recebe cerca de 20 mil visitas por dia e já foi descarregado mais de cinco milhões de vezes desde que foi lançado em Setembro do ano passado. Como forma de maximizar os recursos disponíveis, o próprio Governo Central aderiu às novas tecnologias e lançou oficialmente uma página electrónica, expressamente destinada ao ensino da língua chinesa: www.linese.com.

bolsas concedidas anualmente, alerta a responsável, acrescentando que, neste momento, a FO patrocina os estudos de duas bolsistas em Pequim.

Macau

Em Macau, para além do chinês ser a língua veicular da maior parte das escolas locais, todas as escolas internacionais fomentam, desde os primeiros anos de ensino, a aprendizagem do chinês – muitas vezes em regime obrigatório. A Escola Portuguesa de Macau foi uma das mais recentes

instituições a aderir à tendência com o lançamento, no ano lectivo passado, de uma via de ensino onde o chinês é uma disciplina obrigatória. Também nos currículos leccionados em inglês e português pela Universidade de Macau, frequentada por vários alunos lusófonos, o chinês é uma cadeira obrigatória. A forte apetência pelo chinês surgiu nos anos que antecederam o fim da administração portuguesa do território, em 1999. Desde então tem vindo a somar o número de adeptos, nomeadamente depois 2003, quando a

China atribuiu a Macau o papel de plataforma de cooperação com os países de língua portuguesa. Hoje os que já dominam a língua tentam aperfeiçoar os seus conhecimentos e, para quem ainda começou a aprendizagem, não faltam alternativas. A Universidade de Macau promove especializações em língua, cultura e literatura chinesas e o Instituto Politécnico licenciaturas como interprete tradutor português/chinês e ambas as instituições lançam regularmente cursos para não falantes. Ainda no âmbito do ensino superior, tanto



Foto de Arquivo

o Instituto de Formação Turística como o Instituto Inter-Universitário (participado em 50 por cento pela Universidade Católica de Portugal), oferecem o chinês como língua de opção nos seus cursos de longa e curta duração. Os funcionários públicos podem sempre inscrever-se nos programas promovidos pelos Serviços de Administração e Função Pública (SAFP). O Centro de Difusão de Línguas dos Serviços de Educação, disponibiliza cursos para o público em geral. Além da vasta oferta por parte das insti-

tuições de ensino, muitas entidades, desde clubes recreativos a associações de jornalistas, leccionam os seus cursos de curta duração de língua chinesa. Mesmo quem alega não ter tempo para ir às aulas se pode desculpar nos dias que correm, uma vez que se pode recorrer, caso a sua situação profissional o permita, aos serviços de explicadores que se deslocam ao local de trabalho para lições privadas. Quem quiser optar por ir aprender ou aperfeiçoar os seus conhecimentos no interior do País pode sempre fazê-lo contactando

directamente as universidades ou recorrendo às instituições de Macau que desenvolvem programas em articulação com essas universidades. Richard Withfield, vice-reitor do Instituto Inter-Universitário de Macau, explica que foi assinado um acordo com a *Beijing Sports University* (BSU) especialmente dirigido para o intercâmbio de estudantes internacionais em que o aluno recebe créditos académicos pela frequência em Pequim, adicionando-os ao seu programa académico. A BSU - a mesma que abriga os atletas que

Como se desenha um carácter

Ao invés de letras para formar palavras, o sistema chinês utiliza sete diferentes traços. Um carácter pode ser desenhado com apenas um traço, o caso do número “um” (一) ou mais de 30. Os dois caracteres de Macau (澳門) escrevem-se com um total de 23 traços. Regra geral o carácter desenha-se da esquerda para a direita e de cima para baixo, mas há excepções... Se o carácter é composto por dois ou mais módulos, estes são

desenhados em separado. Em vez de linhas, as folhas caligráficas chinesas são quadriculadas e o resultado final do carácter, independentemente do número de traços utilizados, deve ocupar basicamente a mesma dimensão, dentro do quadrado. Quando obedece a todos os diversos factores que lhe estão associados – desde a preparação da tinta, à posição do pincel na mão, passando pelas técnicas de respiração – a caligrafia

é considerada uma forma de arte cuja importância na cultura chinesa é apenas comparável, enquanto expressão artística, à pintura. Os métodos de escrita num computador obedecem aos princípios básicos da construção dos caracteres consoante os módulos que integra e a sua disposição. Em vez de letras os teclados exibem traços e módulos-chave e alterando os módulos ou a sua sequência obtêm-se diferentes caracteres.



Estudante

學生

(tradicional)

学生

(simplificado)

Macau

澳門

(tradicional)

澳门

(simplificado)

Tradicional e simplificado

Em 1956 a China optou por simplificar o sistema de escrita tornando-o acessível a um maior número de indivíduos. Ainda que mantendo o sistema de ideogramas, muitos dos caracteres mais complexos – compostos por um elevado número de traços – foram substituídos por versões mais simples, com menor número de traços. Apenas Macau, Hong Kong e Taiwan continuam a utilizar o sistema tradicional ou de caracteres complexos. Quem domina uma das versões pode descodificar a outra com relativa facilidade porque a simplificação só abrange uma parte dos caracteres e, por outro lado, a maneira

de simplificar cada módulo é sempre a mesma, independentemente do carácter em que se integra.

Hoje em dia a questão é um meio problema pois, utilizando o computador, a transformação de um tipo de escrita no outro faz-se de maneira automática.

representam a China em competições internacionais - é uma entre centenas de outras instituições de ensino superior da China que remodelou as suas instalações e criou um departamento de acolhimento para estudantes internacionais onde, para além da língua e cultura chinesas, são leccionadas metodologias negociais chinesas – leia-se “como fazer negócios na China”.

Para a lusofonia

Se Macau é, por excelência, um espaço privilegiado para dar resposta ao crescente interesse que os chineses vêm demonstrando pela língua portuguesa (ver nº1 da **MACAU**, Dezembro 2005), também é um facto que Macau caminha para se tornar num centro

difusor da língua chinesa, especialmente para os países lusófonos.

Lei Hong Iok, presidente do Instituto Politécnico de Macau, admite que, a par de ser um centro para a difusão da língua portuguesa na China,

Macau poderá tornar-se igualmente num “centro de estudo de chinês para alunos lusófonos”, já que se trata de uma cidade chinesa. Para outros, como Maria Antónia Espadinha, directora do Departamento de Português da Universidade de Macau, trata-se de uma aspiração antiga, legítima e, acima de tudo, viável.



Foto: Luis Almoater

Aludindo aos actuais níveis de sucesso em cursos congéneres de língua e cultura portuguesas - inicialmente leccionados a menos de uma dezena de alunos – Antónia Espadinha considera que já se deveria ter avançado com mais projectos porque “cada ano lectivo que passa é uma oportunidade desperdiçada”. ■



Foto: Arquivo

Há uma variedade de meios para aprender chinês. É só mesmo preciso querer

- Se é um curso intensivo de curta duração no seu país de origem que procura, deve indagar junto da Embaixada da República Popular da China nesse país. O mais provável é o seu país já contar com um Instituto Confúcio (<http://english.hanban.edu.cn/>) e as principais universidades oferecerem programas de iniciação. Se não, pode tentar as câmaras de comércio entre o seu país e a China que costumam oferecer programas de iniciação. Custos comparativamente baixos.
- Se prefere frequentar um curso intensivo na China, de um a três meses, os custos rondavam, à data de edição, os 1300 dólares norte-americanos por mês para a matrícula ao que deve acrescentar pelo menos mais três dólares por dia para despesas de alimentação – no recinto da universidade. Se pretende um quarto privado, terá de pagar o alojamento de uma suposta segunda pessoa. Por norma este preço já inclui uma visita pelo interior do país. Por norma as universidades chinesas iniciam cursos todos os meses mas terá de solicitar, com a devida antecedência, o necessário visto junto da

Embaixada da RPC local. Se ao pedido de visto for anexado o comprovativo da matrícula, o documento é concedido de imediato. Custos comparativamente médios/altos.

- Se o que tenciona é tirar uma licenciatura e reside em Portugal pode inscrever-se, aos preços correntes do ensino superior português, na Universidade do Minho ou no Instituto Politécnico de Leiria. Em ambos os casos receberá formação em Portugal e na China, ao abrigo de diversos protocolos de reciprocidade. Custos comparativamente médios.
- Se a ideia é matricular-se numa universidade da China tem duas opções. A primeira é candidatar-se a uma das bolsas de estudo já concedidas pelo Governo chinês ao seu país ou tentar uma bolsa directamente do Governo Central (<http://www.csc.edu.cn/en/>). As inscrições abrem normalmente no princípio do ano civil com as aulas a iniciarem-se no fim do Verão. No Brasil, as bolsas não cobrem as despesas da viagem que, à data de edição, rondavam os mil dólares norte-americanos, ida e volta. Os vistos são atribuídos depois de a candidatura ter sido aceite pelos diversos organismos do Governo chinês. Se optar por outro curso que não o de língua chinesa, é importante que esteja seguro do curso que quer seguir, já que, mais tarde, será difícil conseguir autorização para um eventual pedido de transferência para outro curso. Custos comparativamente baixos.

- Se decidir arcar com as despesas da matrícula, tenha em conta que os montantes praticados na China são ligeiramente inferiores aos praticados em Portugal ou na Europa. Terá contudo de contactar directamente a universidade que pretende frequentar. Pode consultar uma lista das universidades e opções académicas disponíveis na página electrónica do Ministério da Educação chinês (<http://www.moe.edu.cn/>). Custos comparativamente altos. ■

Se quer aprender chinês

Pequim e São Paulo mais próximas

O mês de Dezembro de 2006 marca o arranque dos voos da *Air China* que ligam Pequim a São Paulo via Madrid. A companhia aérea pretende apostar no mercado de turismo e negócios. O voo semanal é o primeiro entre a China e um país da América latina e é também o primeiro a ligar, numa só rota, a China, a Europa e a América do Sul. A *Air China* optou por fazer escala em Madrid porque permite aos passageiros chineses encontrar mais facilmente ligações para outros voos com destino à América do Sul, um mercado turístico que as agências turísticas chinesas querem explorar. A nova rota da transportadora aérea foi também um desejo manifestado por vários países participantes no Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa.



China líder da produtividade

A China terá o maior crescimento do mundo em produtividade nas próximas duas décadas. A conclusão foi do presidente da Confederação Mundial da Produtividade. De acordo com Jean-Claude Lauzon, a China tem algumas vantagens apreciáveis, nomeadamente em termos de recursos humanos. O país tem atraído grandes volumes de investimento directo estrangeiro e muitas empresas têm transferido os seus centros de produção e de investigação para cidades chinesas. O presidente da confederação acredita também que a produtividade vai melhorar muito graças às invenções realizadas pelos chineses, desde que o país reduza a poluição e o consumo energético.



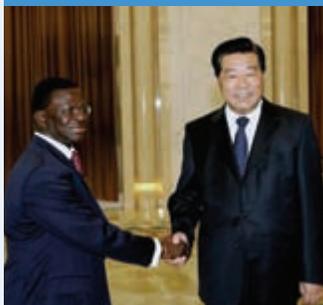
Terceiro destino de investimento estrangeiro

A China é o terceiro país que mais investimento directo estrangeiro atrai no mundo, após o Reino Unido e os Estados Unidos da América. Estes resultados constam do Relatório Mundial de Investimentos de 2006, publicado pela Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento. Ainda segundo o documento, entre todos os países em desenvolvimento, a China recebeu mais investimento directo estrangeiro, com 72,4 mil milhões de dólares americanos no ano de 2005. O Ministério do Comércio chinês divulgou, porém, que o investimento directo estrangeiro materializado sofreu uma queda de 1,52 por cento nos primeiros nove meses de 2006.



Cimeira sino-africana cimenta cooperação

No âmbito da cimeira sino-africana, realizada em Novembro em Pequim, foi adoptada uma declaração proclamando o estabelecimento de uma nova parceria estratégica entre a China e o continente africano e lançado um novo plano de acção. A aprovação da Declaração e do Plano de Acção de Pequim seguiu-se à assinatura de acordos comerciais entre empresas chinesas e países africanos no valor de 1,9 mil milhões de dólares. Foi ainda anunciado o perdão da dívida dos países altamente endividados e dos menos desenvolvidos, como é o caso de todos os países africanos de língua portuguesa.





Exportações China - Brasil batem recordes

As exportações chinesas para o Brasil atingiram 826 milhões de dólares norte-americanos em Outubro, um crescimento de 12,6 por cento em relação ao mês anterior, de acordo com dados do Ministério do Comércio Exterior do Brasil. Esse é o maior valor mensal da história das relações comerciais entre os dois países. No sentido inverso, as vendas brasileiras para a China subiram 16,5 por cento para 752 milhões de dólares norte-americanos tendo mantido em Outubro o terceiro lugar na lista de destino das exportações do Brasil, atrás dos Estados Unidos da América e Argentina.



Ações conjuntas em África

O Governo chinês admitiu estar aberto a propostas portuguesas para ações conjuntas de cooperação em África, entendidas como uma forma positiva de ajuda ao desenvolvimento. Zhou Yabin, director-geral do Departamento de Assuntos Africanos e da Ásia Ocidental do Ministério do Comércio, reconheceu que a ajuda chinesa ao desenvolvimento é feita sobretudo de forma bilateral mas admitiu que as ações de cooperação trilateral, com Portugal, China e um país africano seriam “uma forma nova e positiva de ajuda ao desenvolvimento”. Zhou Yabin garantiu que “se Portugal fizer uma proposta, será considerada positivamente”.



China constrói estádios de futebol

A China vai investir cerca de 30 milhões de dólares americanos na construção de um estádio nacional de futebol em Moçambique, com capacidade para 42 mil lugares, o primeiro do género após a independência. Pequim enviou uma equipa de 12 técnicos chineses que estiveram a avaliar os locais disponíveis para a construção do estádio, todos na província de Maputo. As obras deverão ficar concluídas em dois anos. Cabo Verde também vai ter um estádio nacional, igualmente financiado pela China. As obras daquela que será a próxima grande infra-estrutura a ser construída em Cabo Verde pela China vão arrancar em meados ou finais de 2007. O futuro estádio nacional vai situar-se na Cidade da Praia.



Pequim-Macau a preços competitivos

A *Hainan Airlines* opera, desde o mês de Outubro, sete ligações aéreas semanais entre a RAEM e Pequim. A transportadora justifica a decisão com o forte desenvolvimento turístico do território e a crescente competitividade do Aeroporto Internacional de Macau. Segundo a companhia aérea, as tarifas não deverão ultrapassar as 1500 patacas, de forma a manter os preços abaixo da concorrência. A *Hainan Airlines* firmou acordos com a *Transair* e a *Eva Air*, transportadoras de Taiwan, podendo qualquer uma das empresas vender bilhetes para as rotas entre Macau e Pequim e entre Taipé e o território.

Previsões dos almanaques chineses

A renovação do ciclo anual e o ambiente de festa a ele associado é um fenómeno praticamente universal. E apesar de na China ainda se utilizarem outros calendários além do gregoriano, na prática há uma quase coincidência entre os ciclos anuais da generalidade do Ocidente e da China, o que permite que se possa dizer que 2007 será o ano do Porco, de acordo com o calendário chinês. O calendário lunar é utilizado para indicar as datas das festividades tradicionais que, em geral, são datas móveis. Assim, o primeiro dia do novo ano lunar pode calhar algures entre finais de Janeiro e meados de Fevereiro. Mas, no calendário usado pelos astrólogos chineses, que é um calendário solar, o ano começa em regra a 4 de Fevereiro (às vezes a 3 ou a 5 de Fevereiro), do mesmo modo que a Primavera ocidental começa no dia 21 de Março (e, às vezes, a 20 de Março), ou seja, é uma “data fixa”.

Em termos do calendário lunar, este ano do Porco vai começar no dia 18 de Fevereiro de 2007. Ou melhor, a festividade do Ano Novo Chinês será celebrada nessa data, embora, em termos

astrológicos rigorosos, nessa altura o ano do Porco já tenha começado há 14 dias. Mais concretamente poderá dizer-se que o ano do Porco terá início às 13h20 (hora de Pequim e de Macau) do dia 4 de Fevereiro de 2007. Para Cabo Verde e o Brasil essa “passagem de ano” ocorrerá às 03h20 (hora em vigor em Brasília e nos estados de S. Paulo e Rio de Janeiro, entre outros); para a hora em vigor em Portugal, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau, o evento astronómico terá lugar às 05h20; em Angola, às 06h20; em Moçambique às 07h20; e em Timor-Leste, às 14h20.

Em termos astrológicos, este ano do Porco define-se como um ano *ding-hai*, sendo *ding* o “tronco celeste” que representa o Fogo (na modalidade *yin*) e *hai* o “ramo terrestre” a que corresponde o Porco.

A astrologia popular associa a este signo as ideias de paz e de sossego e também a importância da família. A hora chinesa do Porco corresponde ao período do dia entre as 21 e as 23 horas, momento tradicionalmente associado ao recolhimento familiar. Aplicada à cena internacional, esta simbologia sugere

um ano em que as nações se viram mais para si próprias e refreiam os seus intuítos expansionistas ou agressivos. No entanto, quando elaboraram os seus prognósticos, os astrólogos chineses baseiam-se mais na interacção dos cinco elementos do que na simbologia derivada do signo do ano. Para eles, o mais significativo é que vamos iniciar mais um ano em que os dois elementos dominantes estão em contradição. O ano de 2007 é representado, no calendário chinês, pelo carácter (“tronco celeste”) *ding* colocado sobre o carácter (“ramo terrestre”) *hai*, o que significa o Fogo sobre a Água. Ora, uma vez que “a Água conquista o Fogo”, os elementos do ano estão em conflito, o que, no mínimo prenuncia a tensão na relação entre os povos.

No que diz respeito às previsões anuais para os 12 signos chineses, há que ter em conta que o ano vai ser dominado, em termos zodiacais, pela oposição entre os signos do Porco e da Serpente. Por boas ou por más razões, estes dois signos tenderão a ser notícia e a estar no centro dos acontecimentos.

A título de curiosidade, te-

nha-se em conta algumas das celebridades pertencentes a este grupo: Hillary Clinton, Elton John, Steven Spielberg e Woody Allen (signo do Porco); Mudammad Ali, Bob Dylan, Liz Hurley e Maria de Medeiros (Serpente).

Ao contrário do que se poderia pensar, os astrólogos chineses não prevêem um ano pacífico para os nativos do Porco. Afinal o “seu” próprio ano trará, na melhor das hipóteses, grandes desafios. No final, a vitória poderá vir a ser sua mas isso não está garantido à partida. Para os nativos da Serpente, há que ter em conta o choque que existe no Zodíaco

entre este signo e o signo do ano. O elemento Água (do Porco) tenderá a “apagar” ou controlar o Fogo (da Serpente). Isso quer dizer que os nativos deste último signo serão desafiados pelas circunstâncias trazidas pelo ano que vem aí.

Mas há os signos que estão em sintonia com as energias do ano. Antes de mais o Tigre, que forma com o Porco uma “parceria” particularmente harmoniosa. A Água do Porco alimenta e revigora a Madeira do Tigre.

Dois outros signos, o Coelho e a Cabra, estarão numa boa relação com o Porco, já que os três formam uma

família no Zodíaco. Os nativos do Coelho e da Cabra sentir-se-ão apoiados pelas circunstâncias e pelas pessoas com quem vão entrar em contacto.

Uma referência ainda para o Rato e o Dragão, beneficiados por influências particularmente românticas, e o Búfalo, a Serpente e o Galo, em ano de viagens, movimento e mudanças.

Nas páginas que se seguem, o leitor encontrará uma síntese das previsões para os 12 signos, elaborada com base nas análises feitas apresentadas almanaques tradicionais chineses sobre o ano de 2007.

2007





Rato

Apesar de não haver nenhuma relação especial entre os “ramos terrestres” correspondentes aos signos do Rato e do Porco, que é o signo do ano, destaca-se na conjuntura para 2007 a presença da estrela simbólica “O Sol”, que tem uma grande carga positiva. Por outro lado, há que ter em conta uma influência a que os astrólogos chamam “Flor do Romance”, que anuncia muitíssimo boas notícias para os nativos (e sobretudo as nativas) do Rato.

O sol brilhará!

ANOS 1924, 1936, 1948, 1960, 1972, 1984 e 1996

AMOR ★★★★★

Para a maioria este será o aspecto mais beneficiado pela conjuntura astrológica de 2007. Para as pessoas do sexo feminino a influência de “O Sol”, realça o lado yang da vida e, conseqüentemente, o elemento masculino, decisivo para a vida sentimental das mulheres. Para todos, o reverso da medalha – o eventual efeito destrutivo da paixão – estará sempre presente, podendo, por exemplo, abalar a estabilidade familiar.

TRABALHO ★★★

Mesmo na vida profissional “O Sol” também brilhará indicando a presença de pessoas do sexo masculino, que terão uma interferência positiva, por exemplo aparecendo oportunamente a ajudar em momentos difíceis. Aliás, em todos os aspectos da vida – recomendam os astrólogos – deve ser privilegiada a relação com pessoas do sexo masculino, incluindo as parcerias de negócios.

DINHEIRO ★★★

Esta faceta da vida é beneficiada pela conjuntura positiva do ano. A influência *yang* sugere que haverá oportunidades no estrangeiro ou em territórios distantes.

SAÚDE ★★

Não há influências negativas importantes. Mas o ambiente de festa poderá levar a excessos desfavoráveis para a saúde.

O seu signo benfeitor (em 2007) será a Cabra
 Cores favoráveis: branco, verde e amarelo
 Cores desfavoráveis: vermelho e cinzento
 Algarismos de sorte: 2 e 8

☐ FEVEREIRO

○ MARÇO

☒ ABRIL

○ MAIO

☐ JUNHO

☐ JULHO

☒ AGOSTO

☐ SETEMBRO

○ OUTUBRO

☐ NOVEMBRO

○ DEZEMBRO

☒ JANEIRO 2007



Búfalo

Os nascidos sob o Búfalo são conhecidos pela sua capacidade de trabalhar com determinação e persistência, de forma incansável, até que seja alcançado o objectivo definido.

Por isso, mesmo não contando com nenhuma influência positiva relevante a ajudá-los, muitos Búfalos farão em 2007 uma caminhada serena e determinada, cujos resultados se irão revelando num crescendo que culminará já no ano seguinte, 2008, sob a égide do Rato. Influências negativas, pouco importantes, poderão provocar contrariedades e incómodos. Por outro lado, é alta a probabilidade da realização de viagens não planeadas.

Caminhando “à sua maneira”

ANOS 1925, 1937, 1949, 1961, 1973, 1985 e 1997

AMOR ★★

Para o bem e para o mal, a estabilidade será a nota dominante na vida sentimental. Na pior das hipóteses isso poderá tornar a relação desinteressante e, por outro lado, não é uma boa notícia para os solteiros...

TRABALHO ★★★

Antes de mais haverá muito trabalho e, numa fase inicial, poucos resultados visíveis. A eventual realização de viagens de trabalho poderá introduzir um desejável dinamismo à evolução dos acontecimentos, como que despertando uma boa sorte de certo modo adormecida.

DINHEIRO ★★

Não será fácil ganhar dinheiro, pelo que os Búfalos devem estabelecer estratégias conservadoras nos negócios e evitar investimentos arriscados.

SAÚDE ★★★

O grande perigo é que a pressão do trabalho se repercuta negativamente na saúde. Devem consequentemente tomar as medidas necessárias para que isso não aconteça.

O seu signo benfeitor (em 2007) será a Serpente
Cores favoráveis: vermelho, amarelo e violeta
Cores desfavoráveis: verde e preto
Algarismos de sorte: 4 e 7

☐ FEVEREIRO

▣ MARÇO

☐ ABRIL

▣ MAIO

☐ JUNHO

▣ JULHO

▣ AGOSTO

▣ SETEMBRO

▣ OUTUBRO

☐ NOVEMBRO

▣ DEZEMBRO

▣ JANEIRO 2007



Tigre

Há uma relação positiva existente entre os dois signos. Eles formam uma parilha no Zodíaco oriental, o que sugere uma complementaridade entre o nativo do Tigre e as circunstâncias e “energias” trazidas por este ano do Porco. Por outro lado, há que ter em conta que a energia universal (*qi*) circula do Porco (Água) para o Tigre (Madeira) pois “a Água alimenta a Madeira”.

O ano certo!

ANOS 1926, 1938, 1950, 1962, 1974, 1986 e 1998

AMOR ★★★★★

Esta será a área da vida dos Tigres em que a combinação com o ano se fará sentir de forma mais directa. A sugestão de um casamento (ou outra forma de parceria) é bastante forte. Uma outra pessoa entrará em cena e mudará muitos aspectos da vida dos Tigres. Alguém que os compreenderá e apoiará (quase) incondicionalmente.

TRABALHO ★★★

A circulação de *qi* alimentando a Madeira tornará os Tigres suficientemente fortes e apoiados. Mas o signo do Porco simboliza a boa sorte que se esconde sob uma capa de desinteresse. Os Tigres deverão imitá-los: quanto menos se mostrarem interessados em determinado objectivo, mais facilmente este será alcançado.

DINHEIRO ★★★

A mesma filosofia do desinteresse aparente deve ser adoptada nesta área. Assim sendo, os resultados surgirão de forma espontânea e não através do esforço. O grande desafio que este ano do Porco traz aos nativos do Tigre é aprenderem a ultrapassar o seu natural voluntarismo – há outros caminhos para o sucesso e a felicidade que não passam pelo esforço.

SAÚDE ★★★

A grande tentação será o comodismo, que dará lugar à falta de atenção com a saúde.

O seu signo benfeitor (em 2007) será o Dragão

Cores favoráveis: amarelo, cor-de-laranja e vermelho

Cores desfavoráveis: branco e verde

Algarismos de sorte: 5 e 8

☒ FEVEREIRO

☐ MARÇO

☒ ABRIL

☒ MAIO

☒ JUNHO

☐ JULHO

☒ AGOSTO

☐ SETEMBRO

☒ OUTUBRO

☒ NOVEMBRO

☒ DEZEMBRO

☐ JANEIRO 2007



Coelho

O encontro entre o Coelho e o Porco é um encontro de familiares ou amigos pois as energias correspondentes são compatíveis.

Além disso há uma circulação de *qi* (energia universal) do Porco (elemento Água) para o Coelho (elemento Madeira), já que, segundo a tradição, "a Água dá nascimento à Madeira". Os Coelho podem pois contar com muito apoio e alguma estabilidade, já que tudo o que encontram tende a ser semelhante a eles próprios e à situação preexistente. Isto é, há pouca predisposição para mudanças.

O progresso será lento mas seguro.

Progresso, harmonia e poder

ANOS 1927, 1939, 1951, 1963, 1975, 1987 e 1999

AMOR ★★★★★

No campo afectivo, incluindo não só a vida sentimental mas também as relações familiares e as amizades, o tom harmonioso do ano poderá concretizar-se de forma mais evidente. É possível desenvolver relacionamentos construtivos e resolver com relativa facilidade os diferendos. Será igualmente fácil encontrar pessoas com quem se tem muito em comum, verdadeiras almas gémeas, em termos de entendimento e sensibilidade.

TRABALHO ★★★★★

Influências favoráveis abrem o caminho para o sucesso. Os Coelho terão a visão e a determinação necessárias para alcançar os objectivos que definirem para si próprios. Se aceitarem os desafios, tornar-se-ão poderosos.

DINHEIRO ★★★

Não é uma área em que devam apostar muito. O dinheiro surgirá como consequência natural do sucesso, mas devem evitar a tentação de querer ir mais longe do que isso.

SAÚDE ★★★

Segundo o almanaque de Rocky Sung Siu Kwong, haverá condições naturais para uma mente sã num corpo são, mas é indispensável manter a adequada disciplina para que tudo continue bem.

O seu signo benfeitor (em 2007) será o Cão
 Cores favoráveis: vermelho, castanho e preto
 Cores desfavoráveis: branco e verde
 Algarismos de sorte: 2 e 8

☒ FEVEREIRO

☐ MARÇO

○ ABRIL

☐ MAIO

○ JUNHO

☒ JULHO

○ AGOSTO

☐ SETEMBRO

○ OUTUBRO

☒ NOVEMBRO

☐ DEZEMBRO

☒ JANEIRO 2007



Dragão

O Dragão vive dos grandes “voos” apaixonados à conquista do impossível.

Ao passo que o Porco – que domina 2007 – sugere a filosofia e a estratégia do não-esforço e a arte de ganhar apenas porque se sabe (ou se tem a sorte de) estar no lugar certo e na hora certa. Os Dragões terão de encontrar um meio-termo de compromisso entre estes dois mundos, que talvez sejam mais diferentes na aparência do que na realidade.

Há que ter em conta, por outro lado, que, para muitos dos nativos deste signo, o ano precedente foi dominado pela instabilidade, que ainda se poderá fazer sentir nos primeiros meses do novo ano. Mas depois tudo se regularizará.

Um tempo para amar!

ANOS 1928, 1940, 1952, 1964, 1976, 1988 e 2000

AMOR ★★★★★

Aqui a influência “Fénix Vermelha” promete o melhor. Os mais beneficiados serão os que têm demandado um encontro mágico com a alma gémea, ou alguém que se aproxime disso. Este ano pode tornar-se inesquecível.

TRABALHO ★★★★★

Também na vida profissional a componente humana será decisiva. A sua capacidade de influenciar positivamente as outras pessoas estará aumentada e constituirá um trunfo. Há a capacidade de transformar adversários em aliados e desfazer inimizades. Os mais beneficiados de todos serão os que, na sua actividade profissional, têm de contactar outras pessoas ou o público em geral.

DINHEIRO ★★★★★

Haverá benefícios materiais e financeiros decorrentes do ambiente auspicioso do ano. Além disso, dizem os almanaques, surgirão oportunidades de fazer dinheiro devido à intervenção de pessoas generosas ou pela mera conjugação positiva das circunstâncias.

SAÚDE ★★★

Os almanaques prevêm pequenas perturbações mas, no geral, os prognósticos serão positivos.

O seu signo benfeitor (em 2007) será o Búfalo
Cores favoráveis: amarelo, castanho e vermelho

Cores desfavoráveis: cinzento e preto

Algarismos de sorte: 4 e 6

FEVEREIRO

MARÇO

ABRIL

MAIO

JUNHO

JULHO

AGOSTO

SETEMBRO

OUTUBRO

NOVEMBRO

DEZEMBRO

JANEIRO 2007



Serpente

Uma coisa parece quase garantida para os nativos da Serpente para este ano do Porco: a mudança. “Nada será como dantes”, pelo menos em determinados aspectos das suas vidas mais tocados por esta conjuntura.

A Serpente e o Porco são signos que se opõem no Zodíaco, pelo que em 2007 estará activada essa oposição natural, que simboliza um conflito de energias. Aliás, a Água (elemento do signo do Porco) controla ou destrói o Fogo (da Serpente), o que quer dizer que, na melhor das hipóteses, mantém este segundo elemento sob pressão.

A face do desafio

ANOS 1929, 1941, 1953, 1965, 1977, 1989 e 2001

AMOR ★

Deste ponto de vista, o ano promete tudo menos a paz ou o aborrecimento. Este ano do Porco vai certamente “dar luta” – é a única certeza. Para os nativos do sexo masculino pode significar competição na vida sentimental. Mas para os do sexo feminino o “desafio” pode, em alguns casos, acabar por ter uma tônica positiva e romântica.

TRABALHO ★★

Aqui as possibilidades vão desde o muito mau ao muito bom. Alguém vai querer impor-se (a Água controla o Fogo) e condicionar o destino dos nascidos sob o signo da Serpente. Mas se souberem reagir com flexibilidade e inteligência acabarão por ficar numa situação mais poderosa do que aquela em que se encontravam inicialmente.

DINHEIRO ★★

Uma estratégia conservadora nos investimentos e nas transacções comerciais trará os melhores resultados possíveis.

SAÚDE ★

As influências são mais negativas do que positivas, quanto mais não seja pela tensão provocada.

O seu signo benfeitor (em 2007) será o Rato
 Cores favoráveis: azul, preto e branco
 Cores desfavoráveis: vermelho e cor-de-laranja
 Algarismos de sorte: 5 e 3

☐ FEVEREIRO

☐ MARÇO

☐ ABRIL

☐ MAIO

☐ JUNHO

☐ JULHO

☐ AGOSTO

☐ SETEMBRO

☐ OUTUBRO

☐ NOVEMBRO

☐ DEZEMBRO

☐ JANEIRO 2007



Cavallo

Haverá mais boas do que más notícias, mas isso não garante um ano tranquilo.

Pelo contrário, o Porco trará grandes desafios aos nativos do Cavallo. Entre outras razões porque o elemento do ano tenderá a controlar ou destruir o elemento do seu signo de nascimento.

Mas como o Fogo estará forte, os nativos do Cavallo tenderão a reagir segundo a sua natureza (impulsiva, frontal, combativa e apaixonada), o que poderá colocá-los perante situações difíceis.

Desafios no horizonte

ANOS 1929, 1941, 1953, 1965, 1977, 1989 e 2001

AMOR ★★★★★

As previsões são positivas no que diz respeito à vida sentimental e familiar e às amizades.

TRABALHO ★★★

Um ano cheio de potencialidades. Uma das influências auspiciosas ajudá-los-á a progredir e a desfazer adversidades. Neste ano do Porco, a energia universal (*qi*), na sua vertente de elemento Água, circulará no sentido de controlar (ou tentar controlar) o elemento Fogo, do Cavallo. Nas regras da astrologia chinesa, isso significa Poder. Os nativos do Cavallo terão de escolher se querem ser dominados ou preferem construir o seu próprio poder.

DINHEIRO ★★

Haverá oportunidades e perigos. A possibilidade de ganhar dinheiro é grande mas o perigo de o perder também estará presente. Portanto, uma estratégia conservadora será a mais indicada no que diz respeito aos negócios e ao dinheiro. Em qualquer dos casos haverá sempre um saldo positivo decorrente das boas influências do ano.

SAÚDE ★★★

Este será um dos trunfos do ano. Os nativos do signo sentir-se-ão bem e isso ajudá-los-á a encarnar os acontecimentos de forma positiva.

O seu signo benfeitor (em 2007) será o Porco
 Cores favoráveis: castanho, verde e amarelo
 Cores desfavoráveis: branco e azul
 Algarismos de sorte: 3 e 7

☒ FEVEREIRO

☒ MARÇO

☐ ABRIL

☐ MAIO

☒ JUNHO

☒ JULHO

☐ AGOSTO

☒ SETEMBRO

☒ OUTUBRO

☐ NOVEMBRO

☒ DEZEMBRO

☒ JANEIRO 2007



Cabra

Os nascidos sob o signo da Cabra não são geralmente muito assertivos.

Procuram fazer o seu caminho na vida sem incomodar nem serem incomodados.

O signo do Porco, que domina este ano de 2007 tem igualmente uma simbologia pacífica. Assim, o ano de 2007 promete aos nativos da Cabra a harmonia e a estabilidade, o que é particularmente desejável, dada a presença de algumas influências negativas. Por outras palavras, os problemas surgirão mas serão resolvidos.

Ficar quieto e confortável

ANOS 1931, 1943, 1955, 1967, 1979, 1991 e 2003

AMOR ★★★

De uma maneira geral, o relacionamento com os outros tende a ser harmonioso. No campo sentimental, se “não acontecer nada” isso já será uma boa notícia. É que a presença de algumas “estrelas” negativas predispõe para momentos de isolamento ou de instabilidade emocional, que poderão, por si próprios, criar problemas onde eles não existiam.

TRABALHO ★★★

A conjuntura do ano tende a gerar a estabilidade e um progresso discreto mas sólido. É melhor caminhar assim do que pecar por excesso de ambição. Ano mais favorável às pessoas cuja actividade assenta na criatividade: as suas ideias serão brilhantes e o seu trabalho será reconhecido – dizem os almanaques.

DINHEIRO ★★

A presença de influências negativas recomenda a prudência. Mas, uma vez respeitado este conselho, os nativos da Cabra devem encarar o futuro com optimismo. O dinheiro e os bens surgirão de forma natural e não como resultado do esforço.

SAÚDE ★★

O ponto fraco estará na ansiedade e na dificuldade em descontrair-se e descansar.

O seu signo benfeitor (em 2007) será o Galo
Cores favoráveis: castanho, verde e amarelo
Cores desfavoráveis: vermelho e branco
Algarismos de sorte: 1 e 4

☐ FEVEREIRO

☒ MARÇO

○ ABRIL

☐ MAIO

☒ JUNHO

○ JULHO

☐ AGOSTO

☐ SETEMBRO

○ OUTUBRO

☒ NOVEMBRO

○ DEZEMBRO

☐ JANEIRO 2007



Macaco

O Macaco gosta de surpreender e distinguir-se exibindo os seus inúmeros talentos, como a sua capacidade especial de resolver problemas difíceis e desenhencilhar-se de situações complicadas. Por seu turno, o Porco, signo que domina 2007, está em muitos aspectos nas antípodas do Macaco – não tenta mostrar mas consegue quase tudo pela forma como se relaciona com os seus semelhantes. Devido a esta discrepância poderão surgir imprevistos e contrariedades mas, dizem os almanaques, os nativos do Macaco contarão com o apoio de influências positivas e do “homem nobre” que os ajudarão a transformar, como por magia, situações negativas em positiva. Nem tudo se obtém pelo esforço ou pelo calculismo.

Quanto menos melhor

ANOS 1932, 1944, 1956, 1968, 1980, 1992 e 2004

AMOR ★★★

Pode não ser um ano formidável, mas será certamente animado. Muito convívio e muita festa, mas haverá pouca capacidade de controlar a evolução dos acontecimentos.

TRABALHO ★★★

Ano de criatividade – o seu valor profissional será reconhecido. Mesmo assim, os nativos do Macaco deverão esforçar-se por actuar de forma discreta, já que o excesso de exposição atrairá problemas

DINHEIRO ★★

Devem acreditar apenas no dinheiro que decorre da actividade profissional ou da rotina dos negócios e não nas “grandes oportunidades” e “grandes negócios”, que atrairão mais problemas do que riqueza.

SAÚDE ★★

Uma vida demasiado agitada desequilibrará as energias vitais.

O seu signo benfeitor (em 2007) será a Cabra
 Cores favoráveis: vermelho, castanho e amarelo
 Cores desfavoráveis: verde e azul
 Algarismos de sorte: 2 e 9

☐ FEVEREIRO

☐ MARÇO

☐ ABRIL

☐ MAIO

☐ JUNHO

☐ JULHO

☐ AGOSTO

☐ SETEMBRO

☐ OUTUBRO

☐ NOVEMBRO

☐ DEZEMBRO

☐ JANEIRO 2007



Galo

Muito centrados em si próprios e na perfeição, os nativos do Galo poderão levar algum tempo até se adaptarem às energias do Porco, signo que domina o ano. O Porco vive bem com as coisas não muito claramente definidas (eles sabem o que querem, embora finjam que não). Ao passo que os Galos tendem para a inflexibilidade e o perfeccionismo.

Isso significa que, de uma maneira geral, os nativos do Galo estarão muito dependentes dos seus próprios actos e não tanto de ajudas externas. Se actuarem de maneira sábia e inteligente conseguirão alcançar boa parte do que pretendem.

Ano assim-assim

ANOS 1933, 1945, 1957, 1969, 1981, 1993 e 2005

AMOR ★★

Para as pessoas do sexo feminino, poderá ser um ano aparentemente muito romântico, mas as novas relações que se iniciarem este ano tenderão a ser pouco duradouras. Mas para os nativos em geral, as previsões apontam para a estabilidade.

TRABALHO ★★★

Esta será provavelmente a área da vida com maiores potencialidades. Apesar de previsíveis obstáculos e rivalidades, há a registar o surgimento do “homem nobre”, uma influência que significa ajuda de pessoas poderosas e generosas. Além disso, uma outra influência faz prever o progresso e o reforço do estatuto profissional, sobretudo para os que desempenham funções de gestão. Os nativos do Galo devem preferir o sucesso real e discreto ao sucesso espectacular, já que este último atrairá rivalidades.

DINHEIRO ★★

Não há nenhuma influência particularmente positiva. Por isso, os nativos do Galo devem actuar de forma sensata, jogando pelo seguro e evitando riscos.

SAÚDE ★★

Devem dedicar muita atenção a este aspecto das suas vidas. Não há influências agressivas, mas há o perigo de um estilo de vida demasiado tenso levar à exaustão.

O seu signo benfeitor (em 2007) será o Macaco

Cores favoráveis: branco, azul e preto

Cores desfavoráveis: castanho e verde

Algarismos de sorte: 8 e 3

☐ FEVEREIRO

▬ MARÇO

⊕ ABRIL

☐ MAIO

▬ JUNHO

▬ JULHO

⊕ AGOSTO

☐ SETEMBRO

▬ OUTUBRO

▬ NOVEMBRO

☐ DEZEMBRO

⊕ JANEIRO 2007



Cão

Neste ano do Porco os nativos do Cão deverão privilegiar o pragmatismo e o lado prático das coisas.

Por outras palavras, é importante que saibam definir com exactidão o que querem, já que o modo como vai circular a energia universal (*qi*) recomenda essa atitude.

Entre as diversas influências do ano, a mais importante é a que induz uma boa capacidade de relacionamento e comunicação. Este será o motor do sucesso e da felicidade durante os 12 meses – “haverá o poder de transformar inimigos em aliados”, dizem os almanaques.

tão, como por milagre, tudo acontecerá de forma natural e bem sucedida.

A magia humana

ANOS 1934, 1946, 1958, 1970, 1982, 1994 e 2006

AMOR ★★★★★

A presença no destino de uma influência chamada “Flor de Pessegueiro”, em conjugação com a “Felicidade Celestial”, quase garante um ano fora do comum neste campo, bem como em tudo o que envolva o relacionamento entre pessoas. Será mais fácil manter o espírito positivo e isso alterará positivamente todos os aspectos da vida.

TRABALHO ★★★

Também neste campo, a chave estará na capacidade de estabelecer um relacionamento positivo com os outros. Os nativos do Cão só terão a ganhar se acreditarem sempre na sua capacidade de resolver os problemas e de fazer os outros alterarem as suas decisões. Um ano de progresso, em que poderão contar com o apoio de outras pessoas.

DINHEIRO ★★

Neste campo os astrólogos alertam para alguns perigos potenciais, que recomendam que se evitem estratégias ou investimentos arriscados. Isso não impede que se consigam progressos sólidos neste campo, desde que sejam seguidos caminhos seguros.

SAÚDE ★

Este será dos aspectos mais vulneráveis no destino dos nativos do Cão para 2007. Acima de tudo devem evitar o cansaço excessivo e o *stress*.

O seu signo benfeitor (em 2007) será o Tigre
 Cores favoráveis: castanho, verde e amarelo
 Cores desfavoráveis: branco e cinzento
 Algarismos de sorte: 1 e 7

FEVEREIRO

MARÇO

ABRIL

MAIO

JUNHO

JULHO

AGOSTO

SETEMBRO

OUTUBRO

NOVEMBRO

DEZEMBRO

JANEIRO 2007



Porco

A repetição do mesmo signo não é necessariamente uma circunstância positiva. A generalidade dos almanaques e dos astrólogos chineses tende a interpretar mais pela negativa do que pela positiva o facto de o signo de nascimento e o signo do ano serem o mesmo. A nota dominante será a incerteza. Há uma grande predisposição para a mudança e a melhor atitude é estar preparado para isso, tentando então tirar o maior partido possível dessa sintonia voluntária com as energias do tempo. Assim as potencialidades positivas do ano mais facilmente se manifestarão.

Incerteza e oportunidade

ANOS 1935, 1947, 1959, 1971, 1983, 1995 e 2007

AMOR ★★

O ano poderá ficar marcado pela mudança. Um tipo qualquer de alteração em relação ao *status quo*. Para os que vêm de uma experiência difícil, a mudança poderá significar o fim dos problemas. Ao passo que para os restantes são várias as possibilidades.

O importante é que os nativos do signo não percam o norte e não se deixem impressionar. Na verdade, a probabilidade de um acontecimento seriamente negativo é pequena.

TRABALHO ★★★

Este será o campo com maiores potencialidades. Na medida em que os nativos do Porco não se vergarem perante as dificuldades e se mantiverem serenos e confiantes, assim o que inicialmente parecia um problema se transformará, em pouco tempo, em oportunidade e boa sorte.

DINHEIRO ★★★

Quando a conjuntura não é muito estável, como é o caso, o melhor será jogar pelo seguro.

SAÚDE ★

Este será o ponto mais vulnerável. Os nativos do Porco deverão tratar bem de si próprios, quer do ponto de vista físico quer psíquico.

O seu signo benfeitor (em 2007) será o Cavalo
Cores favoráveis: vermelho, castanho e amarelo
Cores desfavoráveis: preto e cinzento
Algarismos de sorte: 2 e 6

☐ FEVEREIRO

☒ MARÇO

☒ ABRIL

☒ MAIO

☐ JUNHO

☒ JULHO

☒ AGOSTO

☐ SETEMBRO

☒ OUTUBRO

☐ NOVEMBRO

☒ DEZEMBRO

☐ JANEIRO 2007



As actuações de Ryuichi Sakamoto e da Orquestra Sinfónica de Colónia marcaram a XX edição do Festival Internacional de Música de Macau, realizado entre 6 de Outubro e 5 de Novembro.





Fotos: Instituto Cultural



“World Press Cartoons 2006”



O humor do mundo, retratado pelo humor gráfico de imprensa, o desenho de humor, o cartoon editorial e a caricatura, chega em Macau em Dezembro pela mão da Fundação Oriente. Trata-se de uma colectânea dos melhores trabalhos dos melhores cartoonistas do mundo publicados na imprensa escrita em 2005 e premiados pela “World Press Cartoon”. Para esta segunda edição do certame foram seleccionados 464 trabalhos da autoria de 213 cartoonistas e provenientes de 48 países – desde o Brasil, com o maior número de participações, à China.

Casa Garden, Macau
A partir de Dezembro

Impromptu Pour Un Voyage

A exposição de João Ó já terminou mas merece ficar registada por ser única - foi a primeira vez que a galeria do colectivo artístico Videotaje (vídeo+montagem), em Hong Kong, abriu as portas a uma exposição individual, contrariando o historial de mostras colectivas. O vídeo do artista multimédia de Macau, "Impromptu pour un voyage", foi apresentado em dois ecrãs gigantes projectados num canto do espaço da galeria, aproveitando a geometria para descrever um imenso livro visual em que as paredes funcionam como páginas em que a viagem de barco aparece projectada. Não existe uma identificação clara acerca da geografia ou do tempo da viagem, até porque, como afirmou João Ó, "o momento da viagem apresenta-se como espaço intangível de memória. O vídeo começa com um fim registando o processo criativo do artista". Para quem não viu, nem tudo está perdido: pela primeira vez, João Ó decidiu registar em livro o trabalho vídeo, "um livro em que a textura do papel tenta de algum modo reproduzir o som da imagem".



“Barcos e pontes”

de Kit Kelen

Aguarelas, pintura chinesa ou esboços. Tudo isto se encontra no trabalho de Kit Kelen (Christopher Kelen). Para além das artes visuais, o australiano lida também com as palavras. De facto, Kit Kelen é também conhecido no seu país pelos seus poemas. É frequente, por isso, juntá-los numa só peça. Para além de Hong Kong, alguns dos trabalhos já foram expostos em Macau, em Abril de 2006. Na mais recente exposição a solo, no Centro de Indústrias Criativas, Kit Kelen tenta mostrar as mudanças de Macau que ele assistiu a partir da janela do seu estúdio. É também uma chamada de atenção para as transformações do território.

Centro de Indústrias Criativas, Macau

Até 14 de Dezembro

“Nos trabalhos de Pintura”

de Lai

A galeria de Tap Seac, em Macau, apresenta a obra de Lai Ming. O artista nasceu em Macau e vive precisamente o território, e o seu trabalho histórico, que se inspira nos trabalhos em exibição de Tap Seac, é inovativo e moderno de arte. Tanto a pintura de Lai Ming como a de Tap Seac, a pintura de Lingnan, que combina os estilos chinês e ocidental e procura novos temas que reflectam a realidade do momento. Lingnan é também sinónimo de espírito crítico e inovação, mas sempre sem virar as costas à longa história da arte chinesa.

Galeria de Tap Seac, Macau

Até Janeiro

Gravuras chinesas em madeira

O Museu de Macau tem trazido para as mostras temporárias costumes e objectos relacionados com as celebrações do ano lunar. 2007, ano do porco, não é excepção. A exposição temporária abre portas em Janeiro. São gravuras em madeira alusivas ao ano novo chinês. 66 peças provenientes do norte da China, ligadas aos deuses, aos símbolos da sorte, à mitologia, às histórias clássicas ou à ópera chinesa. Algumas peças remontam à dinastia Ming.

Museu de Macau, Macau

A partir de Janeiro

Budapeste

Do livro para os palcos. O romance “Budapeste” do escritor e músico brasileiro Chico Buarque foi adaptado para o teatro. A encenação é do teatro D. Maria II e a estreia mundial está marcada para Lisboa em finais de 2007. A peça já foi apresentada oficialmente, com a presença de Chico Buarque que se encontrava em Portugal para uma série de concertos. A peça “Confissões de Leontina” da brasileira Lygia Fagundes Telles e uma nova encenação de “O que diz Molero” de Diniz Machado são duas outras apostas da nova programação.

Teatro D. Maria II, Lisboa
Final de 2007

Projecto de “Artista Residente”- Vem! Luta Comigo! 2º Round

de Makoto Matsushima vs. Toru Iwasita



Está aí o segundo round!!! O projecto “Artista Residente - Vem! Luta Comigo!” trouxe pela primeira vez a Macau, em Abril de 2006, o japonês Makoto

Matsushima e o holandês Michael Schumacher. Os dois bailarinos dirigiram três pequenas demonstrações de “improvisação de contacto”. O segundo round deste “Vem! Luta Comigo!” junta Makoto Matsushima a outro bailarino japonês, Toru Iwasita. Enquanto este explora mais os sentimentos interiores, Makoto Matsushima dá mais ênfase à relação entre o homem e o ambiente, utilizando objectos quotidianos para estimular os instintos básicos do corpo. Na sua dança estão muito presentes as artes marciais, como o kendo,



聽風的卡夫卡

「劇場・舞臺・劇場」系列
環境舞蹈劇場・聽風的卡夫卡
Chico Buarque's "Budapeste"
Teatro dança especial "Confissões de Leontina"
A site-specific dance theatre

“Kafka escutando o vento”

É um espectáculo feito com a prata da casa. A coreógrafa, Jane Lei, é uma referência no teatro-dança em Macau. Formada em dança, em Paris, regressou há cerca de uma década ao território, onde tem desenvolvido vários projectos. O mais recente é este “Kafka escutando o vento”, inspirado em três obras literárias. A peça de teatro-dança foi feita para um espaço que não um palco. É também apresentada à tarde e ao início da noite, de forma a criar diferentes iluminações, logo, diferentes espectáculos.

Foyer do Centro Cultural Macau
De 7 a 9 de Dezembro

aikido ou tai chi. Assim, os dois bailarinos japoneses, especialistas em dança improvisada, vão “confrontar-se” no palco. Quem sairá vencedor deste 2º round? Estão agendados, entre os dias 31 de Dezembro e 4 de Janeiro, workshops de improvisação em dança, orientados pelos dois bailarinos japoneses.

Pequeno Auditório Centro Cultural de Macau
29/30 Dezembro

“Só Podias Ser Tu o Musical”

Meng Li Jun é uma obediente filha. Está noiva de um amigo de infância, Huang Fu Shao Hua. Na sequência de traições, os pais da noiva



são condenados à morte. Meng Li Jun foge, disfarçada de homem. Mais tarde, ainda a fazer-se passar por homem, Meng Li Jun regressa à corte como o melhor classificado nos exames imperiais. O antigo noivo, porém, desconfia que conhece aquele “homem” de algum lugar. Entretanto, atento, também está o imperador... É este o enredo do espectáculo, orçado em mais de 30 milhões de patacas, que junta no palco Casanova Adam Cheng e a estrela de cinema Connie Chan.

Grande Auditório Centro Cultural Macau
24/25 Dezembro

Concerto de Ano Novo 2007: Johann Strauss Capelle de Viena

O grupo nasceu da dinastia Strauss- o pai e os filhos Johann, Josef e Eduard. A orquestra foi tocando em várias partes do mundo, sempre acompanhando o progresso musical da família Strauss. A partir de 1843, a orquestra arranhou imagem nova:



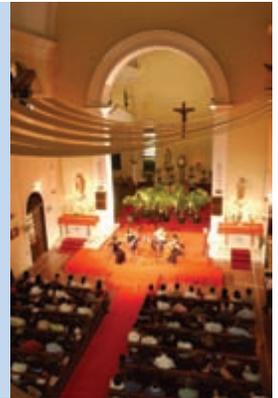
um fato (vermelho e branco) para os espectáculos especiais. Característica que mantém. O grupo continua a interpretar as composições da família Strauss e sempre que há ocasiões especiais, não faltam os casacos vermelhos e as calças brancas.

Grande Auditório Centro Cultural
5 Janeiro de 2006

Ciclos de Concertos da Orquestra de Macau

Três dias antes da comemoração dos sete anos da RAEM, a Orquestra de Macau festeja o aniversário na Igreja de S. Domingos, interpretando Ye Xiaogang, Lam Bun Ching, Smetana e Tchaikovsky. Wang Ching, na *pipa*, e os restantes músicos sob a direcção do maestro En Shao. No mesmo local, o Natal chega também mais cedo, dia 23, com a “Oratória de Natal” de Bach. Uma obra coral, composta por seis cantatas,

concebidas para serem executadas em seis alturas diferentes. Bach baseou-se em algumas cantatas seculares, renovando-as com textos sagrados. O concerto vai contar com quatro cantores líricos e o coro filarmónico de Taipé. O próximo Ciclo Obras-primas do Romantismo, dia 21 de Janeiro, apresenta



Edvard Grieg, o mais importante compositor norueguês do final do séc. XIX. Um concerto que marca os 100 anos da morte de Edvard Grieg. “Adeus minha concubina”, de Guan Xia faz parte do programa do concerto do Ciclo de Música Chinesa, “Retrato Orquestral”. Dia 27 de Janeiro, na Igreja de São Domingos, com Li Xinciao na batuta. A música russa no Teatro D. Pedro V. É a 3 de Fevereiro, integrada no Ciclo de Concertos de Câmara. Ao palco sobem Mussorgsky, Rimsky-Korsakov e Tchaikovsky.

Igreja de S. Domingos e Teatro D. Pedro V, Macau
De Dezembro de 2006 a Fevereiro de 2007

Revista “Língua Portuguesa”

É uma publicação inédita no Brasil. Apesar do espaço dedicado à língua portuguesa em quase todos os *media* e do sucesso de vendas dos livros e manuais dedicados ao português, nunca tinha existido no país uma revista que se debruçasse sobre a questão. A Revista Língua Portuguesa é assim a primeira do género em todo o Brasil. A publicação pretende abordar os aspectos mais relevantes da língua e ser um instrumento de actualização de conhecimentos e de qualificação pedagógica. Os editores prometem uma leitura agradável, simples e com humor.

Outubro de 2006, Editora Segmento, Brasil

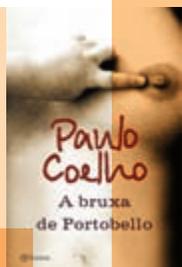


“A Bruxa de Portobello”

de Paulo Coelho

Um jornalista, uma actriz de teatro, o dono de um restaurante. Estas e outras vozes dão o testemunho sobre a vida de Athena, uma mulher única que provocou amor e ódio entre as pessoas que se cruzaram na sua vida. São estes os ingredientes da mais recente obra de Paulo Coelho, “A Bruxa de Portobello”. A história é baseada em factos reais, à imagem da maioria dos livros que o escritor brasileiro já escreveu. Neste romance, os leitores também tiveram uma palavra a dizer. Antes da publicação, Paulo Coelho colocou num blog os primeiros doze capítulos do livro, o que lhe permitiu ter uma perspectiva antecipada da opinião dos leitores sobre a história.

Setembro de 2006, Editora Planeta, Brasil



“China de Lótus”

de Graça de Abreu

Este é já o 11º livro de Graça de Abreu. Todos, sem excepção, “com a China lá dentro”. A garantia é do próprio poeta e tradutor de

obras chinesas. “China de Lótus”, é um livro de poesia, o quarto do género de Graça de Abreu, “talvez o mais perfeito no que à minha poesia diz respeito”. Graça de Abreu tem dedicado grande parte da vida à China, onde viveu, trabalhou e casou. O autor ficará para sempre associado às traduções que fez de alguns dos maiores poetas e outros escritores clássicos chineses.

2006, Nova Vega Editora, Lisboa

“Lin Tchi Fá”

de Maria Anna Accinioli Tamagnini Barbosa

Foi pela primeira vez publicada em 1925. “Lin Tchi Fá – Flor de Lótus” reúne poemas de Maria Anna Accinioli Tamagnini Barbosa. A obra viu nascer uma segunda edição em 1991, integrada na colecção “Poetas de Macau” do Instituto Cultural. 2006, nova edição. É a terceira e foi lançada no Instituto Cultural na presença do filho da autora, Mariano Tamagnini Barbosa, o também fundador da Casa de Macau em Lisboa. 2006, Instituto Cultural, Macau

“História e Desenvolvimento dos Correios e Telecomunicações de Macau, Vol. II – História Postal de Macau 1884-1999”

de Luís Virgílio de Brito Frazão

Foi um trabalho que exigiu uma longa investigação, como aconteceu aliás no primeiro volume da “História e Desenvolvimento dos Correios e das Telecomunicações de Macau”, cuja análise inicia-se em 1798 e termina em 1884. Desta vez, Luís Virgílio de Brito Frazão, pega neste tema



onde o tinha deixado, isto é, em 1884 e desenvolve-o até 1999, ano que marca o fim da administração portuguesa. No final do século XIX tudo era novo para Macau: as estampilhas do correio, as novas tabelas de portes, as comunicações com os países vizinhos ou a telegrafia eléctrica. Este volume II faz toda essa viagem (com imagens dos selos que se emitiam assim como as cartas onde eram aplicados) até chegar

ao final do século XX.
2006, Correios de Macau, Macau

“Macau que eu conheci – Anos 20 e 30”

de Maria do Céu Saraiva Jorge

Maria do Céu Saraiva Jorge descreve-o como um pequeno livro de memórias. Memórias da terra e de gentes que se cruzaram com a autora durante a sua infância vivida em Macau nos anos 20 e 30, “um Macau que já não existe”. “Macau que eu conheci” foi escrito muitas décadas depois dessa infância, quando a antiga professora se aposentou do ensino em Portugal. No prefácio, Marcelo Rebelo de Sousa lembra o percurso da autora, que passou pela revista “Palestra” e pelos “Cadernos de Pedagogia” e pela elaboração de uma gramática de língua inglesa (adoptada pelas escolas portuguesas nos anos 50). O comentador político recorda ainda que Maria do Céu Saraiva Jorge foi também responsável pela primeira tradução global dos sonetos de Shakespeare. Nesta obra porém, aborda os anos 20 e 30 “com a frescura de um retrato de lugares e gentes que tocaram a autora”.

2006, Instituto Internacional de Macau/ Fundação Jorge Álvares, Macau



“Memórias do Oriente em Guerra”

de Leonel Barros

São memórias de quem testemunhou um período conturbado que marcou a vida e as gentes de Macau. O apego à terra e a curiosidade inata fez com que Leonel Barros nunca parasse de observar e colocar no papel os costumes e as vivências do território e da população. A Guerra Sino-Japonesa e a Guerra do Pacífico constituem um capítulo marcante da história de Macau no século XX. Apesar do



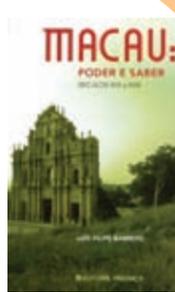
estatuto de neutralidade, as consequências da guerra invadiram e ocuparam o território até 1945. Com a chegada dos japoneses ao sul da China, Macau tornou-se cada vez mais num porto de abrigo para refugiados. Foram momentos difíceis, mas assistiu-se também a uma onda de solidariedade sem precedentes e a um período de enriquecimento cultural nunca antes visto. A tudo isto assistiu Leonel Barros que foi acumulando relatos e histórias, agora reunidas neste livro.

2006, Associação para a Instrução dos Macaenses (APIM), Macau

“Macau: Poder e Saber - Séculos XVI e XVII”

de Luís Filipe Barreto

Os séculos XVI e XVII são as épocas de eleição de Luís Filipe Barreto, como provam



muitos dos seus estudos e investigações. Este “Macau: Poder e Saber” não é exceção, é também uma viagem até aos séculos XVI e XVII, “acompanhando o nascimento e a consolidação de um dos territórios que, por gozar de uma localização geográfica privilegiada, se tornou num dos mais fascinantes da nossa história”.

Ao longo das páginas, assiste-se à rápida transformação de Macau, que começa por ser uma pequena aldeia de pescadores. Se na primeira parte do livro são abordados os poderes económicos, sociais e políticos, na segunda, fala-se sobretudo da cultura, nomeadamente o que da cultura chinesa se conhecia, escrevia e pensava na Europa e o intercâmbio dos mais variados saberes entre Oriente e Ocidente.

Setembro de 2006, Editorial Presença, Portugal

“Macau, C’est Rigolo”

de Armelle

São fotos, muitas fotos de quem diz não ser fotógrafa. Talvez até nem seja, mas com certeza Armelle é uma observadora atenta que não deixa escapar das objectivas aquilo que de mais insólito Macau

tem. Estendais, fios de electricidade, cães, muitos cães, lixo, peixe. Tudo isto se encontra pelas ruas do território. Há também caixas de correio, janelas ou árvores que fazem rir ou sorrir. É um pouco disso tudo que se encontra neste livro de fotografias.

2006, Editions Lei A-Mei, Macau

“The Canton Trade – Life and Enterprise on the China Coast 1700/1845”

de Paul A. Van Dyke

As investigações sobre o delta do Rio das Pérolas é uma das suas especialidades. Por isso talvez não seja de estranhar esta obra de Paul A. Van Dyke, professor assistente de História do Instituto Inter-Universitário de Macau. “The Canton Trade” fala sobre as operações diárias do porto de Cantão, olhando para os sucessos e as falhas. Tudo isto contado como se fosse uma história, já que as páginas acompanham também de perto as vidas de quem trabalhava no porto.

2006, Hong Kong University Press e Instituto Cultural, Hong Kong

Poetas e Poemas – Vozes Poéticas Contemporâneas da Lusofonia e da China

São vinte e duas vozes. Vozes poéticas da lusofonia e da China. Neste “Poetas e Poemas” cruzam-se duas línguas mas muitos mundos (que aqui e ali se tocam). O livro surgiu na sequência do 1^o Encontro de Poetas Lusófonos e Chineses, realizado em Macau. Mais do que marcar o momento, esta edição bilingue quer ser mais do que isso - um primeiro passo para inverter a falta de traduções nas duas línguas da poesia contemporânea. Está dado o passo, através de palavras ou caracteres, o que de melhor se tem feito na China e no mundo lusófono está agora reunido num só poema.

2006, Instituto Internacional de Macau/Fundação Jorge Álvares/Centro Nacional de Cultura, Macau

Dezembro, 2006



“Gil Luminoso”

de Gilberto Gil

Gravado em 1999, somente com voz e violão, “Gil Luminoso” – agora

relançado - é a porção melhor do cantor e compositor baiano que até então se resguardara. São 15 faixas, de forte carácter espiritual, evocando os principais momentos da carreira de Gilberto Gil, pelos aspectos mais filosóficos da sua musicalidade. Há temas do Tropicalismo, canções de auto-conhecimento, política e a densidade humanista que fazem de Gil um dos mais originais criadores do Brasil iluminado.

2006, Biscoito Fino/Gege, Brasil



“Cê”

de Caetano Veloso

Neste “Cê”, há rock e desilusões amorosas. Apesar de Caetano Veloso cantar

questões sociais e problemas raciais, em quase todos os temas do álbum está presente a figura da ex-mulher do cantor, Paula Lavigne. Cê foi produzido pelo guitarrista Pedro Sá, com quem Caetano Veloso colabora desde o álbum “Noites do Norte” (2000), e também por Moreno Veloso, o filho mais velho do cantor.

2006, Universal Music, Brasil



“Armando Santos”

de Armando Santos

Um piano, um macaense nas teclas, a torre de Macau. Assim se apresenta

o mais recente disco lançado pela mão da APIM. O músico e compositor é Armando Santos, que dá nome ao álbum. “Chapa Cherâ Chipí Chuchu” ou “Iou querê vós tanto tanto” são dois dos 12 temas, escritos em patuá e em português pelo macaense que reside em Toronto, no Canadá. Músicas que falam sobretudo de Macau e do ser macaense.

2006, Associação para a Instrução dos Macaenses (APIM), Macau

Open the Door for an International Legal Career

enroll in

Master and Postgraduate of Law in 2006/2007

European Union, International & Comparative Law

The Faculty of Law, University of Macau invites applications for its unique international programs which are aimed at training and creating legal experts for a global career.

The Features

- ◆ Taught by distinguished full-time and visiting professors from diverse parts of the world including Africa, Asia, Australia, Europe, South America and USA.
- ◆ Learn in an international environment with a mix of Oriental, European and International Students.
- ◆ Choice to obtain a postgraduate qualification in one year or to expand further.
- ◆ Opportunity to enhance your legal research, language and writing skills to match international standards.
- ◆ Suitable class hours to enable working students to enrol and qualify.
- ◆ Offered by a University with international standards and reputation, which enjoys exchange agreements with leading universities worldwide.
- ◆ Offered at a place, where Chinese, Civil and Common Law traditions closely interact, providing opportunities for a stimulating learning experience.
- ◆ Choice of topics includes EU Institutional and Trade Law, Common Law as in UK, USA and Australia, WTO and Trade Law, International Criminal Law, International Law of Transactions, Chinese Law, Hong Kong Law and Comparative Legal Systems.
- ◆ Proximity to explore legal traditions and legal markets in China, Hong Kong, Macau and Asian region.

How to Apply

Submit completed applications and other documents to the Registry, University of Macau, Avenida Padre Tomás Pereira, Taipa, Macau.



Further information:

Email: fl.enquiry@umac.mo - Phone: (853) 3974797 Fax: (853) 3974798

University of Macau
Faculty of Law

www.umac.mo/fl/master



Linnele, professora

O mundo não acaba no fio do horizonte

– **Como conheceu Macau?**

– Macau foi o meu primeiro contacto com o Oriente. A primeira vez que cá estive foi em 1994, já lá vão 12 anos. Vim frequentar um estágio para ir dar aulas de inglês como língua estrangeira na China. Estive dois anos em Jiangmen, mais quatro em Cantão e depois regressi aos EUA. Desde o primeiro momento que Macau me pareceu uma cidade acolhedora. Viajei muito durante os anos que estive no Continente e sempre que voltava a Macau sentia-me... em casa. Hong Kong é uma cidade linda e fascinante mas Macau tem qualquer coisa de especial. Talvez porque transmita uma ideia de cidade pacata em pequenos pormenores, como as ruas cobertas de calçada e uma ambiência que transpira o encontro de culturas.

– **O que a fez regressar a Macau?**

– Quando as minhas filhas entraram em idade escolar Macau surgiu como destino ideal para uma família como a nossa. Tinha muito boas recordações de Macau e aqui posso providenciar-lhes uma educação adequada, não só ao nível dos currículos internacionais mas, especialmente, na aprendizagem do chinês.

– **Que reacções lhe provoca o momento que actualmente vive Macau, com este rápido crescimento económico e as transformações por ele induzidas?**

– Macau está muito, muito diferente do que recordava... Já não é mais aquela cidade pacata que eu encontrei. Confesso que tenho algum receio, não pelo desenvolvimento em si, mas pelo ritmo a que as transformações se desenrolam. Com tudo a mudar tão rapidamente será mais difícil de nos apercebermos se estamos a caminhar na direcção certa. Espero também que o trabalho de casa tenha sido feito sobre o número de turistas e a capacidade das instalações que se estão a construir para que Macau não se torne uma cidade fantasma...

– **Que evento gostaria de ver realizado em Macau?**

– Um festival de artes, nas suas mais variadas vertentes, e que se prolongasse por todo o ano e com a presença de artistas de todo o mundo. Algo verdadeiramente internacional. Macau é uma cidade de culturas, um palco perfeito para se explorar a interculturalidade.

– **Quais são os seus amores para além das suas filhas?**

– A música (fui professora de música e sonoplasta) e o diálogo entre culturas. Sinto-me feliz por possuir um passaporte que me permite entrar e sair de quase todos os países do mundo. Eu fui criada numa redoma de vidro e levei muito tempo para me aperceber de que o mundo não acaba no fio do horizonte.

– **Se pudesse viver em qualquer sítio do mundo onde seria?**

– Bem, eu poderia viver em quase todos os pontos do mundo e escolhi Macau. Estou cá há dois anos e não estou nada arrependida...

ANGOLA**Lello, SARL**

Lg. David Cervant

Luanda

Tel: +(244) 2 333 144

BRASIL**São Paulo****Casa de Macau de São Paulo**

Rua Mário Martins de Almeida, 234

04772-150 - SP

Tel: +(55 11) 56685888

FNAC – São Paulo

Loja Paulista

Av. Paulista, 901, ext. Alameda

Santos, 960 - Bela Vista

Rede Siciliano**Banca Cidade Jardim**

Pr. Deputado Dário de Barros, no 15

05670-090 - SP

Tel: +(55 11) 3812-7299

Barão

Rua Barão de Itapetininga, 227

01042-001 - SP

Tel.: +(55 11) 3255-6641

Shopping D

Av. Cruzeiro do Sul, 1100

- Canindé - 2o Piso

03033-020 - SP

Tel: +(55 11) 3313-1944

Shopping Ibirapuera

Av. Ibirapuera, 3103

Indianópolis - Piso Jurupis

04029-903 - SP

Tel: +(55 11) 5543-0071

Shopping Iguatemi

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2232

Jd. América - Piso Térreo

01451-000 - SP

Tel: +(55 11) 3031-9434

Shopping Jardim Sul

Av. Giovanni Gronchi, 5819

Piso 1 - Morumbi

05724-003 - SP

Tel: +(55 11) 3744-1901

Shopping Metrô Santa Cruz

Rua Domingos de Moraes, 2564

- Loja L1/2

04035-100 - SP

Tel: +(55 11) 5083-4616

Shopping Metrô Tatuapé

Rua Domingos Agostim, 91

Segundo Piso

03314-030 - SP

Tel: +(55 11) 6192-9562

Shopping Paulista

Rua 13 de Maio, 1947 -

Piso Maestro Cardim - Bela Vista

01327-020 - SP

Tel: +(55 11) 3289-3507

Shopping Pátio Higienópolis

Av. Higienópolis, 618

Piso Higienópolis

01238-000 - SP

Tel: +(55 11) 3823-2669

Shopping Plaza Sul

Praça Leonor Kaupa, 100

Piso Térreo - Jardim da Saúde

04151-100 - SP

Tel: +(55 11) 5073-8040

Shopping Sp Market

Av. das Nações Unidas, 22540

- Jurubatuba

04795-100 - SP

Tel: +(55 11) 5685-3552

Shopping West Plaza

Av. Antártica, 380 - Bloco A

Segundo Andar - Água Branca

05003-020 - SP

Tel: +(55 11) 3872-7195

Espaço Siciliano - Vila Olímpia

Rua Cardoso de Melo, 630

04548-003 - SP

Tel: +(55 11) 3842-9811

Rio de Janeiro**Casa de Macau do RJ**

R. Gonzaga Bastos, 325, Vila Isabel

CEP 20541-000 - RJ

Tel: +(55 21) 22887225

Rede Siciliano**Leblon**

Ataúfo de Paiva, 1063 A - Leblon

22450-010 - RJ

Tel: +(55 21) 2540-8725

Botafogo Praia Shopping

Praia de Botafogo, 400

Loja 408/409 - Botafogo

22250-040 - RJ

Tel: +(55 21) 2237-9100

Copacabana

Av. N. S. de Copacabana, 766

22050-000 - RJ

Tel: +(55 21) 2548-2683

Rio Branco

Av. Rio Branco, 156 - Centro

20040-006 - RJ

Tel.: +(55 21) 2544-432

Barra Shopping

Av. das Américas, 4666

Primeiro Piso - Barra da Tijuca

22631-004 - RJ

Tel: +(55 21) 2431-9507

São Conrado Fashion Mall

Estrada da Gávea, 899

Segundo Piso - São Conrado

22610-000 - RJ

Tel: +(55 21) 3322-0637

Norte Shopping

Av. Dom Helder Camara, 5474

Piso S - Del Castilho

20774-004 - RJ

Tel: +(55 21) 2595-7504

Brasília**Rede Siciliano****Brasília Shopping and Towers**

Setor Coml. Norte B, QD 05 Lote A

70710-500 - DF

Tel: +(55 61) 3326-6946

Conjunto Nacional

SDN/CNB - Lojas 2083/2087

70077-900 - DF

Tel: +(55 61) 3328-5813

Shopping Liberty Mall

SC/Norte, Quadra CN 02

70710-900 - DF

Tel: +(55 61) 3328-0694

Pátio Brasil Shopping

SCS/B - Lote A, Nível I

70307-902 - DF

Tel: +(55 61) 3323-6789

Park Shopping

SAI/SO Área, 6580 - Primeiro Piso

71211-970 - DF

Tel: +(55 61) (61) 3362-0918

MOÇAMBIQUE**Livraria Minerva**

Rua Consiglieri Pedroso, 66/84

Maputo

Tel: +(258) 21 322 092

Mabuko

Av. Julius Nyerere, 820

Maputo

Tel: +(258) 21 415 865

Europa - América (MOC), Lda.

Av. 24 Julho, 377

Maputo

Tel: +(258) 21 491157

PORTUGAL**Lisboa****Casa de Macau em Portugal**

Av. Gago Coutinho, 142,

1700-033, Lisboa

Tel: +(351) 21 849 5342

**Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal
Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM**

Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c

1069-204 Lisboa

Tel: +(351) 217 936 542

Livraria Nobel

Rua Azedo Gneco, no 60-R/C

Sto Condestável

1350-037 Lisboa

(Campo de Ourique)

Tel: +(351) 213869475

Porto**Livraria Latina**

Rua de Santa Catarina, 2

4000-441 - Porto

Tel: +(351) 22 200 12 94

Aveiro**Livraria Nobel Académica**

Rua Eça de Queirós 62

3810-109 Aveiro

Tel: +(351) 234421494

Espinho**Livraria Nobel**

Avenida 24, 887

4500-201 Espinho

Tel: +(351) 227328210

R.A. Madeira**Funchal****Livraria Nobel**

Rua Vale d'Ajuda-Monumental

Palace II - Loja F

9000-116 S.Martinho Funchal

RA Madeira

Tel: +(351) 291774036

Canico**Livraria Nobel**

Est. João Gonçalves Zarco, Caniço

Shopping, Loja 10

9125-018 Caniço

RA Madeira

Tel: +(351) 291933900/21

TIMOR-LESTE**Hotel Timor**

Rua Mártires da Pátria

Dili

Tel: +(670) 723-2007

MACAU**Livraria Portuguesa**

Rua São Domingos, 18-22

Tel: +(853) 2856 6442

Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"

Tel: +(853) 2832 3957



Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edf. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
email: assinaturas@revistamacau.com Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome:

Morada:

Telefone: Fax:

E-mail:

Angola: 1,150.00 AON

Brasil: R\$ 29.00

Cabo Verde: 1,200.00 CVE

Guiné Bissau: 7,000.00 XOF

Macau: 100.00 MOP

Mundo: US \$13.00

Moçambique: 350,000.00 MZM

Portugal: € 10.00

S. Tomé: 94,000.00 STD

Timor: US \$13.00



delta edições



MACAU 2007
II Asian Indoor Games

**2.ºs Jogos Asiáticos
em Recinto Coberto**

26/10 - 03/11/2007

Força Asiática sem Limites



www.maigoc2007.com



第二屆亞洲室內運動會澳門組織委員會 | Macao 2nd Asian Indoor Games Organising Committee

澳門氹仔體育路 185 號和 195 號 Rua do Desporto n.º 185 e 195, Taipa, Macau Tel: (853) 70 2007 Fax: (853) 71 2007 E-mail: macau@maigoc2007.com